UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE – UFCSPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

Patrícia Graef Vaz

Estimulação Cerebral Não-Invasiva na Reabilitação de Indivíduos com Hemiparesia Crônica após Acidente Vascular Cerebral

Porto Alegre
2017

Patrícia Graef Vaz

Estimulação Cerebral Não-Invasiva na Reabilitação de Indivíduos com Hemiparesia Crônica após Acidente Vascular Cerebral

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do grau de Doutor.

Orientadora: Prof[a]. Dr[a]. Aline de Souza Pagnussat
Co-orientador: Dr. Maurício Andre Gheller Friedrich

Porto Alegre
2017

Catalogação na Publicação

Graef Vaz, Patrícia
Estimulação Cerebral Não-Invasiva na Reabilitação de Indivíduos com Hemiparesia Crônica após Acidente Vascular Cerebral / Patrícia Graef Vaz. -- 2017.
129 p. : il., graf., tab. ; 30 cm.

Tese (doutorado) -- Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, 2017.

Orientador(a): Profa. Dra. Aline de Souza Pagnussat ; coorientador(a): Dr. Maurício Andre Gheller Friedrich.

1. Reabilitação da função motora de indivíduos após AVC. 2. Estimulação cerebral não-invasiva. I. Título.

Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFCSPA com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Lourdes e Henrique Graef, exemplos de força, dedicação, apoio e incentivo. Ao meu marido, Mauro Mancuso Vaz, que foi meu maior incentivador e àquele que esteve ao meu lado em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, quero agradecer a Deus, por ter abençoado todos os dias da minha vida, por iluminar meu caminho e me dar forças para seguir sempre em frente.

Agradeço à professora Aline de Souza Pagnussat, a oportunidade de tê-la como orientadora de Mestrado e, agora, de Doutorado. Tenho muito orgulho de cita-la como uma das responsáveis pela minha formação profissional. Agradeço pela confiança, pela amizade, conselhos e paciência. Você é um belo exemplo de compreensão e competência. Todos que trabalham contigo admiram sua dedicação e amor ao trabalho, à pesquisa e com os alunos e orientados. Aprendemos que é muito mais fácil multiplicar quando sabemos dividir. E o grupo cresceu!!! Os frutos estão sendo colhidos com muito êxito. Muitíssimo obrigado!!!

Foram muitas as pessoas que estiveram ao meu lado durante essa caminhada. Talvez eu não consiga expressar toda a minha gratidão por meio de palavras...

Aos amigos do Grupo de Pesquisa em Análise de Movimento e Reabilitação Neuromuscular – GNeR da UFCSPA. Que apesar de estar, principalmente no final, mais distante, sempre foram pessoas disponíveis a ajudar quando necessário e a conceder palavras de incentivo e encorajamento. À Jaira Ehlers e à Luz Elena Duran que me ajudaram nas avaliações dos pacientes, à Richele Marchese que, além de amiga, sempre com palavras de conforto e incentivo, trabalhou junto e arduamente na nossa revisão sistemática. E, em especial, à minha querida amiga desde o mestrado, Ana Paula Salazar. Sua determinação e energia são contagiantes. Agradeço pela amizade, pelo companheirismo, pelas palavras de apoio nos momentos mais difíceis e pela parceria em todas as ocasiões. Você é um exemplo de força, determinação, generosidade e competência. Obrigada pela confiança.

À amiga, Cinara Stein, que mesmo não fazendo parte do GNeR era como se fosse. Pois foi nossa incentivadora nas revisões sistemáticas e esteve sempre presente. Além de todo o apoio na pesquisa, também dividia as angustias, conquistas e desafios de uma doutoranda, sempre com palavras encorajadoras!

Aos professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde da UFCSPA, pela oportunidade de aprender, pela colaboração e disponibilidade constante.

Às minhas amigas de infâncias, às amigas mais recentes, aos meus colegas de trabalho e alunos, muito obrigada pela paciência e compreensão nas ausências e correrias desses últimos anos. Muitas vezes não pude dar a atenção merecida e/ou não pude confraternizar e auxilia-los como necessário, mas sempre compreenderam e me incentivaram.

Aos meus pais, Lourdes e Henrique Graef, que muitas vezes se doaram e renunciaram aos seus sonhos, para que eu pudesse realizar os meus. Quero dizer que essa conquista não é só minha, mas nossa. Tudo que consegui só foi possível graças ao amor, apoio e dedicação que vocês sempre tiveram por mim. Sempre me ensinaram agir com respeito, simplicidade, dignidade, honestidade e amor ao próximo. E graças à união de todos, os obstáculos foram ultrapassados, vitórias foram conquistadas e alegrias divididas. Muitíssimo obrigada!

À minha irmã Roberta Graef, ao meu cunhado Gilney Mylius e à mais nova integrante da família e minha princesa, Luísa Graef Mylius, agradeço pela paciência e compreensão com minha ausência durante essa longa jornada, pela amizade, carinho e companheirismo de sempre; por estarem sempre torcendo pelas minhas conquistas. Pelo apoio e incentivo incondicional. Obrigada!

Ao meu marido, Mauro Mancuso Vaz, que sempre me incentivou muito e esteve sempre ao meu lado. Meu companheiro de todas as horas que soube entender as ausências, o mau humor e nervosismo, às vezes presente. Sempre com uma palavra, um abraço, um carinho para me acalmar e transmitir força e coragem. Obrigada por me ajudar a fazer as escolhas certas e apoiar as minhas decisões de forma paciente. Obrigada pela paz e conforto que me proporciona, fazendo com que eu tenha forças para seguir em frente.

À toda minha família, tias, tios, primos, avós (Eloísa Stahl dos Santos e Malvina Silva Mancuso) pelo apoio, torcida e confiança que sempre depositam em mim; pelos momentos que não estivemos juntos e souberam entender. Obrigada!

Às demais pessoas que contribuíram direta ou indiretamente na elaboração deste trabalho ou participaram da minha vida, e que, por ventura, eu tenha me esquecido de agradecer.

Epígrafe

“Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu. É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu.”

(Ana Vilela)

RESUMO

O acidente vascular cerebral (AVC) é uma doença cerebrovascular de alta incidência e morbidade na população brasileira, sendo considerada uma das principais causas de incapacidade no adulto. A lesão cerebral ocasionada pelo AVC gera um padrão mal adaptado na atividade neural e modulação entre os hemisférios cerebrais, provocando um desajuste na inibição inter-hemisférica e prejudicando a recuperação funcional do paciente. A estimulação magnética transcraniana repetitiva (EMTr) e a estimulação transcraniana por corrente contínua (ETCC) vêm sendo estudadas como recursos durante o processo de reabilitação, pois atuam no bloqueio ou na redução da plasticidade mal adaptativa podendo reduzir a competição inter-hemisférica.

Há evidências de que a EMTr a ETCC produzem resultados promissores para a melhora da destreza, motricidade, força e função motora de sujeitos após AVC. Além disso, estudos recentes têm investigado os efeitos da estimulação cerebral não invasiva em ambos os hemisférios, como um método que possa maximizar os efeitos na excitabilidade cortical e a recuperação da função motora em indivíduos após AVC. O número de estudos ainda é pequeno e os resultados ainda são controversos. Por isso, há necessidade de maiores investigações sobre os protocolos e os efeitos da EMTr e ETCC em pacientes após AVC. O objetivo desta tese foi verificar os efeitos da EMTr e da ETCC na recuperação funcional de indivíduos com hemiparesia crônica após AVC. Para isso, duas revisões sistemáticas com meta-análise e um ensaio clínico randomizado foram realizados e compõem o trabalho final.

Os resultados encontrados nos artigos realizados mostram que ainda há evidências insuficientes para afirmar que a EMTr associada ao treinamento de membros superiores apresenta efeitos superiores quando comparada à utilização apenas de treinamento de membro superior em indivíduos após AVC crônico. Quanto à utilização da estimulação cerebral não invasiva na reabilitação da marcha, os resultados mostraram que há evidências de qualidade moderada para os efeitos positivos da utilização tanto da EMTr quanto da ETCC no desempenho da marcha de indivíduos em fase aguda e crônica após AVC. Porém, pesquisas futuras são necessárias para investigar os efeitos da estimulação cerebral não-invasiva na habilidade da caminhada e na força muscular de membros inferiores, assim como a

diferença entre os protocolos de inibição e excitação cortical. Por fim, verificamos que a estimulação bi-cefálica, utilizando EMTr de alta frequência no hemisfério contralesional combinado com ETCC anodal no hemisfério ipsilesional induziu melhora na função motora do membro superior, na força muscular do membro superior e na destreza manual de forma similar quando comparado a utilização de apenas uma modalidade de estimulação (EMTr de alta frequência ou ETCC anodal).

De modo geral, podemos concluir que a estimulação cerebral não-invasiva tem se mostrado um método satisfatório e seguro para modular a função do cérebro humano e tem sido considerado uma intervenção promissora para o tratamento dos comprometimentos motores após AVC, porém é necessário o seguimento das pesquisas na área incluindo novos estudos com protocolos padronizados de tratamento com o intuito de otimizar os efeitos terapêuticos da EMTr e da ETCC em pacientes após AVC.

ABSTRACT

Stroke is one of the leading causes of adult disability worldwide. The interhemispheric competition model proposes that motor deficits in stroke patients are a result of reduced output from the affected hemisphere and excess transcallosal inhibition of the affected hemisphere from the unaffected hemisphere. Repetitive transcranial magnetic stimulation (rTMS) and transcranial direct current stimulation (tDCS) have been used as a promising intervention for treating posts-stroke motor deficits.

There is evidence that rTMS and tDCS produces promising results for improved dexterity, motricity, muscular strength and motor function in post-stroke subjects. In addition, recent studies have investigated the effects of noninvasive cerebral stimulation in both hemispheres as a method that can maximize the effects on cortical excitability and motor function recovery in post-stroke subjects. The number of studies is still small and the results are controversial. Therefore, further investigations are still need to establish protocols and to verify the effects after stroke. The objective of this thesis was to verify the effects of rTMS and tDCS on motor functional recovery of individuals with chronic hemiparesis after stroke. For this, two systematic reviews with meta-analysis and randomized clinical trial were performed and are part of the final work.

The results found in the articles show that there is still insufficient evidence to afirm that rTMS associated with upper limb training presents superior effects when compared to the use of only upper limb training in individuals following chronic stroke. Regarding the use of non-invasive brain stimulation in gait rehabilitation, the results showed that there is evidence of moderate quality for the positive effects of both rTMS and rTMS on the gait performance of individuals in acute and chronic phase after stroke. However, future research is needed to investigate the effects of non-invasive brain stimulation on walking ability and lower limb muscle strength, as well as the difference between cortical inhibition and excitation protocols. Finally, we found that bi-cephalic stimulation using high-frequency rTMS in the contralesional hemisphere combined with anodal tDCS in the ipsilesional hemisphere induced improvement in upper limb motor function, upper limb muscle strength and manual dexterity similarly when compared to the use of only one stimulation modality (high frequency rTMS or anodal tDCS).

In general, we can conclude that noninvasive cerebral stimulation has been shown to be a safe and satisfactory method to modulate human brain function and has been considered a promising intervention for the treatment of motor impairment after stroke, but it is necessary to follow the researches in the field including new studies with standardized treatment protocols with the aim of optimizing the therapeutic effects of rTMS and tDCS in patients following stroke.

LISTA DE FIGURAS

REVISÃO DE LITERATURA

ARTIGO 1

ARTIGO 2

ARTIGO 3

LISTA DE TABELAS

ARTIGO 1

ARTIGO 2

ARTIGO 3

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVC	Acidente vascular cerebral
AVD's	Atividades de vida diária
EMTr	Estimulação magnética transcraniana repetitiva
ETCC	Estimulação transcraniana por corrente contínua
M1	Córtex motor primário
OMS	Organização mundial da saúde
SNC	Sistema nervoso central

ARAT	*Action research arm test*
AtDCS	*Anodal transcranial direct current stimulation*
BBT	*Box and block test*
CG	*Control group*
CI	*Confidence interval*
FDI	*First dorsal interosseous*
FMA	*Fugl-Meyer assessment*
HF-Rtms	*High frequency of repetitive transcranial magnetic stimulation*
HRQoL	*Health related quality of life*
IG	*Intervention group*
JTHF	*Jebsen-Taylor hand function test*
LH-Rtms	*Low frequency of repetitive transcranial magnetic stimulation*
MAL	*Motor activity log*
MAS	*Modified ashworth scale*
MD	*Mean deviation*
MEP	*Motor evoked potential*
MI-LE	*Motricity index lower-limb*
NHPT	*Nine-hole peg test*
NIBS	*Non-invasive brain stimulation*
PRISMA	*Preferred reporting items for systematic review and meta-analyses*
RCT	*Randomized clinical trial*
Rmt	*Resting motor threshold*
Rtms	*Repetitive transcranial magnetic stimulation*
SAT	*Speed–accuracy tradeoff*

SMD	*Standardized mean deviation*
SS-QoL	*Stroke scale quality of life*
tDCS	*Transcranial direct current stimulation*
TUG	*Timed up & go test*
WMFT	*Wolf motor function test*
WMFT FAS	*Score of ability function of Wolf motor function test*
WMFT time	*Performed time of Wolf motor function test*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

Modificações no estilo de vida como alterações nutricionais e demográficas ocorridas ao longo do século XX na população brasileira vêm transformando o perfil da incidência de doenças no Brasil. A alta prevalência de fatores de risco como obesidade, sedentarismo, maus hábitos alimentares, tabagismo e hipertensão arterial sistêmica,[1] bem como a diminuição nos índices de natalidade e fecundidade associada ao aumento da expectativa média de vida têm construído um novo perfil de morbimortalidade. Neste contexto, as doenças crônicas não transmissíveis lideram as causas de morte no país.[2]

Dados epidemiológicos revelam que essas doenças são as que demandam mais ações, procedimentos e serviços, sendo responsáveis por altos custos diretos em saúde, os quais totalizam, anualmente, 7,5 bilhões de reais em gastos ambulatoriais e internações.[3] Dentre o grupo das doenças cerebrovasculares, o acidente vascular cerebral (AVC) tornou-se umas das principais causas de morte, já sendo considerado a segunda maior causa de morte no mundo. Observa-se uma incidência anual de 156 casos a cada 100.000 habitantes e mortalidade de 52,61 óbitos por 100 mil habitantes.[4] Além da alta incidência de mortalidade, o AVC é considerado umas das principais causas de incapacidade no adulto.[5]

A má perfusão encefálica após quadros isquêmicos ou hemorrágicos de AVC, sob o ponto de vista clínico, gera distúrbios sensório-motores que decorrem em hemiparesia, incoordenação motora, hipertonia espástica do membro superior e inferior contralaterais à lesão, além de fraqueza muscular generalizada.[6-7] O comprometimento sensório-motor tanto de membro superior quanto inferior estão entre as deficiências físicas mais persistentes e significativas após AVC.[8-9] Os membros superiores e inferiores são de suma importância para a realização das atividades de vida diária (AVD's) e dificuldades na execução de tarefas simples causam um aumento na dependência funcional com consequente diminuição da participação do indivíduo na sociedade.[10]

Em condições de normalidade, a atividade neural ocorre de modo conjunto e balanceado em termos de ação inibitória mútua. Após o AVC esse equilíbrio é perdido, gerando um padrão anormal de atividade entre os hemisférios cerebrais e provocando um desajuste na inibição inter-hemisférica. O córtex motor primário (M1) do hemisfério intacto pode influenciar negativamente a recuperação funcional, devido ao aumento

inibitório exercido sobre o M1 do hemisfério lesado. A existência de competição inter-hemisférica cerebral prejudica a recuperação dos movimentos do braço parético e piora o grau de paresia dos pacientes com comprometimento motor. [11-12] Essa condição de desequilíbrio cortical pode prejudicar a reabilitação e recuperação motora dos pacientes com hemiparesia crônica após AVC.[13]

O uso de ferramentas de neuromodulação, como a estimulação cerebral não invasiva, vem sendo estudada como recurso durante o processo de reabilitação, pois atua no bloqueio ou na redução da plasticidade mal adaptativa podendo reduzir a competição inter-hemisférica.[12, 14-15] A estimulação cerebral não invasiva, como a estimulação magnética transcraniana (EMT) e a estimulação transcraniana por corrente contínua (ETCC), baseia-se no conceito de competição inter-hemisférica para promover um reajuste na atividade cortical, facilitando a atividade elétrica no hemisfério adjacente à lesão ou induzindo a inibição da atividade cortical no hemisfério contralateral (sadio).[13]

Levando em consideração a alta prevalência do AVC na população, a importância dos membros superiores e inferiores para a independência funcional e desempenho das atividades de vida diária, bem como o aumento da utilização da estimulação cerebral não-invasiva na prática clínica, pretende-se com essa tese contribuir para o conhecimento acerca das possibilidades de intervenção terapêutica a fim de intensificar a recuperação funcional do membro superior e inferior parético em indivíduos com hemiparesia crônica após AVC. Contudo, o objetivo deste trabalho foi verificar os efeitos da EMTr e da ETCC na recuperação funcional de indivíduos com hemiparesia crônica após AVC. Para isso, duas revisões sistemáticas com meta-análise e um ensaio clínico randomizado foram realizados e compõem esta tese.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL

O AVC é definido, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), como um quadro clínico resultante da perturbação focal ou global da função cerebral, de rápido desenvolvimento, supostamente de origem vascular, com sintomas que perduram 24 horas ou mais, ou que levam à morte sem outra causa aparente, a não ser de origem vascular.[16]

As classificações existentes para o AVC são definidas com base na etiologia do distúrbio que acomete a vascularização cerebral. A maioria dos casos de AVC é de etiologia isquêmica (cerca de 80%), e a artéria mais comumente obstruída é a artéria cerebral média ou suas ramificações profundas. Os eventos hemorrágicos ocorrem em menor escala (cerca de 20% dos casos).[17] Independente da etiologia, o AVC resulta, frequentemente, em prejuízo das vias sensório-motoras[18] caracterizando-se como uma das principais causas de incapacidade no adulto.[5]

De acordo com dados da OMS, cerca de 15 milhões de pessoas sofrem AVC por ano, no mundo. Desses, aproximadamente cinco milhões morrem e cinco milhões ficam com algum tipo de sequela. No Brasil os estudos epidemiológicos ainda são poucos e, provavelmente, não revelam o real impacto das doenças vasculares na população brasileira. O Ministério da Saúde (2006) relata, no entanto, que as doenças circulatórias são responsáveis pelo impacto expressivo na mortalidade da população brasileira, correspondendo a 32% dos óbitos em 2002. Considerando todas as causas de morte no Brasil no período, o AVC foi responsável por 10,18% dessas mortes.[19] A morbidade nos indivíduos que sobrevivem após o AVC é um dado bastante preocupante. Cerca de 50-60% dos sobreviventes permanecem com algum grau de prejuízo motor, afetando principalmente a função motora e tornando os indivíduos parcialmente dependentes na realização das AVD's.[20-21] Isto mostra que grande parte dos gastos públicos, tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento, são destinados aos cuidados com esses indivíduos. Uma projeção mostra que os gastos decorrentes do AVC chegarão em torno de 61 milhões de dólares por dia em 2020.[22]

2.2 COMPROMETIMENTO MOTOR

Dentre os principais comprometimentos motores após AVC pode-se destacar a hemiparesia;[6-7, 21] a fadiga; o prejuízo na coordenação motora e na destreza; a hipertonia espástica decorrente da interrupção dos circuitos neurais reguladores e do prejuízo da integridade funcional do arco reflexo segmentar;[23] a presença de clônus, a hipereflexia e as anormalidades do controle motor voluntário.[24-25] As alterações são observadas tanto no membro superior quanto no membro inferior após a lesão, porém, a função do membro superior permanece entre as deficiências físicas mais persistentes e significativas no paciente após AVC, mesmo quando programas regulares de reabilitação são seguidos.[8, 26] Essa persistência no déficit motor também pode ser explicada devido a alterações de excitabilidade cortical que ocorrem após uma lesão cerebral, que acabam favorecendo um desequilíbrio na ação inibitória mútua entre os dois hemisférios. Essa competição inter-hemisférica pode comprometer a reabilitação e reforçar os desajustes no controle motor.[13]

A fraqueza muscular também é um comprometimento neuromotor comum em uma variedade de desordens neurológicas centrais e está relacionada diretamente à imobilidade, redução acentuada da atividade física e das condições clínicas sistêmicas.[7] A capacidade de produzir força muscular envolve fatores estruturais, como área de secção transversa e proporção relativa dos tipos de fibras musculares, além de fatores neuro-mecânicos, como relação de comprimento-tensão, força-velocidade e recrutamento de unidades motoras.[27] O comprometimento de qualquer um desses fatores afeta a capacidade de exercer força e reitera a definição de fraqueza muscular.[28] Durante muito tempo afirmou-se que a fraqueza muscular encontrada em pacientes após AVC não era um mecanismo "real", mas apenas resultado do distúrbio de inervação recíproca e da atividade muscular antagonista espástica exacerbada. Acreditava-se que somente o estado contínuo de contração da musculatura antagonista seria responsável por prejudicar a intensidade na geração de força, o índice de produção de força e a coordenação intersegmentar.[29] No entanto, as investigações contemporâneas não conseguiram encontrar provas da contração muscular antagonista continuada durante os movimentos e, em vez disso, demonstraram ativação reduzida da musculatura agonista no membro parético.[29-31]

Atualmente a fraqueza muscular é reconhecida como um fator limitante na recuperação de pacientes após AVC e está diretamente relacionada às dificuldades

no desempenho e independência nas AVD's.[10, 28, 32] Dentre os grupamentos musculares sinergistas na produção de movimentos funcionais do membro superior, os graus de força produzidos por contração isométrica voluntária máxima na preensão palmar e na flexão do ombro são considerados, de forma interdependente, como os principais preditores da função do membro superior em pacientes após AVC.[33-34] A fraqueza muscular no membro inferior, que também é evidente nesses indivíduos, e está associada ao comprometimento no controle motor, gerando padrões anormais e comprometimento na performance da marcha.[35] Após o AVC, os indivíduos normalmente demonstram redução da velocidade de caminhada, diminuição do comprimento da passada e cadência. Essas alterações refletem em um mal desempenho na caminhada e, consequentemente, as atividades na comunidade podem se tornar limitadas e ocasionar um isolamento do indivíduo da sociedade.[36]

2.3 REABILITAÇÃO NEUROFUNCIONAL E ESTIMULAÇÃO CEREBRAL NÃO INVASIVA

Em seres humanos, ocorrem graus variáveis de recuperação espontânea após o AVC. A recuperação mais rápida e pronunciada ocorre durante o primeiro mês, continua de forma mais discreta durante os três primeiros meses e gradativamente reduz ao longo dos meses seguintes.[20] Com relação aos processos relacionados à recuperação motora espontânea, três deles podem ser citados: (a) mudanças na organização funcional do tecido cerebral cortical que circunda a área lesada[37] ativação de áreas motoras e fibras corticoespinais no hemisfério não afetado e (c) aumento na ativação de áreas além da motora primária, como área motora suplementar, córtex parietal inferior, cingulado e ínsula.[38] Embora a recuperação motora seja caracterizada por uma grande variabilidade interindividual e possa ser influenciada por uma série de fatores biológicos e ambientais, existem fortes evidências de que os melhores resultados terapêuticos dependem da escolha e execução adequada da atividade, intensidade e frequência do tratamento.[39-40]

O retorno da função em indivíduos com hemiparesia está relacionado à plasticidade adaptativa nas regiões motoras encefálicas, corticais e subcorticais, em especial daquelas que permaneceram ilesas.[41] Sabe-se que a experiência motora é capaz de produzir mudanças plásticas em encéfalos de animais adultos saudáveis e após lesão.[42-44] Isso porque o tratamento de reabilitação após lesões encefálicas

provoca reorganização no tecido cortical adjacente à lesão, alteração das representações somatotópicas corticais,[5, 45] aumento da expressão de proteínas e modificações na morfologia dendrítica.[46] Essa tendência das sinapses e dos circuitos neuronais de se modificarem em função da atividade está diretamente relacionada à recuperação motora das funções perdidas e é denominada "neuroplasticidade".[38] Estudos realizados em modelos animais revelam que a execução de uma tarefa motora promove plasticidade proporcional ao tempo, continuidade, intensidade e complexidade da tarefa, sendo específica para as áreas de representação encefálica dos segmentos corporais treinados.[47-48] No entanto, deve haver cuidado na escolha do tipo de treinamento, já que diferentes estratégias de reabilitação têm influências variadas na plasticidade neural e na recuperação da função após lesão do sistema nervoso central (SNC).[49]

Os principais objetivos da reabilitação do paciente neurológico são de maximizar a independência funcional nas AVDs e minimizar a imobilização de longo prazo e as incapacidades motoras.[50] A ciência da reabilitação tem hoje diversas formas de tratamento baseada em evidências, no entanto, não há um consenso sobre qual terapia seria a melhor para o paciente com comprometimento neuromotor após AVC.

O uso de ferramentas de neuromodulação, como a estimulação cerebral não invasiva, também tem sido estudada como recurso durante programas de reabilitação, pois atuam no bloqueio ou na redução da plasticidade mal adaptativa, podendo reduzir a competição inter-hemisférica.[12, 14-15] A estimulação cerebral não invasiva, como a EMTr e a ETCC, baseia-se no conceito de competição inter-hemisférica para promover um reajuste na atividade cortical, facilitando a atividade elétrica no hemisfério adjacente à lesão ou induzindo a inibição da atividade cortical no hemisfério contralateral (sadio).[13]

Tanto a EMTr quanto a ETCC visam alterar a excitabilidade cortical.[12] A EMTr (Fig. 1) é uma técnica que utiliza um campo eletromagnético, por meio da indução de cargas elétricas no parênquima cerebral (indução eletromagnética), transformando-se em campo elétrico no córtex atingindo.[51] É uma técnica que emite vários pulsos repetitivos e fornece impulsos elétricos contínuos no cérebro, de modo a produzir alterações a longo prazo na excitabilidade cortical.[12] Em relação ao número de pulsos repetitivos por unidade de tempo, existem dois tipos de EMTr: baixa frequência (≤ 1Hz) e alta frequência (> 3Hz).[52] O uso da EMTr de alta frequência aumenta o fluxo

sanguíneo cerebral na área com consequente aumento da atividade cerebral. A EMTr de baixa frequência, por outro lado, diminui a atividade cerebral.[53]

Figura 1. Estimulação Magnética Transcraniana Repetitiva (adaptado de Kakuda et al, 2012)

A ETCC (Fig. 2) reversivelmente polariza as regiões do cérebro através de aplicação tópica de fracas correntes contínuas.[12] Baseia-se na alteração do potencial de repouso da membrana neuronal para induzir alterações da excitabilidade cortical.[54] São necessários dois eletrodos, ânodo e cátodo, que, dispostos em diferentes montagens, criam um fluxo de corrente elétrica contínua de baixa intensidade que atinge uma região específica do córtex cerebral, modulando-a de acordo com a polaridade: a estimulação anódica despolariza a membrana neuronal facilitando o disparo neuronal, enquanto a estimulação catódica tem efeito oposto de inibir o disparo neuronal em função da hiperpolarização da membrana neuronal.[55-56]

Figura 2 Estimulação Transcraniana por Corrente Contínua (adaptado de Siebner et al, 2004)

Devido à capacidade relativa de alvo focal, do perfil de segurança, do custo relativamente baixo e dos resultados preliminares positivos, essas técnicas têm sido extensivamente testadas para a reabilitação de pacientes pós AVC.[14] A utilização isolada da EMT tem demonstrado, em pacientes hemiparéticos após AVC, melhora da função motora do membro superior parético,[57] melhora na contração muscular de músculos do membro inferior parético[58-59] e diminuição da espasticidade.[60] Estudos

utilizando, isoladamente, a ETCC também demonstraram benefícios para pacientes após AVC, como aumento da força muscular do membro inferior,[61] melhora dos movimentos voluntários de plantiflexão e dorsiflexão,[62] aumento na velocidade do movimento ativo de pinça[12] e na melhora funcional do membro superior.[63] Os efeitos benéficos da estimulação unilateral podem ser explicados porque uma alteração na excitabilidade em um hemisfério pode produzir efeitos de excitabilidade indireta no outro hemisfério por meio de projeções inter-hemisféricas.[64] Assim, tanto a EMTr como a tDCS são capazes de alterar, potencialmente, a excitabilidade diretamente na região estimulada e indiretamente na região homóloga do hemisfério oposto.

Há evidências de que a inserção de atividades motoras antes ou após a EMTr[65-66] ou durante a ETCC[67] produzem resultados promissores para a melhora da destreza, motricidade, força e função da mão parética de pacientes crônicos após AVC. Além disso, estudos recentes têm investigado os efeitos da estimulação cerebral não invasiva em ambos os hemisférios, aplicadas simultaneamente ou uma na sequência da outra, como um método que possa maximizar os efeitos na excitabilidade cortical e na recuperação da função motora em indivíduos após AVC. O número de estudos ainda é pequeno e os resultados ainda são controversos tanto utilizando protocolos de estimulação bi-hemisférica com uma modalidade como tDCS[68-70] ou ETMr[71-72], quanto utilizando a associação das duas modalidades tDCS+ETMr.[73-74]

Torna-se importante a investigação dos estudos realizados até o momento sobre a utilização da EMTr e da ETCC na melhora das funções motoras do membro superior e da reabilitação da marcha em indivíduos após AVC para averiguar os reais benefícios da utilização dessas técnicas na reabilitação após AVC. Além disso, o pequeno número de estudos realizados sobre a utilização da estimulação bi-cefálica com duas modalidades de estimulação cerebral não invasiva mostra a necessidade de mais estudos com o intuito de otimizar a recuperação motora de indivíduos após AVC.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Pereira RAA-S, R. A.; Vale, J. S. The epidemiological transition in Brazil: A literature review. Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente. 2015;6(1):99-108.

2. Barreto SMP, A.R.O.; Sichieri, R.; Monteiro, C.A.; Filho, M.B.; Schimidt, M.I.; Lotufo, P.; Assis, A.M.; Guimarães, V.; Recine, E.G.I.G; Victora, C.G.; Coitinho, D.; Passos, V.M.A. Análise da estratégia global para alimentação, atividade física e saúde da Organização Mundial da Saúde. Epidemiologia e Serviços de Saúde. 2005;14(1):41-68.

3. Malta DCC, A.C.; Moura, L.; Neto, O.L.M.; Junior, J.B.S. A construção da vigilância e prevenção das doenças crônicas não transmissíveis no contexto do Sistema Único de Saúde. Epidemiologia e Serviços de Saúde. 2006;15(3):47-65.

4. Johnston SC, Mendis S, Mathers CD. Global variation in stroke burden and mortality: estimates from monitoring, surveillance, and modelling. Lancet Neurol. 2009;8(4):345-54.

5. Carmichael ST. Plasticity of cortical projections after stroke. Neuroscientist. 2003;9(1):64-75.

6. Andrews AW, Bohannon RW. Distribution of muscle strength impairments following stroke. Clin Rehabil. 2000;14(1):79-87.

7. Bohannon RW. Measurement, nature, and implications of skeletal muscle strength in patients with neurological disorders. Clin Biomech (Bristol, Avon). 1995;10(6):283-92.

8. Teasell RW, Kalra L. What's new in stroke rehabilitation. Stroke. 2004;35(2):383-5.

9. van der Lee JH, Snels IA, Beckerman H, Lankhorst GJ, Wagenaar RC, Bouter LM. Exercise therapy for arm function in stroke patients: a systematic review of randomized controlled trials. Clin Rehabil. 2001;15(1):20-31.

10. Harris JE, Eng JJ. Paretic upper-limb strength best explains arm activity in people with stroke. Phys Ther. 2007;87(1):88-97.

11. Calautti C, Baron JC. Functional neuroimaging studies of motor recovery after stroke in adults: a review. Stroke. 2003;34(6):1553-66.

12. Hummel FC, Cohen LG. Non-invasive brain stimulation: a new strategy to improve neurorehabilitation after stroke? Lancet Neurol. 2006;5(8):708-12.

13. Nowak DA, Grefkes C, Ameli M, Fink GR. Interhemispheric competition after stroke: brain stimulation to enhance recovery of function of the affected hand. Neurorehabil Neural Repair. 2009;23(7):641-56.

14. Adeyemo BO, Simis M, Macea DD, Fregni F. Systematic review of parameters of stimulation, clinical trial design characteristics, and motor outcomes in non-invasive brain stimulation in stroke. Front Psychiatry. 2012;3:88.

15. Schlaug G, Renga V. Transcranial direct current stimulation: a noninvasive tool to facilitate stroke recovery. Expert Rev Med Devices. 2008;5(6):759-68.

16. The World Health Organization MONICA Project (monitoring trends and determinants in cardiovascular disease): a major international collaboration. WHO MONICA Project Principal Investigators. J Clin Epidemiol. 1988;41(2):105-14.

17. Feigin VL, Lawes CM, Bennett DA, Anderson CS. Stroke epidemiology: a review of population-based studies of incidence, prevalence, and case-fatality in the late 20th century. Lancet Neurol. 2003;2(1):43-53.

18. Sharp SA, Brouwer BJ. Isokinetic strength training of the hemiparetic knee: effects on function and spasticity. Arch Phys Med Rehabil. 1997;78(11):1231-6.

19. Garritano CRL, P.M.; Pires, M.L.E.; Barbosa, M.T.S.; Batista, K.M. Analysis of the Mortality Trend due to Cerebrovascular Accident in Brazil in the XXI Century. Arquivos Brasileiros de Cardiologia. 2012;98(6):519-27.

20. Hendricks HT, van Limbeek J, Geurts AC, Zwarts MJ. Motor recovery after stroke: a systematic review of the literature. Arch Phys Med Rehabil. 2002;83(11):1629-37.

21. Schaechter JD. Motor rehabilitation and brain plasticity after hemiparetic stroke. Prog Neurobiol. 2004;73(1):61-72.

22. Guilbert JJ. The world health report 2002 - reducing risks, promoting healthy life. Educ Health (Abingdon). 2003;16(2):230.

23. Satkunam LE. Rehabilitation medicine: 3. Management of adult spasticity. CMAJ. 2003;169(11):1173-9.

24. Ivanhoe CB, Reistetter TA. Spasticity: the misunderstood part of the upper motor neuron syndrome. Am J Phys Med Rehabil. 2004;83(10 Suppl):S3-9.

25. Young RR. Spasticity: a review. Neurology. 1994;44(11 Suppl 9):S12-20.

26. Nakayama H, Jorgensen HS, Raaschou HO, Olsen TS. Compensation in recovery of upper extremity function after stroke: the Copenhagen Stroke Study. Arch Phys Med Rehabil. 1994;75(8):852-7.

27. Folland JP, Williams AG. The adaptations to strength training : morphological and neurological contributions to increased strength. Sports Med. 2007;37(2):145-68.

28. Patten C, Dozono J, Schmidt S, Jue M, Lum P. Combined functional task practice and dynamic high intensity resistance training promotes recovery of upper-extremity motor function in post-stroke hemiparesis: a case study. J Neurol Phys Ther. 2006;30(3):99-115.

29. Gowland C, deBruin H, Basmajian JV, Plews N, Burcea I. Agonist and antagonist activity during voluntary upper-limb movement in patients with stroke. Phys Ther. 1992;72(9):624-33.

30. Canning CG, Ada L, O'Dwyer NJ. Abnormal muscle activation characteristics associated with loss of dexterity after stroke. J Neurol Sci. 2000;176(1):45-56.

31. Davies JM, Mayston MJ, Newham DJ. Electrical and mechanical output of the knee muscles during isometric and isokinetic activity in stroke and healthy adults. Disabil Rehabil. 1996;18(2):83-90.

32. Zackowski KM, Dromerick AW, Sahrmann SA, Thach WT, Bastian AJ. How do strength, sensation, spasticity and joint individuation relate to the reaching deficits of people with chronic hemiparesis? Brain. 2004;127(Pt 5):1035-46.

33. Mercier C, Bourbonnais D. Relative shoulder flexor and handgrip strength is related to upper limb function after stroke. Clin Rehabil. 2004;18(2):215-21.

34. Nascimento LR, Polese JC, Faria CD, Teixeira-Salmela LF. Isometric hand grip strength correlated with isokinetic data of the shoulder stabilizers in individuals with chronic stroke. J Bodyw Mov Ther. 2012;16(3):275-80.

35. Jorgensen HS, Nakayama H, Raaschou HO, Olsen TS. Recovery of walking function in stroke patients: the Copenhagen Stroke Study. Arch Phys Med Rehabil. 1995;76(1):27-32.

36. Alzahrani M, Dean C, Ada L. Relationship between walking performance and types of community-based activities in people with stroke: an observational study. Rev Bras Fisioter. 2011;15(1):45-51.

37. Postans N, Wright P, Bromwich W, Wilkinson I, Farmer SE, Swain I. The combined effect of Dynamic splinting and Neuromuscular electrical stimulation in reducing wrist and elbow contractures in six children with Cerebral palsy. Prosthet Orthot Int. 2010;34(1):10-9.

38. Cauraugh JH, Summers JJ. Neural plasticity and bilateral movements: A rehabilitation approach for chronic stroke. Prog Neurobiol. 2005;75(5):309-20.

39. Michaelsen SM, Dannenbaum R, Levin MF. Task-specific training with trunk restraint on arm recovery in stroke: randomized control trial. Stroke. 2006;37(1):186-92.

40. Thielman GT, Dean CM, Gentile AM. Rehabilitation of reaching after stroke: task-related training versus progressive resistive exercise. Arch Phys Med Rehabil. 2004;85(10):1613-8.

41. Liepert J, Bauder H, Wolfgang HR, Miltner WH, Taub E, Weiller C. Treatment-induced cortical reorganization after stroke in humans. Stroke. 2000;31(6):1210-6.

42. Adkins DL, Boychuk J, Remple MS, Kleim JA. Motor training induces experience-specific patterns of plasticity across motor cortex and spinal cord. J Appl Physiol (1985). 2006;101(6):1776-82.

43. Kleim JA, Barbay S, Nudo RJ. Functional reorganization of the rat motor cortex following motor skill learning. J Neurophysiol. 1998;80(6):3321-5.

44. Kleim JA, Jones TA, Schallert T. Motor enrichment and the induction of plasticity before or after brain injury. Neurochem Res. 2003;28(11):1757-69.

45. Nudo RJ, Wise BM, SiFuentes F, Milliken GW. Neural substrates for the effects of rehabilitative training on motor recovery after ischemic infarct. Science. 1996;272(5269):1791-4.

46. Gonzalez CL, Kolb B. A comparison of different models of stroke on behaviour and brain morphology. Eur J Neurosci. 2003;18(7):1950-62.

47. Graziano M. The organization of behavioral repertoire in motor cortex. Annu Rev Neurosci. 2006;29:105-34.

48. Monfils MH, Plautz EJ, Kleim JA. In search of the motor engram: motor map plasticity as a mechanism for encoding motor experience. Neuroscientist. 2005;11(5):471-83.

49. Foscarin S, Rossi F, Carulli D. Influence of the environment on adult CNS plasticity and repair. Cell Tissue Res. 2012;349(1):161-7.

50. Pak S, Patten C. Strengthening to promote functional recovery poststroke: an evidence-based review. Top Stroke Rehabil. 2008;15(3):177-99.

51. Walsh V P-LA. Transcranial magnetic stimulation: neurochronometrics of mind. . Cambridge: The MIT Press; 2003.

52. Klomjai W, Lackmy-Vallee A, Roche N, Pradat-Diehl P, Marchand-Pauvert V, Katz R. Repetitive transcranial magnetic stimulation and transcranial direct current stimulation in motor rehabilitation after stroke: an update. Ann Phys Rehabil Med. 2015;58(4):220-4.

53. Speer AM, Kimbrell TA, Wassermann EM, J DR, Willis MW, Herscovitch P, et al. Opposite effects of high and low frequency rTMS on regional brain activity in depressed patients. Biol Psychiatry. 2000;48(12):1133-41.

54. Purpura DP, McMurtry JG. Intracellular Activities and Evoked Potential Changes during Polarization of Motor Cortex. J Neurophysiol. 1965;28:166-85.

55. Nitsche MA, Nitsche MS, Klein CC, Tergau F, Rothwell JC, Paulus W. Level of action of cathodal DC polarisation induced inhibition of the human motor cortex. Clin Neurophysiol. 2003;114(4):600-4.

56. Nitsche MA, Seeber A, Frommann K, Klein CC, Rochford C, Nitsche MS, et al. Modulating parameters of excitability during and after transcranial direct current stimulation of the human motor cortex. J Physiol. 2005;568(Pt 1):291-303.

57. Schwerin SC, Yao J, Dewald JP. Using paired pulse TMS to facilitate contralateral and ipsilateral MEPs in upper extremity muscles of chronic hemiparetic stroke patients. J Neurosci Methods. 2011;195(2):151-60.

58. Cacchio A, Paoloni M, Cimini N, Mangone M, Liris G, Aloisi P, et al. Reliability of TMS-related measures of tibialis anterior muscle in patients with chronic stroke and healthy subjects. J Neurol Sci. 2011;303(1-2):90-4.

59. Wheaton LA, Villagra F, Hanley DF, Macko RF, Forrester LW. Reliability of TMS motor evoked potentials in quadriceps of subjects with chronic hemiparesis after stroke. J Neurol Sci. 2009;276(1-2):115-7.

60. Mally J, Dinya E. Recovery of motor disability and spasticity in post-stroke after repetitive transcranial magnetic stimulation (rTMS). Brain Res Bull. 2008;76(4):388-95.

61. Tanaka S, Hanakawa T, Honda M, Watanabe K. Enhancement of pinch force in the lower leg by anodal transcranial direct current stimulation. Exp Brain Res. 2009;196(3):459-65.

62. Madhavan S, Weber KA, 2nd, Stinear JW. Non-invasive brain stimulation enhances fine motor control of the hemiparetic ankle: implications for rehabilitation. Exp Brain Res. 2011;209(1):9-17.

63. Hummel F, Celnik P, Giraux P, Floel A, Wu WH, Gerloff C, et al. Effects of non-invasive cortical stimulation on skilled motor function in chronic stroke. Brain. 2005;128(Pt 3):490-9.

64. Vines BW, Nair DG, Schlaug G. Contralateral and ipsilateral motor effects after transcranial direct current stimulation. Neuroreport. 2006;17(6):671-4.

65. Avenanti A, Coccia M, Ladavas E, Provinciali L, Ceravolo MG. Low-frequency rTMS promotes use-dependent motor plasticity in chronic stroke: a randomized trial. Neurology. 2012;78(4):256-64.

66. Kakuda W, Abo M, Kobayashi K, Momosaki R, Yokoi A, Fukuda A, et al. Application of combined 6-Hz primed low-frequency rTMS and intensive occupational therapy for upper limb hemiparesis after stroke. NeuroRehabilitation. 2011;29(4):365-71.

67. Lindenberg R, Renga V, Zhu LL, Nair D, Schlaug G. Bihemispheric brain stimulation facilitates motor recovery in chronic stroke patients. Neurology. 2010;75(24):2176-84.

68. Mordillo-Mateos L, Turpin-Fenoll L, Millan-Pascual J, Nunez-Perez N, Panyavin I, Gomez-Arguelles JM, et al. Effects of simultaneous bilateral tDCS of the human motor cortex. Brain Stimul. 2012;5(3):214-22.

69. Vines BW, Cerruti C, Schlaug G. Dual-hemisphere tDCS facilitates greater improvements for healthy subjects' non-dominant hand compared to uni-hemisphere stimulation. BMC Neurosci. 2008;9:103.

70. Di Lazzaro V, Dileone M, Capone F, Pellegrino G, Ranieri F, Musumeci G, et al. Immediate and late modulation of interhemipheric imbalance with bilateral transcranial direct current stimulation in acute stroke. Brain Stimul. 2014;7(6):841-8.

71. Sasaki N, Kakuda W, Abo M. Bilateral high- and low-frequency rTMS in acute stroke patients with hemiparesis: a comparative study with unilateral high-frequency rTMS. Brain Inj. 2014;28(13-14):1682-6.

72. Takeuchi N, Tada T, Toshima M, Matsuo Y, Ikoma K. Repetitive transcranial magnetic stimulation over bilateral hemispheres enhances motor function and training effect of paretic hand in patients after stroke. J Rehabil Med. 2009;41(13):1049-54.

73. Kwon TG, Park E, Kang C, Chang WH, Kim YH. The effects of combined repetitive transcranial magnetic stimulation and transcranial direct current stimulation on motor function in patients with stroke. Restor Neurol Neurosci. 2016;34(6):915-23.

74. Takeuchi N, Tada T, Matsuo Y, Ikoma K. Low-frequency repetitive TMS plus anodal transcranial DCS prevents transient decline in bimanual movement induced by contralesional inhibitory rTMS after stroke. Neurorehabil Neural Repair. 2012;26(8):988-98.

4. OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo deste trabalho foi verificar os efeitos da EMTr e da ETCC na recuperação funcional de indivíduos com hemiparesia crônica após AVC. Para isso, duas revisões sistemáticas com meta-análise e um ensaio clínico randomizado foram realizados e compõem esta tese.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1 – Investigar os efeitos da ETMr combinada com o treinamento do membro superior na recuperação funcional do membro superior após AVC (Artigo 1).

2 – Verificar a eficácia da estimulação cerebral não invasiva na reabilitação da marcha em pacientes com AVC agudo ou crônico (Artigo 2).

3 – Verificar o efeito da estimulação cerebral não invasiva bi-cefálica na recuperação da função motora do membro superior após AVC (Artigo 3).

5. ARTIGOS

5.1 ARTIGO 1

Publicação: Agosto de 2016

Revista: JOURNAL OF THE NEUROLOGICAL SCIENCE

Fator de Impacto: 2.126

Journal of the Neurological Sciences 369 (2016) 149–158

Contents lists available at ScienceDirect

Journal of the Neurological Sciences

journal homepage: www.elsevier.com/locate/jns

Review article

Transcranial magnetic stimulation combined with upper-limb training for improving function after stroke: A systematic review and meta-analysis

Patricia Graef [a,b], Maria Luísa Rocha Dadalt [c], Daiana Amaral Medeiros da Silva Rodrigués [c], Cinara Stein [a], Aline de Souza Pagnussat [a,d,e,*]

[a] Health Sciences Graduate Program, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Brazil
[b] Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter) - Laureate International Universities, Porto Alegre, Brazil
[c] Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Brazil
[d] Rehabilitation Sciences Graduate Program, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Brazil
[e] Movement Analysis and Neurological Rehabilitation Laboratory, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Brazil

ARTICLE INFO

Article history:
Received 13 June 2016
Received in revised form 7 August 2016
Accepted 8 August 2016
Available online 12 August 2016

Keywords:
Transcranial magnetic stimulation
Stroke
Exercise
Upper-limb
Systematic review
Meta-analysis

ABSTRACT

Background: Several neuromodulation treatments have been developed, and their effects have been studied in recent years in order to improve neurological rehabilitation after a stroke. The association between upper-limb training and repetitive transcranial magnetic stimulation (rTMS) has provoked controversies and produced inconclusive results.
Objective: The purpose of this study was to investigate the effects of rTMS combined with upper-limb training versus sham rTMS combined with upper-limb training on the upper-limb recovery after a stroke.
Methods: A systematic review with meta-analysis was performed. The eligible studies were randomized controlled trials with stroke subjects, and the outcomes were related to upper-limb motor/functional status and spasticity.
Results: A total of 3234 citations were identified, and 11 studies were included. The meta-analysis included eight studies with 199 participants and did not show any difference between groups, neither for upper-limb function nor for spasticity (upper-limb function [0.03 (95% CI: −0.25 to 0.32; I^2 0%)] and Modified Ashworth Scale [−0.31 (95% CI: −0.78 to 0.17; I^2 43%)]).
Conclusion: The current state of the literature is not enough to support the hypothesis that a combination of rTMS and upper-limb training has a stronger effect on upper-limb function than upper-limb training alone.

Contents

* Corresponding author at: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA, 245 Sarmento Leite Street, Porto Alegre, RS 90050-170, Brazil.
E-mail address: alinespagnussat@gmail.com (A.S. Pagnussat).

http://dx.doi.org/10.1016/j.jns.2016.08.016
0022-510X/

1. Introduction

Stroke is one of the main causes of long-term neurological disability worldwide [1]. Among those patients who have survived a stroke, it is estimated that around 55–75% will present some degree of long-term sensory-motor impairment [2]. Upper-limb motor ability is commonly affected after a stroke, and in 70% of patients it is responsible for restrictions on functional tasks and daily activities [3,4].

Repetitive transcranial magnetic stimulation (rTMS) is a promising non-invasive neuromodulatory intervention that aims to maximize recovery of function after stroke [5,6]. Two distinct protocols have been employed: excitatory (high-frequency) stimulation of the damaged hemisphere and inhibitory (low-frequency) stimulation of the undamaged hemisphere. rTMS aims to restore the disrupted equilibrium and the inter-hemispheric communication in order to rebalance the inter-hemispheric competition and promote functional recovery [7–9].

In a similar way, motor training is capable of inducing neuroplasticity even in mature brains [10–12]. Rehabilitation approaches induce lasting cortical reorganization in both hemispheres and promote adaptations to the cortical maps [13–16]. Recent studies have shown that upper-limb training procedures such as muscle strengthening, facilitation techniques, task-oriented training, constraint-induced movement therapy and motor imagery may contribute to improving upper-limb motor function in stroke survivors [17,18]. These mechanisms support the reorganization of cortical functions that promote sensory-motor recovery after upper-limb training [7,8,19–23]. Despite the very well-known effect of sensory-motor therapy for stimulating neuroplasticity after stroke, the functional outcome after regular treatments has notable limitations. This is evident since about 50–60% of patients remain with some degree of motor impairment [24].

The association between upper-limb training and rTMS has also been studied [25–36], but the results are still inconclusive. Considering the effects of neuroplasticity, the association between rTMS and upper-limb training may induce more noticeable rehabilitation and upper-limb recovery in post-stroke patients. Therefore, the aim of this systematic review with meta-analysis was to determine the effectiveness of rTMS combined with upper-limb training for promoting upper-limb recovery after a stroke.

Table 1
Literature search strategy used for the PubMed database.

#1 Patient	"Stroke"[Mesh] OR "Stroke" OR "Strokes" OR "Apoplexy" OR "CVA (Cerebrovascular Accident)" OR "CVAs (Cerebrovascular Accident)" OR "Cerebrovascular Accident" OR "Cerebrovascular Accidents" OR "Cerebrovascular Apoplexy" OR "Apoplexy, Cerebrovascular" OR "Cerebrovascular Stroke" OR "Cerebrovascular Strokes" OR "Stroke, Cerebrovascular" OR "Strokes, Cerebrovascular" OR "Vascular Accident, Brain" OR "Brain Vascular Accident" OR "Brain Vascular Accidents" OR "Vascular Accidents, Brain" OR "Cerebral Stroke" OR "Cerebral Strokes" OR "Stroke, Cerebral" OR "Strokes, Cerebral" OR "Stroke, Acute" OR "Acute Stroke" OR "Acute Strokes" OR "Strokes, Acute" OR "Cerebrovascular Accident, Acute" OR "Acute Cerebrovascular Accident" OR "Acute Cerebrovascular Accidents" OR "Cerebrovascular Accidents, Acute"
#2 Intervention 1	"Transcranial magnetic stimulation"[Mesh] OR "Magnetic Stimulation, Transcranial" OR "Magnetic Stimulations, Transcranial" OR "Stimulation, Transcranial Magnetic" OR "Stimulations, Transcranial Magnetic" OR "Transcranial Magnetic Stimulations" OR "Transcranial Magnetic Stimulation, Paired Pulse" OR "Transcranial Magnetic Stimulation, Repetitive" OR "Transcranial Magnetic Stimulation, Single Pulse" OR "rTMS" OR "repetitive transcranial magnetic stimulation" OR "Deep Brain Stimulation" [Mesh] OR "Deep Brain Stimulations" OR "Stimulation, Deep Brain" OR "Stimulations, Deep Brain" OR "Brain Stimulation, Deep" OR "Electrical Stimulation of the Brain" OR "Magnetic Field Therapy" [Mesh] OR "Field Therapies, Magnetic" OR "Field Therapy, Magnetic" OR "Magnetic Field Therapies" OR "Therapies, Magnetic Field" OR "Therapy, Magnetic Field" OR "Magnetic Stimulation Therapy" OR "Magnetic Stimulation Therapies" OR "Stimulation Therapies, Magnetic" OR "Stimulation Therapy, Magnetic" OR "Therapies, Magnetic Stimulation" OR "Therapy, Magnetic Stimulation"
#3 Intervention 2	"Exercise" [Mesh] OR "Exercises" OR "Exercise, Physical" OR "Exercises, Physical" OR "Physical Exercise" OR "Physical Exercises" OR "Exercise, Isometric" OR "Exercises, Isometric" OR "Isometric Exercises" OR "Isometric Exercise" OR "Exercise, Aerobic" OR "Exercise, Aerobic" OR "Aerobic Exercises" OR "Aerobic Exercises" OR "Aerobic Exercise" OR "Physical Therapy Modalities" [Mesh] OR "Modalities, Physical Therapy" OR "Modality, Physical Therapy" OR "Physical Therapy Modality" OR "Physiotherapy (Techniques)" OR "Physiotherapies (Techniques)" OR "Physical Therapy Techniques" OR "Physical Therapy Technique" OR "Techniques, Physical Therapy" OR "Exercise Movement Techniques" [Mesh] OR "Movement Techniques, Exercise" OR "Exercise Movement Technics" OR "Pilates-Based Exercises" OR "Exercises, Pilates-Based" OR "Pilates Based Exercises" OR "Pilates Training" OR "Training, Pilates" OR "Exercise Therapy" [Mesh] OR "Therapy, Exercise" OR "Exercise Therapies" OR "Therapies, Exercise" OR "Occupational Therapy" [Mesh] OR "Therapy, Occupational" OR "Occupational Therapies" OR "Therapies, Occupational" OR "Constraint-induced Movement Therapy" OR "Repetitive Facilitation Exercise" OR "Robot-Assisted training" OR "Mirror Therapy" OR "Task Oriented Training" OR "Strength training" OR "Resistance Training" OR "Physical Rehabilitation" OR "Kinesiotherapy" OR "Range of motion exercise" OR "Bobath" OR "Proprioceptive Neuromuscular Facilitation"
#4 Type of study	#4) Randomized controlled trial[pt] OR controlled clinical trial[pt] OR randomized controlled trials[mh] OR random allocation[mh] OR double-blind method[mh] OR single-blind method[mh] OR clinical trial[pt] OR clinical trials[mh] OR ("clinical trial"[tw]) OR ((singl*[tw] OR doubl*[tw] OR trebl*[tw] OR tripl*[tw]) AND (mask*[tw] OR blind*[tw])) OR ("latin square"[tw]) OR placebos[mh] OR placebo*[tw] OR random*[tw] OR research design[mh:noexp] OR follow-up studies[mh] OR prospective studies[mh] OR cross-over studies[mh] OR control*[tw] OR prospectiv*[tw] OR volunteer*[tw] (randomized controlled trial [pt] OR controlled clinical trial [pt] OR randomized controlled trials [mh] OR random allocation [mh] OR double-blind method [mh] OR single-blind method [mh] OR clinical trial [pt] OR clinical trials [mh] OR ("clinical trial"[tw]) OR ((singl*[tw] OR doubl*[tw] OR trebl*[tw] OR tripl*[tw]) AND (mask*[tw] OR blind*[tw])) OR ("latin square"[tw]) OR placebos [mh] OR placebo*[tw] OR random*[tw] OR research design [mh: noexp] OR comparative study [mh] OR evaluation studies [mh] OR follow-up studies [mh] OR prospective studies [mh] OR crossover studies [mh] OR control*[tw] OR prospectiv*[tw] OR volunteer*[tw]) NOT (animal [mh] NOT human [mh])
Search	#1 and #2 and #3 and #4

2. Methods

This systematic review was performed in accordance with the Cochrane Collaboration [37] and is presented according to the suggestions made in the Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-analyses: The PRISMA Statement [38].

2.1. Search criteria

We conducted an extensive search of the literature up to November 2015 using electronic databases including MEDLINE, PubMed, EMBASE, Cochrane Central Register of Controlled Trials (Cochrane CENTRAL) and

Physiotherapy Evidence Database (PEDro). The search terms were used individually or in combination and included "stroke," "transcranial magnetic stimulation," "physical therapy modalities" and a string of predetermined words, which yielded a high sensitivity in the search for randomized controlled trials [39]. The complete search strategy used for the PubMed database is shown in Table 1.

To enhance the sensitivity of the search, words related to the outcomes of interest were not included. The references included in the published articles were used as an additional source to identify other clinical trials. The terms were adjusted to fit the requirements of each electronic database.

2.2. Study selection

Studies eligible for this review were randomized controlled trials and randomized controlled crossover trials, from which we analyzed only the first period as a parallel-group design for stroke individuals with outcomes related to upper-limb motor function. The inclusion criteria were randomized controlled trials (RCTs), randomized controlled crossover trials, experimental group(s) receiving repetitive transcranial magnetic stimulation (rTMS) combined with upper-limb training for motor function rehabilitation, and a control group that received sham rTMS combined with upper-limb training. The exclusion criteria were a sample including acute stroke or children stroke survivors and theses and articles published in abstract form only, including conference proceedings. The primary outcome was upper-limb motor function recovery and the second outcome was spasticity.

In the initial searches, two reviewers (the first and the second authors) separately and independently screened the titles and abstracts of the identified studies. A standard screening checklist based on the eligibility criteria was employed for each study. Studies that did not meet the criteria according to the titles or abstracts were excluded. A second review to determine the eligibility of the retrieved studies was performed independently. The two reviewers screened the full-text versions of the remaining studies, including those potentially eligible and uncertain. All discrepancies related to trial eligibility were solved by a third reviewer (the third author).

Those studies with insufficient information were excluded. Procedures for estimating missing data [40] were performed when possible. Abstracts published in academic conferences were evaluated by case, and the authors were contacted for details when necessary.

2.3. Data extraction and quality assessment

The two reviewers developed a data extraction sheet, and disagreements regarding the data extraction were solved through discussion. When consensus was not reached, the third author arbitrated. The following data were extracted from the included studies: methodological design, number of subjects, comparison groups, intervention protocols and results of the outcomes.

The intervention protocol consisted of the parameters of rTMS (frequencies, pulses and the cerebral hemisphere), the time of intervention, the number of sessions and the type of exercise for upper-limb training. The outcome extracted was upper-limb motor functional status (arm function, global hand function and hand dexterity), which was assessed by means of the Fugl-Meyer Assessment (FMA), the Wolf Motor Function Test (WMFT), the Action Research Arm Test (ARAT), the Box and Block Test (BBT), the Jebsen-Taylor Hand Function Test (JTHF), the Nine-Hole Peg Test (NHPT) and the Motor Activity Log (MAL). The outcome extracted for spasticity was assessed by means of the Modified Ashworth Scale (MAS). In the case of missing or unpublished data, we have attempted to contact the authors. The study was excluded if data were still insufficient after this procedure.

All papers were carefully evaluated and classified according to their methodological quality or risk of bias by means of the Cochrane Collaboration's tool [37]. The Cochrane risk-of-bias tool consists of five domains, including sequence generation, allocation concealment, blinding, incomplete outcome data and selective outcome reporting. Each domain comprises three outcomes: low, high, and unclear risk of bias. Studies with a low risk of bias in three or more domains were considered trials of a moderate to high methodological quality and were included in the final meta-analysis.

2.4. Synthesis and analysis of quantitative data

The outcome measures consisted of upper-limb motor function status and spasticity. We used five different scales for the upper-limb motor function assessment and one scale for spasticity in the meta-analysis (as previously cited).

For quantitative synthesis, pooled-effect estimates were obtained by calculating the change from the baseline to the end of study. Regarding the continuous outcomes, if the unit of measurement was consistent across trials, the results were presented as the weighted mean difference (MD) with 95% confidence intervals (95% CIs). For those cases where studies did not use the same unit of measurement, we calculated standardized mean differences (SMDs) instead of MDs.

Given the heterogeneity of outcome measurements, calculations were performed using the random effects method ($I^2 > 0$). The statistical heterogeneity of the treatment effects among studies was assessed using Cochran's Q test and the inconsistency I^2 test, in which values above 25% and 50% were considered indicative of moderate and substantial heterogeneity, respectively. The importance of the observed value of I^2 depends on (i) the magnitude and direction of the effects and (ii) the strength of the evidence for heterogeneity (e.g. a p value from the chi-squared test or a confidence interval for I^2) [37]. A p value ≤0.05 was considered statistically significant. All analyses were conducted using Review Manager, version 5.3.

3. Results

The electronic search strategy identified a total of 3234 studies, and 11 clinical trials [26–36] with a total of 199 subjects were included in the systematic review. Fig. 1 shows a flow diagram of the included studies.

3.1. Characteristics of studies

The characteristics of the included studies are summarized in Table 2. The 11 included studies reported data on upper-limb motor function status, but only eight were included in the meta-analysis. Three studies [27,28,35] were not included in the meta-analysis due to lack of enough data, even after contact with the authors. For the primary outcome, we performed an analysis grouping eight studies in five sensitivities analyses. Studies were divided according to the different scales used for upper-limb function assessment: four studies [26,30,31,36] used the FMA to evaluate the motor recovery of the upper limb, three studies [26,32,36] analyzed the WMFT functional ability scores (WMFT-FAS), four studies [26,32,33,36] examined the WMFT performance time scores (WMFT-TIME), three studies [29,30,34] analyzed the ARAT scores to evaluate global hand function and two studies [32,33] used the BBT to evaluate functional hand movements. Only two studies were included in the meta-analysis of spasticity [30,31].

In eight studies [26,27,30–32,34–36], the rTMS stimulation frequency was 1 Hz, ranging from 1200 to 1800 pulses in the unaffected hemisphere. In three studies, the rTMS was applied with 10 Hz (50 pulses), 20 Hz (50 trains of 40 stimuli) and 50 Hz (theta burst stimulation) frequencies in the damaged hemisphere [28,29,33]. The type of exercise associated with rTMS also varied between studies: in four studies [29–31,36], patients underwent conventional physical therapy or occupational therapy; three studies [27,32,35] delivered task-related exercises; two studies [26,33] performed constraint-induced movement therapy; one study [34] carried out voluntary muscle contraction of the upper-

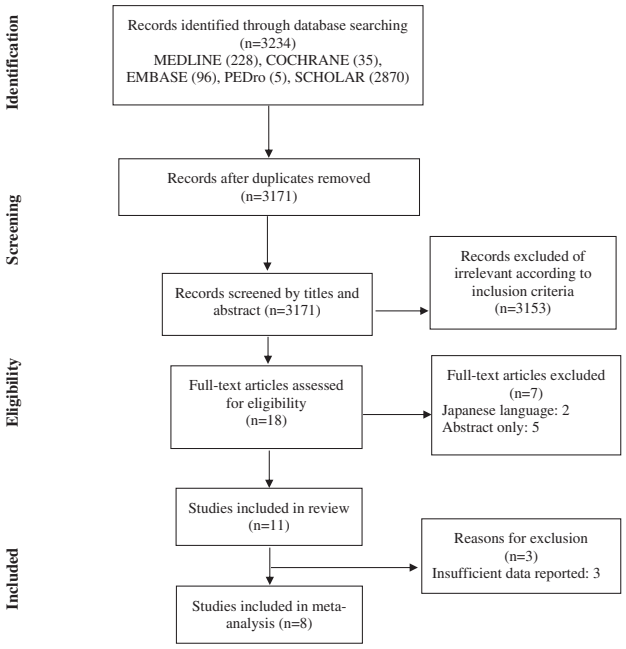


Fig. 1. The flow diagram of studies included in the review.

Table 2
Characteristics of studies included in systematic review.

Author, year	Intervention group (IG)	Participants (onset of stroke in months ± SD)	Control group (CG)	N (IG/CG)	Age ± SD (IG/CG)	Masculine gender (IG/CG)	Protocol
1. Abo et al., 2014	rTMS + occupational therapy (NEURO group)	Chronic stroke patients (65.1 ± 4.2)	Constraint-Induced Movement Therapy (CIMT group)	66 44/22	57.7 ± 12.7/60.3 ± 10.6	26/12	IG: 22 sessions (daily - two sessions per day): rTMS (1200 pulses of 1 Hz applied to the nonlesional hemisphere - 20 min) + occupational therapy (120 min) CG: 11 sessions (daily): constraint-induced movement therapy (shaping techniques and repetitive task practices – 6 h per day) Outcomes: Wolf Motor Function Test (WMFT); Fugl-Meyer Motor Assessment (FMA - upper extremity part)
2. Avenanti et al., 2012	rTMS + physiotherapy and physiotherapy + rTMS	Chronic stroke patients (31.5 ± 22.7)	Sham rTMS + physiotherapy, and physiotherapy + sham rTMS	30 8/8/7/7	Not reported	Not reported	IG: 20 sessions (2 time-locked daily interventions): rTMS (1.500 pulses, 1 Hz, 90% of resting motor threshold – 25 min) + physiotherapy (standard task-oriented upper-limb exercises – 45 min) *The other group change the order of intervention CG: 20 sessions (2 time-locked daily interventions): sham rTMS (1.500 pulses, 90% of resting motor threshold – 25 min) + physiotherapy (standard task-oriented upper-limb exercises – 45 min) *The other group change the order of intervention Outcome: the Jebsen-Taylor Hand Function Test (JHFT), the Nine-Hole Peg Test (NHPT), and the Box and Block Test (BBT)
3. Chang et al., 2012	rTMS + finger motor training	Chronic stroke patients (10 ± 2.6)	Sham rTMS + finger motor training	21 11/10	58.1 ± 14/59.5 ± 11	6/4	IG: 10 sessions (daily for two weeks): rTMS (50 pulses of 10 Hz, 80% resting motor threshold in lesional hemisphere - 20 min) + finger motor learning tasks (50 s) CG: 10 sessions (daily for two weeks): sham rTMS (20 min) + finger motor learning tasks (50 s) Outcomes: Jebsen Hand Function Test (JHFT)

Table 2 (*continued*)

Author, year	Intervention group (IG)	Participants (onset of stroke in months ± SD)	Control group (CG)	N (IG/CG)	Age ± SD (IG/CG)	Masculine gender (IG/CG)	Protocol
4. Di Lazzaro et al., 2013	rTMS + physical therapy	Chronic stroke patients (32.4 ± 3.4)	Sham rTMS + physical therapy	12 6/6	59.5 ± 12.4/57.5 ± 12.3	3/4	IG: 10 sessions (daily): rTMS (theta burst stimulation, 3 pulses are given at 50 Hz, repeated every 200 ms for a total of 600 pulses, 80% active motor threshold in contralesional hemisphere) + physiotherapy (1 h) CG: 10 sessions (daily): sham rTMS + physiotherapy (1 h) Outcomes: Action Research Arm Test (ARAT), Jebsen-Taylor Test (JTT) and Nine Hole Pegboard Test (NHPT)
5. Etoh et al., 2013 (crossover)	Motor-before-sham rTMS + repetitive-facilitation exercises	Chronic stroke patients (29.9 ± 18.8)	Motor-following-sham rTMS + repetitive-facilitation exercises	18 9/9	Not reported	7/7	IG: 20 sessions (daily, 5 days a week for 4 weeks): motor rTMS sessions (240 pulses, 1-Hz to the contralesional motor cortex, 90% of the resting motor threshold – 10 sessions - 4 min) + sham rTMS (10 session - 4 min) + repetitive facilitation exercises (40 min) CG: 20 sessions (daily, 5 days a week for 4 weeks): sham rTMS sessions (10 sessions - 4 min) + motor rTMS (240 pulses, 1-Hz to the contralesional motor cortex, 90% of the resting motor threshold – 10 sessions - 4 min) + repetitive facilitation exercises (40 min) Outcomes: Fugl-Meyer Assessment (FMA), Action Research Arm Test (ARAT), Simple Test for Evaluating Hand Function (STEF) and Modified Ashworth Scale (MAS)
6. Galvão et al., 2014	rTMS + physical therapy	Chronic stroke patients (53.4 ± 7.8)	Sham rTMS + physical therapy	20 10/10	57.4 ± 12/64.63 ± 6.8	6/7	IG: 10 sessions (3 d/week): rTMS (1500 pulses; 1 Hz; 90% of resting motor threshold in contralesional hemisphere) + physiotherapy (30 min) CG: 10 sessions (3 d/wk): sham rTMS + physiotherapy (30 min) Outcomes: Modified Ashworth Scale (MAS), Fugl-Meyer Assessment (FMA)
7. Higgins et al., 2013	rTMS + task oriented training	Chronic stroke patients (114.5 ± 27.6)	Sham-rTMS + task oriented training	9 4/5	74 ± 8/60 ± 11	3/3	IG: 8 sessions (twice/week): rTMS (1200 pulses, 1 Hz, 110% of the motor threshold in contralesional hemisphere) + task oriented training (90 min) CG: 8 sessions (twice/wk): sham-rTMS + task oriented training (90 min) Outcomes: Box and Block Test (BBT), Wolf Motor Function Teste (WMFT), Motor Activity Log (MAL)
8. Malcolm et al., 2007	rTMS + CIT	Chronic stroke patients (46.2 ± 0.85)	Sham rTMS + CIT	19 9/10	68.4 ± 8.4/65.7 ± 5.1	5/6	IG: 10 sessions (daily): rTMS (2000 stimuli were administered as 50 trains of 40 stimuli, 20 Hz, 90% of the motor threshold in lesional hemisphere) + constraint-induced therapy (5 h daily) CG: 10 sessions (daily): sham rTMS + constraint-induced therapy (5 h daily) Outcome: Wolf Motor Function Test (WMFT), Motor Activity Log (MAL) and Box and Block Test (BBT)
9. Pomeroy et al., 2007	a- rTMS + real VMC	Acute stroke patients (1 ± 0.3)	b- rTMS + placebo VMC c- Placebo-rTMS + real VMC d- Placebo-rTMS + placebo VMC	27 6/5/9/7	88	3/2/2/2	IG: a- 8 sessions (daily) rTMS (1200 pulses, 1-Hz, 120% motor threshold in 5 blocks of 40 separated by 3 min delivered to the lesioned hemisphere) + real VMC (the paretic elbow was repeatedly flexed/extended for 5 min); CG: b- 8 sessions (daily) rTMS (1200 pulses, 1-Hz, 120% motor threshold in 5 blocks of 40 separated by 3 min delivered to the lesioned hemisphere) + placebo-VMC (subjects viewed pairs of drawings of upper limbs and reported their likeness); c- 8 sessions, daily, placebo-rTMS (used a dummy coil) + real VMC (the paretic elbow was repeatedly flexed/extended for 5 min); d- 8 sessions, daily, placebo-rTMS (used a dummy coil) + placebo-VMC (subjects viewed pairs of drawings of upper limbs and reported their likeness) Outcome: Action Research Arm Test (ARAT)
10. Rose et at., 2014	rTMS + functional task practice (FTP)	Chronic stroke patients (61.6 ± 1.7)	Sham-rTMS + functional task practice (FTP)	21 11/10	64.7 ± 7/64.6 ± 9	8/5	IG: 16 sessions (4 times/week for 4 weeks): rTMS (1200, 1 Hz, 100% of motor threshold) + FTP (all tasks were functional in nature and included reaching, grasping and/or manipulation of objects performed with the paretic upper-limb only by 1-h). CG: 16 sessions (4 times/week for 4 weeks): sham-rTMS + FTP (all tasks were functional in nature and included reaching, grasping and/or manipulation of objects performed with the paretic upper-limb only by 1-h). Outcome: Wolf Motor Function Test (WMFT); Fugl-Meyer Assessment (FMA); Action Research Arm Test (ARAT); Motor Activity Log (MAL) and Modified Ashworth Scale (MAS)

(*continued on next page*)

Table 2 (*continued*)

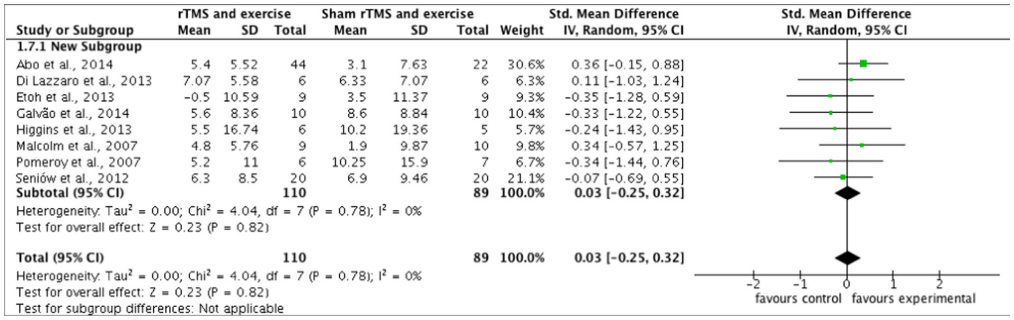
Author, year	Intervention group (IG)	Participants (onset of stroke in months ± SD)	Control group (CG)	N (IG/CG)	Age ± SD (IG/CG)	Masculine gender (IG/CG)	Protocol
11. Seniow et al., 2012	rTMS + physiotherapy (Bobath concept)	Acute stroke patients (1 ± 0.1)	Sham-rTMS + physiotherapy (Bobath concept)	40 20/20	63.5 ± 8.7/63.9 ± 9.2	12/14	IG: 15 sessions (5 days per week for 3 weeks): rTMS (1800 pulses, 1 Hz, 90% of the resting motor - 30 min) + physiotherapy (motor training included active and active-assistive exercises of the affected hand - 45 min) CG: 15 sessions (5 days per week for 3 weeks): sham-rTMS (30 min) + physiotherapy (motor training included active and active-assistive exercises of the affected hand - 45 min) Outcome: Wolf Motor Function Test (WMFT); Fugl-Meyer Motor Assessment (FMA) and National Institutes of Health Stroke Scale (NIHSS)

Abbreviations: N, sample number; rTMS, repetitive transcranial magnetic stimulation; CIT, constraint-induced therapy; VMC, voluntary muscle contraction.

limbs; and one study [28] conducted motor training for the fingers. The average intervention times were 20 min for rTMS and 45 min for upper-limb training. The majority of the studies [28,29,31,33] performed 10 intervention sessions, but the number of sessions ranged from 8 [32,34] to 22 [26] sessions. The majority of studies performed sessions on consecutive days [26,28–30,33,34,36]. Control groups received the same intervention time and the same training for the upper limb, but they also received sham rTMS. Among the eleven included studies, nine [26–33,35] evaluated chronic stroke patients and two [34,36] analyzed acute stroke patients. The time after stroke ranged from 1 [34,36] to 114.5 months [32]. The motor deficit of the upper limb was mild to moderate in all studies, as evaluated by the Brunnstrom stage for hand and fingers (score of 4 or 5). The majority of the selected studies included hemorrhagic and ischemic stroke subjects, and only three studies [29,34,35] included only ischemic stroke patients.

Table 3
Risk of bias of the included studies.

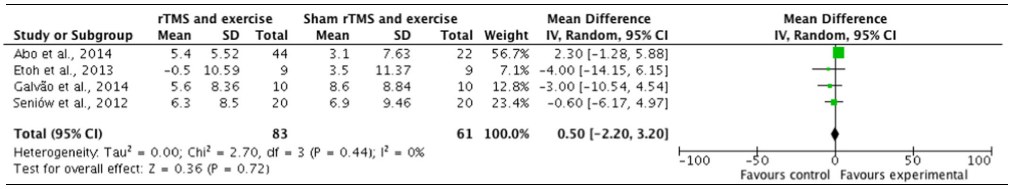
Author	Adequate sequence generation	Allocation concealment	Blinding of patients and investigators	Blinding of outcome assessors	Description of losses and exclusions	Intention-to-treat analysis
Abo et al., 2014	Yes	No	No	No	Yes	Not reported
Avenanti et al., 2012	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Not reported
Chang et al., 2012	No	No	No	No	Yes	No
Di Lazzaro et al., 2013	Yes	Yes	Yes	Yes	No	Not reported
Etoh et al., 2013	No	No	Yes	Yes	No	Not reported
Galvão et al., 2014	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	No
Higgins et al., 2013	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes
Malcolm et al., 2007	No	No	Yes	Yes	No	Not reported
Pomeroy et al., 2007	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Not reported
Rose et al., 2014	Yes	No	Yes	Yes	Yes	No
Seniów et al., 2012	Yes	Yes	No	Yes	Yes	No



The standardized mean difference (SMD) and 95% confidence interval (CI)

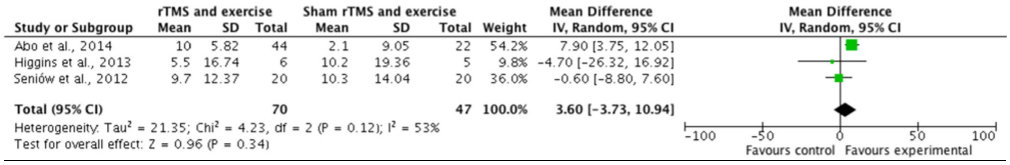
Fig. 2. Forest plots from the meta-analysis of difference of rTMS + upper-limb training and Sham-rTMS + upper-limb training of effects in upper-limb demonstrating estimates of effect size with 95% confidence intervals (CIs).

A. Fugl-Meyer Assessment (FMA)



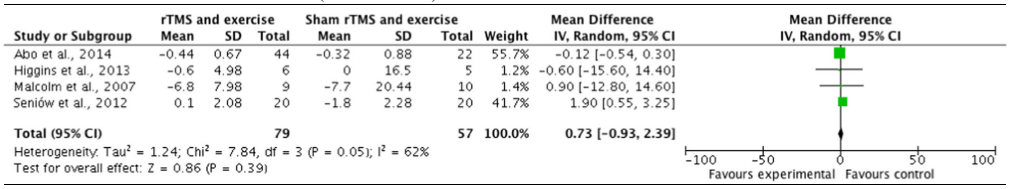
The mean difference and 95% confidence interval (CI)

B. Wolf Motor Function Test – function score (WMFT-FAS)



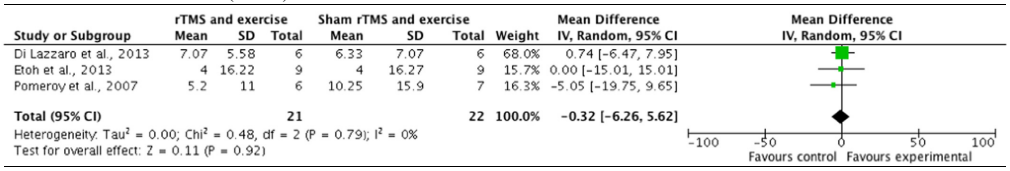
The mean difference and 95% confidence interval (CI)

C. Wolf Motor Function Test – time score (WMFT-TIME)



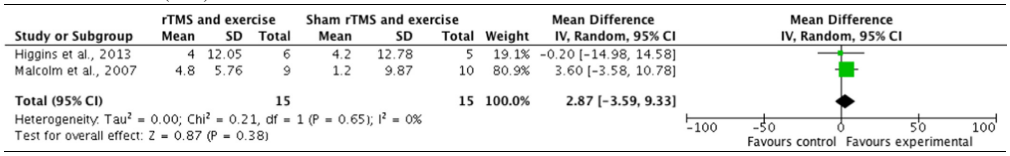
The mean difference and 95% confidence interval (CI)

D. Action Research Arm Test (ARAT)



The mean difference and 95% confidence interval (CI)

E. Boxand Block Test (BBT)



The mean difference and9 5% confidence interval (CI)

Fig. 3. Forest plots from the meta-analyses of difference of rTMS + upper-limb training and Sham-rTMS + upper-limb training of effects in upper-limb function separated for scales, demonstrating estimates of effect size with 95% confidence intervals (CIs).

Outcomes related to adverse events or side effects were not reported in 10 of the 11 studies analyzed. Only one study [27] reported tolerable headache complaints after rTMS. Cases of scalp discomfort during rTMS were reported, but severe side effects were not observed. The included studies did not report any case of participant withdrawal due to adverse effects.

3.2. Methodological quality

Among the included studies in this systematic review, 73% presented adequate sequence generation, 73% reported blinding, 82% reported blinding of the investigators and 73% described losses to follow-up and

exclusions, showing a low risk for bias regarding these characteristics. Among the studies, 55% reported adequate allocation concealment, showing a moderate risk of bias. However, only 9% performed intention-to-treat analysis, showing a high risk of bias. Only one study [32] fulfilled all the quality criteria (Table 3).

3.3. Effects of interventions

3.3.1. Upper-limb function

All the included studies analyzed the effects of rTMS associated with exercise. The comparison was performed with either the combination of sham rTMS and exercise or exercise alone. Scores for upper-limb motor function increased for both groups in 64% of studies [26,27,29,31–33,36]. Four studies [28–30,33] demonstrated improvement of the upper-limb motor functional status only for the intervention group. One study [35] reported no significant improvement after intervention for any group. Another study [32] showed improvement of the upper-limb function only for the control group.

Meta-analysis data from eight studies [26,27,30–34,36] showed no difference regarding motor function recovery when rTMS and upper-limb training were compared to sham rTMS and upper-limb training [upper-limb function (SMD = 0.03, 95% CI: −0.25 to 0.32; I^2 0%)] (Fig. 2). In the sensitivity analysis, there was also no significant difference between groups (Fig. 3): four studies used the FMA [26,30,31,36] (MD = 0.50, 95% CI: −2.2 to 3.2; I^2 0%) (Fig. 3A); three studies used the WMFT-FAS [26,32,36] (MD = 3.6, 95% CI: −3.73 to 10.94; I^2 53%) (Fig. 3B); four studies used the WMFT-TIME scores [26,32,33,36] (MD = 0.73, 95% CI: −0.93 to 2.39; I^2 62%) (Fig. 3C); three studies used the ARAT [29,30,34] (MD = −0.32, 95% CI: −6.26 to 5.62; I^2 0%) (Fig. 3D); and two studies used the BBT [32,33] (MD = 2.87, 95% CI: −3.59 to 9.33; I^2 0%) (Fig. 3E). A total of 199 stroke patients were included in this analysis.

3.3.2. Spasticity

Two studies [30,31] that included a total of 38 stroke patients evaluated muscle spasticity and did not find any difference between groups (MD = −0.31, 95% CI: −0.78 to 0.17; I^2 43%) (Fig. 4).

4. Discussion

This is the first systematic review reporting the effects of rTMS and exercise programs (physical therapy) on the upper-limb recovery of chronic stroke patients. This systematic review with meta-analysis showed that rTMS combined with upper-limb training has no additional effect on the upper-limb rehabilitation of chronic stroke patients when compared to exercise programs alone.

In this review, both intervention groups showed an improvement in upper-limb motor function immediately after the treatment and in the follow-up evaluation. It is not surprising that upper-limb training induced motor and functional improvements in stroke patients [17,18]. Although some studies [26–28,30,33] have shown better results from the combination of rTMS and upper-limb training compared to upper-limb training alone, the lack of a significant difference may result from the small sample sizes of the included studies.

Sensory-motor impairments after a stroke include hemiparesis, loss of motor coordination, sensory deficit and muscle spasticity [41,42]. In terms of physiological conditions, the electrical activity between both hemispheres is a coordinated and balanced process with mutually inhibitory actions. After a brain injury such as a stroke, an abnormal pattern of neuronal activity occurs, disrupting the regular interhemispheric communication [43,44].

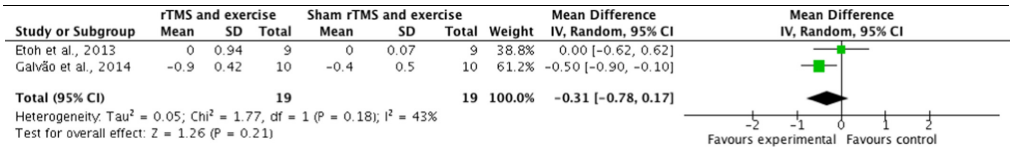
This excitability imbalance is due to a maladjustment in the interhemispheric inhibition, in which the intact primary motor cortex (M1) negatively influences functional recovery. This occurs as a consequence of transcallosal inhibition after cortical and subcortical cerebrovascular lesions and inhibits the activity of the injured cortex. This results in inhibitory activity into the injured cortex [45–47]. Neuroimaging studies have demonstrated increased M1 activity in the intact hemisphere when the paretic hand is trying to perform movements. This condition is more noticeable in those severe cases of sensory-motor compromise [3].

The use of rTMS as a rehabilitation tool for stroke patients has increased in recent years [5,6]. rTMS is a painless, non-invasive method that modulates cortical excitability at the stimulation site. It is able to deliver an electrical current through an insulated coil, which can up-regulate or down-regulate the neuronal excitability [9] in a long-term pattern. The modulation of excitability depends on the rTMS parameters and can result in facilitation or suppression. For instance, high-frequency rTMS (>5 Hz, excitatory rTMS) facilitates cortical excitability, whereas low-frequency rTMS (1 Hz, inhibitory rTMS) decreases cortical excitability [9].

The majority of studies included in this review used low frequencies to inhibit the non-affected side. Only one study used 1 Hz to stimulate the affected side, and two studies used high frequencies to stimulate the affected side. There is still no consensus regarding the optimal number of rTMS sessions and the most appropriate time for intervention. In the included studies, the average time for the sessions was 20 min of rTMS performed during 10 daily sessions. This is in accordance with the rTMS guidelines for clinical and research applications [48].

Sensory-motor recovery after a brain injury includes several mechanisms such as the expression of growth factors, axonal sprouting, synaptogenesis and synaptic strengthening [49,50]. Several studies have reported that activity-dependent brain plasticity is proportional to the complexity of motor learning and correlates with functional recovery after a stroke [51–53]. Recent studies have shown that upper-limb training procedures such as muscle strengthening, facilitation techniques, task-oriented training, constraint-induced movement therapy and motor imagery contribute to improving upper-limb motor function after stroke [17,18]. Even though all the exercise protocols used in the included studies emphasized functional upper-limb activities, the protocols were diverse and included constraint-induced movement therapy, sequential finger training tasks, voluntary motor contraction, functional training and task-oriented training.

Considering the potential of both forms of rehabilitation (rTMS and upper-limb training) for upper-limb recovery, studies have evaluated



The standard mean difference and 95% confidence interval (CI)

Fig. 4. The mean difference and 95% confidence interval (CI) in spasticity for the Modified Ashworth Scale.

the benefits of combining these two techniques [26–36]. Although some non-randomized studies have demonstrated significant improvements in the upper-limb motor function and spasticity after combined treatment [54–56], the randomized studies showed discrepancies among results. In this review, both groups (intervention and control) showed improvements in scores of upper-limb function immediately after the end of the treatment and in the follow-up. Five studies [26–28,30,33] showed better results in the combination of rTMS with upper-limb training compared to upper-limb training alone, but in the meta-analysis this difference was not observed. This inconsistency may have resulted from the small sample sizes of the analyzed studies as well as from the small number of included studies. Moreover, differences among the included studies may have influenced our results. These include the wide variation regarding time after the stroke, outcomes, upper-limb treatment and EMT protocols.

The methodological quality of the analyzed studies showed a low risk of bias for the majority of the characteristics (presented adequate sequence generation, reported blinding, reported blinding of the investigators and described losses to follow-up and exclusions). However, the analysis has indicated a moderate and high risk of bias for adequate allocation concealment and intention-to-treat analyses, respectively.

According to the number and methodological quality of the available studies, a level B recommendation was proposed for low frequency rTMS when applied to the contralesional hemisphere of chronic stroke patients [57]. It is very relevant to point out that rTMS is a high-cost treatment modality, and for this reason it is not available for all patients. Our results demonstrate that upper-limb training alone is able to induce similar results for upper-limb recovery when compared to rTMS plus upper-limb training.

5. Conclusion

This systematic review with meta-analysis synthesizes evidence of the effects of combining rTMS and upper-limb training for the upper-limb rehabilitation of chronic stroke patients. There is insufficient evidence to support the claim of the greater effectiveness of combined rTMS and upper-limb training as compared to upper-limb training alone. New studies with larger sample sizes, standardized rTMS and upper-limb protocols are needed to clarify the effectiveness of combining these treatment methods.

References

[1] P.M. Lavados, A.J.M. Hennis, J.G. Fernandes, et al., Stroke epidemiology, prevention, and management strategies at a regional level: Latin America and the Caribbean, Lancet Neurol. 6 (2007) 362–372.
[2] G. Saposnik, O.H. Del Brutto, Stroke in South America: a systematic review of incidence, prevalence, and stroke subtypes, Stroke 34 (9) (2003) 2103–2107.
[3] G.J. Hankey, Long-term disability after first-ever stroke and related prognostic factors in the Perth community stroke study, 1989–1990, Stroke 33 (2002) 1034–1040.
[4] S. Barreca, S.L. Wolf, S. Fasoli, R. Bohannon, Treatment interventions for the paretic upper-limb of stroke survivors: a critical review, Neurorehabil. Neural Repair 17 (2003) 220–226.
[5] Q. Le, Y. Qu, Y. Tao, et al., Effects of repetitive transcranial magnetic stimulation on hand function recovery and excitability of the motor cortex after stroke: a meta-analysis, Am. J. Phys. Med. Rehabil. 93 (2014) 422–430.
[6] M.C. Smith, C.M. Stinear, Transcranial magnetic stimulation (TMS) in stroke: ready for clinical practice? J. Clin. Neurosci. 31 (2016) 10–14.
[7] J.-P. Brion, G. Demeurisse, A. Capon, Evidence of cortical reorganization in hemiparetic patients, Stroke 20 (1989) 1079–1084.
[8] Y. Cao, L. D'Olhaberriague, E.M. Vikingstad, S.R. Levine, K.M.A. Welch, Pilot study of functional MRI to assess cerebral activation of motor function after poststroke hemiparesis, Stroke 29 (1998) 112–122.
[9] F.C. Hummel, L.G. Cohen, Non-invasive brain stimulation: a new strategy to improve neurorehabilitation after stroke, Lancet Neurol. 5 (2006) 708–712.
[10] J.A. Kleim, S. Barbay, R.J. Nudo, Functional reorganization of the rat motor cortex following motor skill learning, J. Neurophysiol. 80 (1998) 3321–3325.
[11] J.A. Kleim, T.A. Jones, T. Schallert, Motor enrichment and the induction of plasticity before or after brain injury, Neurochem. Res. 28 (2003) 1757–1769.
[12] D.L. Adkins, J. Boychuck, M.S. Remple, J.A. Kleim, Motor training induces experience-specific patterns of plasticity across motor cortex and spinal cord, J. Appl. Physiol. 101 (2006) 1776–1782.
[13] R.J. Nudo, B.M. Wise, F. Sifuentes, G.W. Milliken, Neural substrates for the effects of rehabilitative training on motor recovery after ischemic infarct, Science 272 (1996) 1791–1794.
[14] A. Karni, G. Meyer, C. Rey-Hipolito, P. Jezzard, M.M. Adams, R. Turner, L.G. Ungerleider, The acquisition of skilled motor performance: fast and slow experience-driven changes in primary motor cortex, Proc. Natl. Acad. Sci. 95 (1998) 861–868.
[15] S.T. Carmichel, Plasticity of cortical projections after stroke, Neuroscientist 9 (2003) 64–75.
[16] J.A. Young, M. Tolentino, Neuroplasticity and its applications for rehabilitation, Arm. J. Therapeutics 18 (2011) 70–80.
[17] J.H. Van Der Lee, I.A. Snels, H. Beckerman, et al., Exercise therapy for arm function in stroke patients: a systematic review of randomized controlled trials, Clin. Rehabil. 15 (2001) 20–31.
[18] R.W. Teosell, L. Kolva, What's a new in stroke rehabilitation, Stroke 35 (Feb. 2004) 383–385.
[19] F. Chollet, V. DiPiero, R.J.S. Wise, D.J. Brooks, R.J. Dolan, R.S.J. Frackowiak, The functional anatomy of motor recovery after stroke in humans: a study with positron emission tomography, Ann. Neurol. 29 (1991) 63–71.
[20] S.C. Cramer, G. Nelles, R.R. Benson, J.D. Kaplan, R.A. Parker, K.K. Kwong, D.N. Kennedy, S.P. Finklestein, B.R. Rosen, A functional MRI study of subjects recovered from hemiparetic stroke, Stroke 28 (1997) 2518–2527.
[21] R.J. Seitz, N.P. Azari, U. Knorr, F. Binkofski, H. Herzog, H.J. Freund, The role of diaschisis in stroke recovery, Stroke 30 (1999) 1844–1850.
[22] N.S. Ward, M.M. Brown, A.J. Thompson, R.S.J. Frackowiak, Neural correlates of motor recovery after stroke: a longitudinal fMRI study, Brain 126 (2003) 2476–2496.
[23] C. Weiller, F. Chollet, K.J. Friston, R.J.S. Wise, R.S.J. Frackowiak, Functional reorganization of the brain in recovery from striatocapsular infarction in man, Ann. Neurol. 31 (1992) 463–472.
[24] H.T. Hendricks, J. van Limbeek, A.C. Geurts, M.J. Zwarts, Motor recovery after stroke: a systematic review of the literature, Arch. Phys. Med. Rehabil. 83 (2002) 1629–1637.
[25] W. Kakuda, M. Abo, K. Kobayashi, R. Momosaki, A. Yokoi, A. Fukuda, T. Umemori, Application of combined 6-Hz primed low-frequency rTMS and intensive occupational therapy for upper limb hemiparesis after stroke, Neuro. Rehabil. 29 (4) (2011) 365–371.
[26] M. Abo, W. Kakuda, R. Momosaki, H. Harashima, M. Kojima, S. Watanabe, T. Sato, A. Yokoi, T. Umemori, J. Sasanuma, Randomized, multicenter, comparative study of NEURO versus CIMT in post stroke patients with upper-limb hemiparesis: the NEURO-VERIFY study, Int. J. Stroke 9 (5) (Jul 2014) 607–612.
[27] A. Avenanti, M. Coccia, E. Ladavas, L. Provinciali, M.G. Ceravolo, Low-frequency rTMS promotes use-dependent motor plasticity in chronic stroke: a randomized trial, Neurology 78 (4) (Jan 2012) 256–264.
[28] W.H. Chang, Y.H. Kim, W.K. Yoo, K.H. Goo, C.H. Park, S.T. Kim, A. Pascual-Leone, rTMS with motor training modulates cortico-basal ganglia-thalamocortical circuits in stroke patients, Restor. Neurol. Neurosci. 30 (3) (2012) 179–189.
[29] V. Di Lazzaro, J.C. Rothwell, P. Talelli, F. Capone, F. Ranieri, A.C. Wallace, G. Musumeci, M. Dileone, Inhibitory theta burst stimulation of affected hemisphere in chronic stroke: a proof of principle, sham-controlled study, Neurosci. Lett. 553 (Oct 2013) 148–152.
[30] S. Etoh, T. Noma, K. Ikeda, Y. Jonoshita, A. Ogata, S. Matsumoto, M. Shimodozono, K. Kawahira, Effects of repetitive transcranial magnetic stimulation on repetitive facilitation exercises of the hemiplegic hand in chronic stroke patients, J. Rehabil. Med. 45 (9) (Sep 2013) 843–847.
[31] S.C.B. Galvão, R. Borba Costa dos Santos, P. Borba dos Santos, M.E. Cabral, K. Monte-Silva, Efficacy of coupling repetitive transcranial magnetic stimulation and physical therapy to reduce upper-limb spasticity in patients with stroke: a randomized controlled trial, Arch. Phys. Med. Rehabil. 95 (2) (Feb 2014) 222–229.
[32] J. Higgins, L. Koski, H. Xie, Combining rTMS and task-oriented training in the rehabilitation of the arm after stroke: a pilot randomized controlled trial, Stroke Res. Treat. (2013), 539146.
[33] M.P. Malcolm, W.J. Triggs, K.E. Light, L.J. Gonzalez Rothi, S. Wu, K. Reid, S.E. Nadeau, Repetitive transcranial magnetic stimulation as an adjunct to constraint-induced therapy: an exploratory randomized controlled trial, Am. J. Phys. Med. Rehabil. 86 (9) (Sep 2007) 707–715.
[34] V.M. Pomeroy, G. Cloud, R.C. Tallis, C. Donaldson, V. Nayak, S. Miller, Transcranialmagnetic stimulation and muscle contraction to enhance stroke recovery: a randomized proof-of-principle and feasibility investigation, Neurorehabil. Neural Repair 21 (6) (Nov-Dec 2007) 509–517.
[35] D.K. Rose, C. Patten, T.E. McGuirk, X. Lu, W.J. Triggs, Does inhibitory repetitive transcranial magnetic stimulation augment functional task practice to improve arm recovery in chronic stroke? Stroke Res. Treat. (2014), 305236.
[36] J. Seniów, M. Bilik, M. Lesniak, K. Waldowski, S. Iwanski, A. Czlonkowska, Transcranial magnetic stimulation combined with physiotherapy in rehabilitation of poststroke hemiparesis: a randomized, double-blind, placebo-controlled study, Neurorehabil. Neural Repair 26 (9) (Nov–Dec 2012) 1072–1079.
[37] J.P.T. Higgins, G. Sally, Cochrane handbook for systematic reviews of interventionsVersion 5.1.0 March 2011 [e-book online]. Available from http://www.cochrane-handbook.org Accessed December 2013.
[38] D. Moher, A. Liberati, J. Tetzlaff, D.G. Altman, the PRISMA Group, Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement, PLoS Med. 6 (2009) 1–6.
[39] K. Robinson, K. Dickersin, Development of a highly sensitive search strategy for the retrieval of reports of controlled trials using PubMed, Int. J. Epidemiol. 31 (2002) 150.
[40] L. Richards, C. Hanson, M. Wellborn, A. Sethi, Driving motor recovery after stroke, Top. Stroke Rehabil. 15 (5) (2008) 397–411.
[41] K.C. Lin, Y. Chang, C. Wu, Y. Chen, Effects of constraint-induced therapy versus bilateral arm training on motor performance, daily functions, and quality of life in stroke survivors, Neurorehabil. Neural Repair 23 (5) (2009) 441–448.

[42] R.J. Nudo, Recovery after brain injury: mechanisms and principles, Front. Hum. Neurosci. 24 (7) (2013) 887.
[43] D.A. Nowak, C. Grefkes, M. Ameli, G.R. Fink, Inter-hemispheric competition after stroke: brain stimulation to enhance recovery of function of the affected hand, Neurorehabil. Neural Repair 23 (7) (Sep 2009) 641–656.
[44] S. Tamburin, P. Manganotti, G. Zanette, A. Fiaschi, Cutaneomotor integration in human hand motor areas: somatotopic effect and interaction of afferents, Exp. Brain Res. 141 (2001) 232–241.
[45] N. Murase, J. Duque, R. Mazzocchio, L.G. Cohen, Influence of interhemispheric interactions on motor function in chronic stroke, Ann. Neurol. 55 (3) (Mar 2004) 400–409.
[46] B.O. Adeyemo, M. Simis, D.D. Macea, F. Fregni, Systematic review of parameters of stimulation, clinical trial design characteristics, and motor outcomes in non-invasive brain stimulation in stroke, Front. Psychol. 3 (2012) 88.
[47] J.H. Cauraugh, J.J. Summers, Neural plasticity and bilateral movements: a rehabilitation approach for chronic stroke, Prog. Neurobiol. 75 (2005) 309–320.
[48] S. Rossi, M. Hallett, P.M. Rossini, A. Pascual-Leone, Safety of TMS Consensus Group, Safety, ethical considerations, and application guidelines for the use of transcranial magnetic stimulation in clinical practice and research, Clin. Neurophysiol. 120 (2) (Dec 2009) 2008–2039.
[49] A. Berretta, Y.C. Tzeng, A.N. Clarkson, Post-stroke recovery: the role ofactivity-dependent release of brain-derived neurotrophic factor, Expert. Rev. Neurother. 14 (11) (Nov 2014) 1335–1344.
[50] M. Ploughman, M.W. Austin, L. Glynn, D. Corbett, The effects of poststroke aerobic exercise on neuroplasticity: a systematic review of animal and clinical studies, Transl. Stroke Res. 6 (1) (Feb 2015) 13–28.
[51] J.A. Hosp, A.R. Luft, Cortical plasticity during motor learning and recovery after ischemic stroke, Neural Plast. (2011), 871296.
[52] A.S. Pagnussat, F. Simao, J.R. Anastacio, R.G. Mestriner, S.M. Michaelsen, C.C. Castro, et al., Effects of skilled and unskilled training on functional recovery and brain plasticity after focal ischemia in adult rats, Brain Res. 1486 (2012) 53–61.
[53] E.J. Plautz, G.W. Milliken, R.J. Nudo, Effects of repetitive motor training on movement representations in adult squirrel monkeys: role of use versus learning, Neurobiol. Learn. Mem. 74 (1) (2000) 27–55.
[54] W. Kakuda, M. Abo, K. Kobayashi, R. Momosaki, A. Yokoi, A. Fukuda, A. Ishikawa, H. Ito, A. Tominaga, Low-frequency repetitive transcranial magnetic stimulation and intensive occupational therapy for poststroke patients with upper limb hemiparesis: preliminary study of a 15-day protocol, Int. J. Rehabil. Res. 33 (4) (Dec 2010) 339–345.
[55] W. Kakuda, M. Abo, K. Kobayashi, R. Momosaki, A. Yokoi, A. Fukuda, H. Ito, A. Tominaga, T. Umemori, Y. Kameda, Anti-spastic effect of low-frequency rTMS applied with occupational therapy in post-stroke patients with upper limb hemiparesis, Brain Inj. 25 (5) (2011) 496–502.
[56] W. Kakuda, M. Abo, J. Sasanuma, M. Shimizu, T. Okamoto, C. Kimura, K. Kakita, H. Hara, Combination protocol of low-frequency rTMS and intensive occupational therapy for post-stroke upper limb hemiparesis: a 6-year experience of more than 1700 Japanese patients, Transl. Stroke Res. 7 (3) (2016) 172–179.
[57] J.P. Lefaucheur, N. André-Obadia, A. Antal, S.S. Ayache, C. Baeken, D.H. Benninger, et al., Evidence-based guidelines on the therapeutic use of repetitive transcranial magnetic stimulation (rTMS), Clin. Neurophysiol. 125 (11) (2014) 2150–2206.

5.2 ARTIGO 2

Submissão: Dezembro de 2016

Revista: STROKE

Fator de impacto: 5.811

Noninvasive brain stimulation improves gait performance after stroke: a systematic review and meta-analysis

Patrícia Graef Vaz, MSc[1,2,4]; Ana Paula Da Silva Salazar, MSc[1,4]; Ritchele Marchese, MSc[4]; Cinara Stein MSc[1]; Rodrigo Della Méa Plentz, DSc[1,3]; Aline De Souza Pagnussat, DSc [1,3,4]

[1] Health Sciences Graduate Program, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Brazil.

[2] Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter) - Laureate International Universities, Porto Alegre, Brazil.

[3] Rehabilitation Sciences Graduate Program, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Brazil

[4] Movement Analysis and Neurological Rehabilitation Laboratory, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Brazil

ABSTRACT

BACKGROUND AND PURPOSE: Noninvasive brain stimulation (NIBS) has been receiving considerable interest as a potential adjuvant for rehabilitation after stroke. The aim of this meta-analysis was to examine the effectiveness of NIBS for gait rehabilitation in acute and chronic post-stroke subjects. METHODS: Sources included the following electronic databases: MEDLINE, Cochrane, EMBASE, SCOPUS, and PEDro. Two independent reviewers assessed the eligibility of studies based on the predefined inclusion criteria. The primary outcome was gait performance (assessed by the Timed Up & Go test and walking cadence) and the secondary outcomes were lower limb muscle strength and walking ability (assessed by the lower extremity Motricity Index and Functional Ambulation Classification). RESULTS: Ten randomized controlled trials were included in the meta-analysis, with 209 participants. Significant enhancement on gait performance was found after treatment with NIBS (SMD 0.51 [95% CI, 0.23 to 0.79; I^2 0%, p=0.0003]). Gait performance improved after excitatory stimulation of the lesional cortical region (SMD 0.52 [95% CI, 0.15 to 0.88; I^2 11%, p=0.006]), but not after inhibitory stimulation of the contralesional cortex (SMD 0.37 [95% CI, 0.17 to 0.91; I^2 0%, p=0.18]). NIBS was not able to induce improvements either on lower limb muscle strength (MD 1.66 [95% CI, -1.72 to 5.03; I^2 35%, p=0.34) or on walking ability (MD 0.25 [95% CI: -0.26 to 0.75; I^2 90%, p=0.34]). CONCLUSIONS: This systematic review with meta-analysis synthesizes moderate-quality evidences that NIBS is effective for improving gait performance after stroke but not for lower limb muscle strength and walking ability.

Key words: transcranial direct current stimulation, transcranial magnetic current stimulation, lower limb, muscle strength, walking, neurological rehabilitation, physical therapy modalities.

INTRODUCTION

Stroke is the leading cause of adult disability around the world [1]. One of the most common causes of disability after a stroke is the lower-limb motor impairment. Many stroke survivors have impaired lower limb muscle strength, walking ability, cadence and gait performance [2, 3].

An important question that remains unanswered is the most effective approach to improve motor recovery after stroke. Several stroke rehabilitation programs are focused on improving gait performance, balance and locomotor skills [2, 4, 5]. For this purpose, noninvasive brain stimulation (NIBS) has been used as a potential adjuvant treatment [6].

Transcranial magnetic stimulation (rTMS) and transcranial direct current stimulation (tDCS) are considered types of NIBS, and both can modulate cortical excitability and facilitate neuroplasticity [7]. According to the protocol, NIBS can be used to reduce or increase the motor cortical excitability. The inhibitory protocol consists of applying the stimuli on the non-lesioned cortex to decrease the inhibitory action from the non-affected hemisphere to the affected one [7]. For this purpose, the low-frequency rTMS (< 1 Hz) [8, 9] or the cathodal tDCS [10] must be used. On the other hand, to increase the motor cortical excitability, the high-frequency rTMS (> 5 Hz) [9] and anodal tDCS [10] must be delivered to the affected hemisphere [7].

Several randomized clinical trials (RCT) have investigated the effects of rTMS [11-14] and tDCS [10, 15-19] on gait performance, walking ability and lower limb muscle strength after stroke. Even though results are still inconclusive, some of these studies have reported improvements on spatiotemporal gait parameters [19] and lower limb muscle strength [10, 15, 17].

Specific gait performance tests have been used to evaluate subjects after stroke. The Timed “Up & Go” test (TUG) [16, 18, 19] and walking cadence are among the most utilized [10, 15, 17, 19]. On the other hand, walking ability may be assessed by means of the Functional Ambulation Classification (FAC). This scale categorizes subjects into six levels (from non-functional to independent) depending on how much assistance they require from someone else when walking, regardless of assistive device [15, 20]. Additionally, among the available tools for measuring muscle strength, the lower extremity Motricity Index (MI-LE) has been used as a simple, brief and feasible measure that can predict mobility outcomes in post-stroke subjects [21].

Therefore, this systematic review with meta-analysis aims to determine the effectiveness of NIBS combined or not combined with exercise to improve gait performance, lower limb strength and walking ability after stroke.

METHODS

Protocol

This meta-analysis was conducted in accordance with the Cochrane Collaboration [22] and is presented as suggested by the Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analyses: The PRISMA Statement [23].

Eligibility Criteria

We included randomized controlled clinical trials and randomized controlled crossover trials (from which we analyzed only the first period as a parallel-group design) that reported the effect of tDCS or rTMS for improving gait performance in subjects with acute or chronic stroke. We only included studies with at least one group treated with tDCS or rTMS and one control group receiving sham tDCS or sham rTMS combined or not combined with other type of therapy. We excluded studies that enrolled infant stroke survivors, and thesis or articles published only as abstracts, including conference proceedings.

The primary outcome was gait performance as assessed by: (a) the required time in seconds to perform the Timed up and Go (TUG) test; (b) walking cadence (number of steps per minute). The secondary outcomes were: (a) lower-limb muscle strength (assessed by the lower extremity Motricity Index (MI-LE)); (b) walking ability (assessed by the Functional Ambulation Classification (FAC)).

Search Strategy

Literature searches were conducted up to September 2016, using electronic databases including MEDLINE (accessed by Pubmed), Embase, Cochrane Central Register of Controlled Trials (Cochrane CENTRAL), SCOPUS, Scielo and Physiotherapy Evidence Database (PEDro). The following broad search terms were used: “stroke”, “brain ischemia”, “transcranial direct current stimulation”, “transcranial magnetic stimulation” and a string of predetermined words, which yielded a high

sensibility in the search for randomized controlled trial [24]. The terms were adjusted to fit the requirements of each electronic database. To enhance the sensitivity of the search, words related to the outcomes of interest were not included.

Study selection and data extraction

Two independent review authors (PG and APS) screened titles and abstracts of the identified studies. A standard screening checklist based on the eligibility criteria was used for each study. A third reviewer (CS) solved all disagreements related to the trial eligibility and assisted the decision of including or excluding studies. PG and APS independently extracted the following information from included studies: methodological design, number of subjects, comparison groups, intervention protocols and outcomes. Disagreements were solved by consensus. In some cases, authors were contacted for data clarification.

Risk of bias assessment

We assessed the risk of bias in the included studies using the Cochrane risk of bias assessment tool [22]. Study quality assessment included random sequence generation, allocation concealment, blinding of investigators, participants, assessors and outcomes assessors, intention-to-treat analysis and description of losses and exclusions. Each domain was scored as ‘‘high’’, ‘‘low’’ or ‘‘unclear’’ risk of bias [22]. Studies with a low risk of bias in three or more domains were suggested as trials of a moderate to high methodological quality.

Data Analysis

For quantitative synthesis, pooled-effect estimates were obtained by comparing the change from the baseline to the end of study. Regarding the continuous outcomes, if the unit of measurement was consistent across trials, the results were presented as the weighted mean difference (MD) with 95% confidence intervals (95% CIs). For those cases where studies have not used the same outcomes, we calculated standardized mean differences (SMDs) instead of MDs. Statistical heterogeneity was assessed using I^2 statistic, which values above 25% and 50% were considered as indicative of moderate and high heterogeneity, respectively. Fixed effects model should be used to combine studies when I^2 value was lower than 50%. Otherwise, random effects model would be used [22]. A p value ≤ 0.05 was considered statistically significant. All analyses

were conducted using Review Manager, version 5.3.

We calculated six separate meta-analyses. First, we analyzed the effects of NIBS (rTMS and tDCS) on gait performance. Then, we separately performed three sensitivity analyses: (a) investigating the effects of rTMS and tDCS on gait performance, (b) the effects of NIBS on different stages of stroke: acute (<3 month since the ictus) and chronic (>6 month since the ictus) and (c) the effects of different types of NIBS: excitatory or inhibitory. Finally, we conducted another two analyses to verify the effect of NIBS on lower limb strength and walking ability.

RESULTS

The electronic search strategy has identified a total of 2114 studies, of which 10 were included in this review [10-19]. A total of 209 subjects was enrolled in the studies included in the meta-analysis. The Figure 1 shows the flow diagram of the study.

Description of Studies

Characteristics of the included studies are summarized in Table 1. Four studies investigated the use of rTMS (n=112) [11-14] and six studies analyzed the use of tDCS (n=97) [10, 15-19]. Considering the primary outcome, all studies evaluated the gait performance in stroke subjects and used different tests and scales to analyze this outcome. Four studies used results from TUG [13, 16, 18] and six studies used the cadence [10-12, 14, 15, 17, 19]. Regarding secondary outcomes, three studies used the MI-LE to evaluate lower limb strength [10, 15, 17] and five studies used FAC scale to analyze walking ability [10, 15-17, 19].

The included studies enrolled acute [11, 12, 15, 16, 18] and chronic post-stroke subjects [10, 13, 14, 17]. The included type of stroke was ischemic [10, 15-18] or ischemic/hemorrhagic [11-14, 19]. Much of studies has combined the NIBS with some type of exercise (Lokomat, Conventional Physical Therapy, Physical Therapy with motor imagery, Motor Rehabilitation, Robot-assisted gait training or Task Oriented Training for lower limb) compared to a control group (Sham tDCS or Sham rTMS with or without exercise). Only two studies have not combined NIBS with exercise. One study investigated only the effect of rTMS [13] and another one has assessed the effect of a single bi-cephalic tDCS session (excitatory anodal delivered over the lesional

hemisphere and inhibitory cathodal over the contralesional hemisphere) [18].

Regarding rTMS protocols, two studies used low frequency (1 Hz) to inhibit the contralesional cortex [13, 14] and two studies used high frequency (10Hz) to excite the lesional cortex [11, 12]. Sessions lasted from 10 min [14] to 20 min [12, 13], and the number of sessions were five [13], ten [14], twenty [12] and thirty [11].

About tDCS protocols, the current intensities for anodal tDCS stimulation were 1.5 mA [17], 2 mA [15, 19] and 2.5 mA [10] to excite the lesional cortex. One study has used cathodal tDCS to inhibit the contralesional cortex with a 2.5 mA current [16]. Another study used 2 mA bi-cephalic tDCS to simultaneously inhibit the contralesional and excite the lesional cortex [18]. Sessions lasted from 10 min [15, 16] to 20 min [10, 19] in 10 consecutive daily sessions [10, 15-17]. Time of stimulation ranged between seven and 20 min [10, 17, 19] and the number of sessions ranged between one and 12 (three times per week) [18, 19]. (Table 2)

Risk of Bias

Among the included studies, 60% presented blinding of participants and personnel and 60% presented blinding of outcome assessment, showing a low risk of bias for these analyses. On the other hand, the following assessment presented unclear or high risk of bias: 30% reported adequate random sequence generation, 20% presented allocation concealment, 20% performed intention-to-treat analysis and 40% described losses and exclusions (Figure 2). Therefore, only 40% of the included studies showed moderate to high methodological quality.

Effects of interventions

NIBS x Sham NIBS on gait performance

Ten studies [10-19] (n=209) evaluated the effects of NIBS on gait performance and were included in the meta-analyses. NIBS, combined or not combined with another type of exercise, induced a significant improvement on gait performance when compared to sham NIBS (SMD 0.51 [95% CI, 0.23 to 0.79; I^2 0%, p=0.0003]) (Figure 3A). A primary sensitivity analysis, showed that both rTMS and tDCS had positive effects on gait performance (rTMS: SMD 0.59 [95% CI, 0.21 to 0.97; I^2 0%, p=0.002]; tDCS: SMD 0.44 [95% CI, 0.00 to 0.88; I^2 10%, p=0.05]) (Figure 3B). The second sensitivity analysis, showed that NIBS in acute stroke and chronic stroke had positive

effect on gait performance (acute stroke: SMD 0.58 [95% CI, 0.19 to 0.96; I^2 4%, p=0.003]; chronic stroke: SMD 0.43 [95% CI, 0.01 to 0.85; I^2 0%, p=0.04]) (Figure 3C). In addition, the third sensitivity analysis showed that excitatory NIBS (high frequency rTMS and anodal tDCS) was effective to improve gait performance (SMD 0.52 [95% CI, 0.15 to 0.88; I^2 11%, p=0.006]). On the other hand, inhibitory NIBS (low frequency rTMS and cathodal tDCS) showed no difference between groups on gait performance (SMD 0.37 [95% CI, 0.17 to 0.91; I^2 0%, p=0.18]) (Figure 3D).

Lower limb muscle strength

Three studies assessed the lower limb muscle strength [10, 15, 17] (n=64) and were included in the meta-analysis. NIBS combined with exercise was not able to induce significant improvement on lower limb muscle strength when compared to sham NIBS (MD 1.66 [95% CI, -1.72 to 5.03; I^2 35%, p=0.34) (Figure 4A).

Walking ability

Five studies [10, 15-17, 19] (n=83) assessed the walking ability and were included in the meta-analysis. NIBS combined with exercise was not able to induce significant improvement on walking ability when compared to sham NIBS (MD 0.25 [95% CI: -0.26 to 0.75; I^2 90%, p=0.34]) (Figure 4B).

DISCUSSION

This systematic review with meta-analysis aimed to determine the effectiveness of NIBS combined or not with other types of therapy for gait rehabilitation after stroke. To the best of our knowledge, this is the first systematic review with meta-analysis evaluating the effect of NIBS for gait rehabilitation after stroke. The meta-analysis showed that NIBS can improve gait performance and may be used as an adjunct treatment for post-stroke subjects. Nevertheless, NIBS seems to have no effect on lower limb muscle strength and walking ability.

After stroke, subjects present sensory-motor impairments including hemiparesis, loss of motor coordination, sensory deficit and muscle spasticity [25-27]. Furthermore, an abnormal pattern of neuronal activity occurs, disrupting the regular

inter-hemispheric communication [28-30]. These characteristics contribute for decrease on TUG performance, walking cadence and make rehabilitation even harder [3].

New strategies as NIBS have been investigated as an attempt to improve the stroke rehabilitation. rTMS and tDCS are the most common types of NIBS [7]. These approaches are based on the interhemispheric competition model, and are able to improve both cognitive [31] and motor function [32, 33]. Our results agree with these findings showing that rTMS and tDCS enhance TUG performance and walking cadence. Considering that walking is an important component of activities and participation according to the International Classification of Functioning, Disability and Health (ICF), the improvement on gait performance is pivotal for the subject's daily-life activity.

Early rehabilitation is most effective after stroke, although the window of time for recovery never closes. The plasticity processes decrease over time, especially six months after the injury [34, 35]. Our analysis showed that the NIBS would be able to optimize recovery of gait performance more significantly in the acute phase after brain injury. However, in the chronic phase some benefits were also observed. This improvement shows that, even in the chronic phase, NIBS can optimize the surviving neuronal networks, allowing new plasticity strategies and functional recovery.

According to the set protocol (stimulation parameters and type of stimulation), NIBS can increase or decrease cortical excitability. rTMS may be used to modulate abnormal brain excitability in two different ways: (a) high-frequency rTMS delivered to the affected hemisphere, (b) low-frequency rTMS delivered to the unaffected hemisphere [36]. The anodal tDCS delivered to the primary motor cortex (M1) increases corticospinal excitability, and cathodal stimulation of M1 decreases corticospinal excitability [7]. In our third sensitive analysis, six studies using excitatory stimulation showed increase on gait performance in those subjects who received 10Hz rTMS or anodal tDCS [10-12, 15, 17, 19]. However, among the three studies using 1Hz rTMS or cathodal tDCS [13, 14, 16], only one has showed significant improvement on gait performance. Then, this meta-analysis found no significant effect of inhibitory stimulation on gait performance. This result can be explained because a high current intensity is needed to stimulate the cortical lower limb representation area. This higher current amplitude is necessary because the cortical lower limbs representation has a deepest and more vertical orientation compared to the upper limbs [37, 38].

Concerning the lower limb muscle strength and walking ability (secondary outcomes), no significant results were found in the meta-analysis. Among the five

included studies for walking ability analysis [10, 15-17, 19], only one showed significant improvement in the FAC [19]. Regarding the paretic lower limb strength, three studies were included in the meta-analysis [10, 15, 17], and only one showed significant improvement in the intervention group [15]. This difference may be due to the longer period of time subjects underwent rehabilitation therapies [15]. Also, the small number of included studies in the meta-analysis and the reduced sample sizes may explain this result.

Studies included in this review used different parameters of NIBS considering dosing parameters (frequencies and intensity), sessions per day, and days per week. Nevertheless, all studies follow safety, ethical considerations, and application guidelines for the use of rTMS and tDCS in clinical practice and research [9, 39]. In this sense, it is important that more studies are carried out to standardize protocols with clinical effectiveness.

The average treatment effect sizes have been calculated to evaluate the efficacy of interventions. It is based on thresholds defined by Cohen, which categorize effect sizes as small [standardized mean difference (SMD) of 0.2], medium (SMD of 0.5), and large (SMD of 0.8) [40] (SMD is the difference in means between active and control groups divided by their pooled standard deviation). Our study has found a medium effect size (SMD – 0.51) when evaluating the effectiveness of treatment with NIBS on gait performance of post-stroke subjects when compared to sham intervention.

Limitations of the Review

Results are favorable to the NIBS therapy, combined or not combined with other type of intervention, for gait performance of subjects after stroke. One important limitation of this study is that several studies have shown some biases. Seven studies did not properly describe the generation of a random sequence and only two has clearly described allocation concealment. Six studies reported the patient and assessors blinding. Six studies did not report drop-outs as well as the patient's exclusions. Additionally, only four studies have used the intention to treat analysis. Another limitation is that NIBS protocols are still quite varied. Even though some guidelines have already been established, there is no consensus about the ideal parameters to be applied to post-stroke subjects.

CONCLUSION

This systematic review with meta-analysis synthesizes evidences of the effects of NIBS on gait rehabilitation after acute and chronic stroke. In brief, when comparing rTMS or tDCS with sham stimulation, with or without other type of therapy, there is moderate-quality evidence for positive effects of NIBS on gait performance.

At present, studies support NIBS for improving gait performance after stroke in clinical practice. Future researches should aim to examine the effects of NIBS on walking ability and lower limb muscle strength, as well as to explore differences between excitatory and the inhibitory stimulations.

DISCLOSURE

None.

SOURCES OF FUNDING

No sponsor or funding participated in the study design, data analysis and interpretation, manuscript writing and dissemination of results.

REFERENCES

1. Lavados PM, Hennis AJ, Fernandes JG, Medina MT, Legetic B, Hoppe A, Sacks C, Jadue L, Salinas R. Stroke epidemiology, prevention, and management strategies at a regional level: Latin america and the caribbean. *Lancet Neurol*. 2007;6:362-372
2. Langhorne P, Coupar F, Pollock A. Motor recovery after stroke: A systematic review. *Lancet Neurol*. 2009;8:741-754
3. Flansbjer UB, Holmback AM, Downham D, Patten C, Lexell J. Reliability of gait performance tests in men and women with hemiparesis after stroke. *J Rehabil Med*. 2005;37:75-82
4. Xu Y, Hou QH, Russell SD, Bennett BC, Sellers AJ, Lin Q, Huang DF. Neuroplasticity in post-stroke gait recovery and noninvasive brain stimulation. *Neural Regen Res*. 2015;10:2072-2080
5. Richards CL, Malouin F, Dean C. Gait in stroke: Assessment and rehabilitation. *Clin Geriatr Med*. 1999;15:833-855
6. Fleming MK, Pavlou M, Newham DJ, Sztriha L, Teo JT. Non-invasive brain stimulation for the lower limb after stroke: What do we know so far and what should we be doing next? *Disabil Rehabil*. 2016:1-7
7. Klomjai W, Lackmy-Vallee A, Roche N, Pradat-Diehl P, Marchand-Pauvert V, Katz R. Repetitive transcranial magnetic stimulation and transcranial direct current stimulation in motor rehabilitation after stroke: An update. *Ann Phys Rehabil Med*. 2015;58:220-224
8. Liao X, Xing G, Guo Z, Jin Y, Tang Q, He B, McClure MA, Liu H, Chen H, Mu Q. Repetitive transcranial magnetic stimulation as an alternative therapy for dysphagia after stroke: A systematic review and meta-analysis. *Clin Rehabil*. 2016
9. Rossi S, Hallett M, Rossini PM, Pascual-Leone A. Safety, ethical considerations, and application guidelines for the use of transcranial magnetic stimulation in clinical practice and research. *Clin Neurophysiol*. 2009;120:2008-2039
10. Picelli A, Chemello E, Castellazzi P, Roncari L, Waldner A, Saltuari L, Smania N, Author A, Neuromotor, Cognitive Rehabilitation R, Center DoN, Movement Sciences Uo, Verona LASVI, Villa Melitta Rehabilitation Clinic BI, Department of Neurology HHZA, Research Unit for Neurorehabilitation South Tyrol B, Italy, Neurorehabilitation Unit A, Ospedaliera Universitaria Integrata VI, Correspondence A, N. Smania N, Cognitive Rehabilitation Research C, Department of N, Movement Sciences UoVLA, Scuro VI. Combined effects of transcranial direct current stimulation (tdcs) and transcutaneous spinal direct current stimulation (tsdcs) on robot-assisted gait training in patients with chronic stroke: A pilot, double blind, randomized controlled trial. *Restorative Neurology and Neuroscience*. 2015;33:357-368
11. Ji S-G, Cha H-G, Kim K-J, Kim M-K. Effects of motor imagery practice in conjunction with repetitive transcranial magnetic stimulation on stroke patients. *Journal of Magnetics*. 2014;19:181-184
12. Ji S-G, Kim M-K. The effects of repetitive transcranial magnetic stimulation on the gait of acute stroke patients. *Journal of Magnetics*. 2015;20:129-132
13. Rastgoo M, Naghdi S, Ansari NN, Olyaei G, Jalaei S, Forogh B, Najari H. Effects of repetitive transcranial magnetic stimulation on lower extremity spasticity and motor function in stroke patients. *Disability and Rehabilitation*. 2016;38:1918-1926

14. Wang R-Y, Tseng H-Y, Liao K-K, Wang C-J, Lai K-L, Yang Y-R. Rtms combined with task-oriented training to improve symmetry of interhemispheric corticomotor excitability and gait performance after stroke: A randomized trial. *Neurorehabilitation and Neural Repair*. 2012;26:222-230
15. Chang MC, Kim DY, Park DH. Enhancement of cortical excitability and lower limb motor function in patients with stroke by transcranial direct current stimulation. *Brain stimulation*. 2015;8:561-566
16. Fusco A, Assenza F, Iosa M, Izzo S, Altavilla R, Paolucci S, Vernieri F, Author A, Clinical, Laboratory of Experimental Neurorehabilitation IFS, Lucia VARI, Department of Neurology C, Bio-Medico University VÁdPRI, Correspondence A, A. Fusco CLoENI, Fondazione Santa Lucia VARIE, a.fusco@hsantalucia.it. The ineffective role of cathodal tdcs in enhancing the functional motor outcomes in early phase of stroke rehabilitation: An experimental trial. *BioMed Research International*. 2014;2014 Article Number: 547290.
17. Geroin C, Picelli A, Munari D, Waldner A, Tomelleri C, Smania N, Author A, University of V, Department of Neurological NM, Movement, Sciences VI, Privatklinik Villa Melitta NRB, Italy, Privatklinik Villa Melitta NR, Bolzen I, Correspondence A, C. Geroin UoVDoN, Neuropsychological M, Movement Sciences VI. Combined transcranial direct current stimulation and robot-assisted gait training in patients with chronic stroke: A pilot randomized controlled trial. *Physiotherapy*. 2011;(2011) 97 SUPPL. 1:eS403-eS404
18. Tahtis V, Kaski D, Seemungal BM. The effect of single session bi-cephalic transcranial direct current stimulation on gait performance in sub-acute stroke: A pilot study. *Restorative neurology and neuroscience*. 2014;32:527-532
19. Danzl MM, Chelette KC, Lee K, Lykins D, Sawaki L, Author A, Department of Rehabilitation Sciences UoK, Lexington KYUS, Department of P, Medicine, Rehabilitation UoKHC, Hill Rehabilitation Hospital VRLKY, United S, Cardinal Hill Rehabilitation Hospital LKY, United S, Correspondence A, L. Sawaki DoPM, Rehabilitation Uo, Kentucky Healthcare CHRHV, Road LKYUSElsue. Brain stimulation paired with novel locomotor training with robotic gait orthosis in chronic stroke: A feasibility study. *NeuroRehabilitation*. 2013;33:67-76
20. Holden MK, Gill KM, Magliozzi MR. Gait assessment for neurologically impaired patients. Standards for outcome assessment. *Phys Ther*. 1986;66:1530-1539
21. Cameron D, Bohannon RW. Criterion validity of lower extremity motricity index scores. *Clin Rehabil*. 2000;14:208-211
22. Higgins J, Green, S. *Cochrane handbook for systematic reviews of interventions.* Chichester: John Wiley & Sons; 2011.
23. Moher D, Liberati A, Tetzlaff J, Altman DG, Group P. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The prisma statement. *Int J Surg*. 2010;8:336-341
24. Robinson KA, Dickersin K. Development of a highly sensitive search strategy for the retrieval of reports of controlled trials using pubmed. *Int J Epidemiol*. 2002;31:150-153
25. Nudo RJ. Recovery after brain injury: Mechanisms and principles. *Front Hum Neurosci*. 2013;7:887
26. Lin KC, Chang YF, Wu CY, Chen YA. Effects of constraint-induced therapy versus bilateral arm training on motor performance, daily functions, and quality of life in stroke survivors. *Neurorehabil Neural Repair*. 2009;23:441-448

27. Boroojerdi B, Battaglia F, Muellbacher W, Cohen LG. Mechanisms influencing stimulus-response properties of the human corticospinal system. *Clin Neurophysiol*. 2001;112:931-937
28. Tamburin S, Manganotti P, Zanette G, Fiaschi A. Cutaneomotor integration in human hand motor areas: Somatotopic effect and interaction of afferents. *Exp Brain Res*. 2001;141:232-241
29. Jayaram G, Stinear JW. The effects of transcranial stimulation on paretic lower limb motor excitability during walking. *J Clin Neurophysiol*. 2009;26:272-279
30. Nowak DA, Grefkes C, Ameli M, Fink GR. Interhemispheric competition after stroke: Brain stimulation to enhance recovery of function of the affected hand. *Neurorehabil Neural Repair*. 2009;23:641-656
31. D'Agata F, Peila E, Cicerale A, Caglio MM, Caroppo P, Vighetti S, Piedimonte A, Minuto A, Campagnoli M, Salatino A, Molo MT, Mortara P, Pinessi L, Massazza G. Cognitive and neurophysiological effects of non-invasive brain stimulation in stroke patients after motor rehabilitation. *Front Behav Neurosci*. 2016;10:135
32. Graef P, Dadalt ML, Rodrigues DA, Stein C, Pagnussat Ade S. Transcranial magnetic stimulation combined with upper-limb training for improving function after stroke: A systematic review and meta-analysis. *J Neurol Sci*. 2016;369:149-158
33. Nitsche MA, Paulus W. Sustained excitability elevations induced by transcranial dc motor cortex stimulation in humans. *Neurology*. 2001;57:1899-1901
34. Murphy NF, O'Loughlin C, Ledwidge M, McCaffrey D, McDonald K. Improvement but no cure of left ventricular systolic dysfunction in treated heart failure patients. *Eur J Heart Fail*. 2007;9:1196-1204
35. Weinrich M, Good DC, Reding M, Roth EJ, Cifu DX, Silver KH, Craik RL, Magaziner J, Terrin M, Schwartz M, Gerber L. Timing, intensity, and duration of rehabilitation for hip fracture and stroke: Report of a workshop at the national center for medical rehabilitation research. *Neurorehabil Neural Repair*. 2004;18:12-28
36. Fregni F, Pascual-Leone A. Technology insight: Noninvasive brain stimulation in neurology-perspectives on the therapeutic potential of rtms and tdcs. *Nat Clin Pract Neurol*. 2007;3:383-393
37. Nitsche MA, Nitsche MS, Klein CC, Tergau F, Rothwell JC, Paulus W. Level of action of cathodal dc polarisation induced inhibition of the human motor cortex. *Clin Neurophysiol*. 2003;114:600-604
38. Jeffery DT, Norton JA, Roy FD, Gorassini MA. Effects of transcranial direct current stimulation on the excitability of the leg motor cortex. *Exp Brain Res*. 2007;182:281-287
39. Bikson M, Grossman P, Thomas C, Zannou AL, Jiang J, Adnan T, Mourdoukoutas AP, Kronberg G, Truong D, Boggio P, Brunoni AR, Charvet L, Fregni F, Fritsch B, Gillick B, Hamilton RH, Hampstead BM, Jankord R, Kirton A, Knotkova H, Liebetanz D, Liu A, Loo C, Nitsche MA, Reis J, Richardson JD, Rotenberg A, Turkeltaub PE, Woods AJ. Safety of transcranial direct current stimulation: Evidence based update 2016. *Brain Stimul*. 2016;9:641-661
40. Cohen J. *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale: Erlbaum Associates; 1988.

Table 1 - Characteristics of studies included in systematic review

Author, Year	Intervention	Participants	Control	N (IG/CG)	Age Mean ± SD (IG/CG)	Male gender (IG/CG)	Protocol
tDCS							
Chang et al., 2015	Anodal tDCS + Conventional Physical Therapy	Acute Stroke Subjects	Sham tDCS + Conventional Physical Therapy	24 (12/12)	59.9±10.2/ 65.8±10.6	Not reported	IG: anodal tDCS: 10 sessions, daily for 2 weeks, 10 min at 2 mA + Conventional Physical Therapy: 12 sessions, daily for 2 weeks (Monday-Friday: 2.5 h/day; Saturday: 1 h/day). CG: sham tDCS: 10 sessions, daily for 2 weeks, 10 min (current only delivered during the first 15 s) + Conventional Physical Therapy: 12 sessions, daily for 2 weeks (Monday-Friday: 2.5 h/day; Saturday: 1 h/day). Outcomes: MEP; walking cadence; FM-LE; MI-LE; FAC; BBS.
Danzl et al., 2013	Anodal tDCS+Lokomat	Chronic Stroke Subjects	Sham tDCS+Lokomat	8 (4/4)	Not reported	4/4	IG: anodal tDCS: 12 sessions, 3 times per week for 4 weeks, 20 min, 2 mA + Lokomat for 20-40min. CG: sham tDCS: 12 sessions, 3 times per week, 20 min (current set to ramp up and then down over the first 75 seconds of the session) + Lokomat for 20-40min. Outcomes: 10MWT, TUG, BBS, FAC, SIS-16.
Fusco et al., 2014	Cathodal tDCS + Motor Rehabilitation	Acute Stroke Subjects	Sham tDCS + Motor Rehabilitation	11 (5/6)	58.36 ± 14.35	3/2	IG: cathodal tDCS: 10 sessions, daily for 2 weeks, 10 min at 1.5mA + Motor Rehabilitation: twice a day, 45 min for each session. CG: sham-tDCS + Motor Rehabilitation: twice a day, 45 min for each session. Outcomes: TUG; 6MWT; 10MWT; RMI; FAC.

Geroin et al., 2011	Anodal tDCS + Robot-assisted gait training	Chronic Stroke Subjects	Sham tDCS + Robot assisted gait training	30 (10/10/10)	63.6±6.7/ 63.3±6.4/ 61.1±6.3	8/6/9	IG: 10 sessions, daily for two weeks, 50-minute (Robot-assisted gait training) + anodal tDCS (1.5mA) during 7 min. CG: 10 sessions, daily for two weeks, 50-minute (Robot-assisted gait training) + sham tDCS (current stimulator was switched off) during the first 7 min. Other group: Walking exercises according to the Bobath Concept. Outcomes: 6MWT; 10MWT; walking cadence; FAC; RMI; MI-LE; MAS.
Picelli et al., 2015	Anodal tDCS + tsDCS + Robot-assisted gait training	Chronic Stroke Subjects	Sham tDCS + tsDCS + Robot-assisted gait training	30 (10/10/10)	64.8±6.0/ 61.0±7.2/ 62.8±11.8	7/7/8	IG: anodal tDCS + tsDCS: 10 sessions, daily for two weeks, 20 min. Robot-assisted gait training + tDCS (2 mA for 20 min during the Robot-assisted gait training) + cathodal tsDCS (2.5 mA for 20 min) CG: sham tDCS + tsDCS: 10 sessions, daily for two weeks, 20 min. Robot-assisted gait training + sham tDCS (2 mA for only 2 min) + cathodal tsDCS. Other group: tDCS + sham tsDCS: 10 sessions, daily for two weeks, 20 min. Robot-assisted gait training + anodal tDCS (2 mA for 20 min) + sham tsDCS. Outcome: 6MWT; FAC; MI-LE; MAS; walking cadence.
Tathis et al., 2014	Bi-cephalic tDCS	Acute Stroke Subjects	Bi-cephalic Sham tDCS	14 (7/7)	67.3±11.8/ 56.4±12.3	5/6	IG: bi-cephalic tDCS: single session, 2mA for 15min. CG: bi-cephalic sham tDCS: single session (2 mA providing the initial sensory experience and subsequently turned off, less than 30 seconds). Outcomes: POMA and TUG.

rTMS							
Wang et al., 2012	rTMS + Task-Oriented Training	Chronic Stroke Subjects	Sham rTMS + Task-Oriented Training	24 (12/12)	64.90±12.3/ 62.98±10.88	7/8	IG: rTMS: 10 sessions, daily for two weeks, 90% resting motor threshold and a train of 600 pulses (1 Hz) for 10 min + task-oriented training for 30 min. CG: Sham rTMS: 10 sessions, daily for two weeks + task-oriented training for 30 min. Outcomes: FM-LE, walking cadence.
Ji & Kim., 2015	rTMS + Conventional Physical Therapy	Acute Stroke Subjects	Sham rTMS + Conventional Physical Therapy	39 (20/19)	55.65±8.95/ 56.36/10.44	Not reported	IG: rTMS: 20 sessions, daily for four weeks, 10Hz was applied daily to the hotspot of the lesional hemisphere in 10-second trains, with 50-second intervals between trains, for 20 min (total 2.000 pulses) + 30 min of Conventional Physical Therapy CG: Sham rTMS: 20 sessions, daily for four weeks, sham rTMS for 20 min + Conventional Physical Therapy for 30 min. Outcomes: walking cadence.
Ji et al., 2014	rTMS + Physical Therapy with motor imagery	Acute Stroke Subjects	Sham rTMS + Physical Therapy with motor imagery	29 (15/14)	49±11/44.28 ±8.52	9/8	IG: rTMS: 30 sessions, daily for six weeks, 10 Hz rTMS was applied to the hotspot (10 sec trains with 50 sec interval) for 15 min + Physical Therapy with motor imagery, 30 min. CG: sham rTMS: 30 sessions, daily for six weeks, sham rTMS did not apply + physical therapy with motor imagery, 30 min. Outcomes: walking cadence.

Ratsgoo et al., 2016	rTMS	Chronic Stroke Subjects	Sham rTMS	20 (10/10)	54.6±11.75 / 49.7±11	8/8	IC: rTMS: 5 sessions, daily for one week, rTMS a train of 1000 pulses of 1-Hz, intensity of 90% of the tibialis anterior motor threshold over 20 min CG: sham rTMS: 5 sessions, daily for one week, sham rTMS (application of an audio coil, no magnetic stimulation was delivered to the brain). Outcomes: MAS, TUG, FM-LE.

IG, Intervention group; CG, Control Group; tDCS, transcranial direct current stimulation; tsDCS, transcutaneous spinal direct current stimulation; rTMS, repetitive transcranial magnetic stimulation; N, sample number; MEP, Motor-evoked potential; FM-LE, Fugl Meyer Lower Extremity; MI-LE, Lower extremity Motricity Index; FAC, Functional Ambulatory Category scale; BBS, Berg Balance Scale; 10MWT, 10 Meter Walk Test; TUG, Timed Up and Go Test; SIS-16, Stroke Impact Scale 16; 6MWT, 6-Minute Walking Test; RMI, Rivermead Mobility Index; RAGT, MAS, Modified Ashworth Scale; POMA, Performance Oriented Mobility Assessment. 1

Table 2. Noninvasive brain stimulations protocols

Author, Year	Time of stimulation	Intensity or Frequency of current	Number of sessions
rTMS			
Inhibitory			
Wang et al., 2012	10min	1Hz	10 (daily)
Ratsgoo et al., 2016	20min	1Hz	5 (daily)
Excitatory			
Ji & Kim., 2015	20min	10Hz	20 (daily)
Ji et al., 2014	15min	10Hz	30 (daily)
tDCS			
Inhibitory			
Fusco et al., 2014	10min	1.5mA	10 (daily)
Excitatory			
Chang et al., 2015	10min	2mA	10 (daily)
Danzl et al., 2013	20min	2mA	12 (3x/wk)
Geroin et al., 2011	7min	1.5mA	10 (daily)
Picelli et al., 2015	20min	2.5mA	10 (daily)
Bi-cefhalic			
Tathis et al., 2014	15min	2mA	1

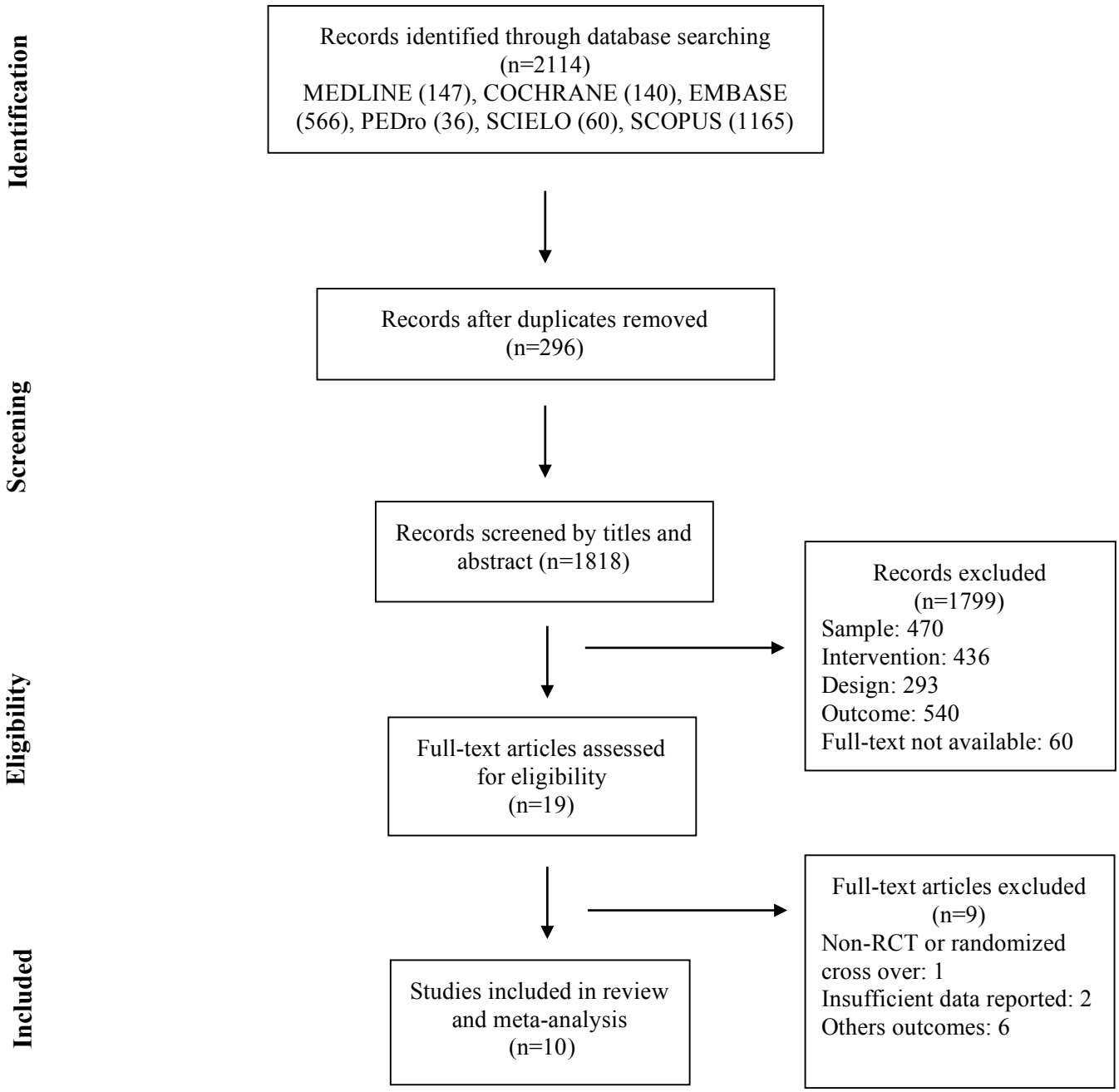


Figure 1. The flow diagram of studies included in the review.

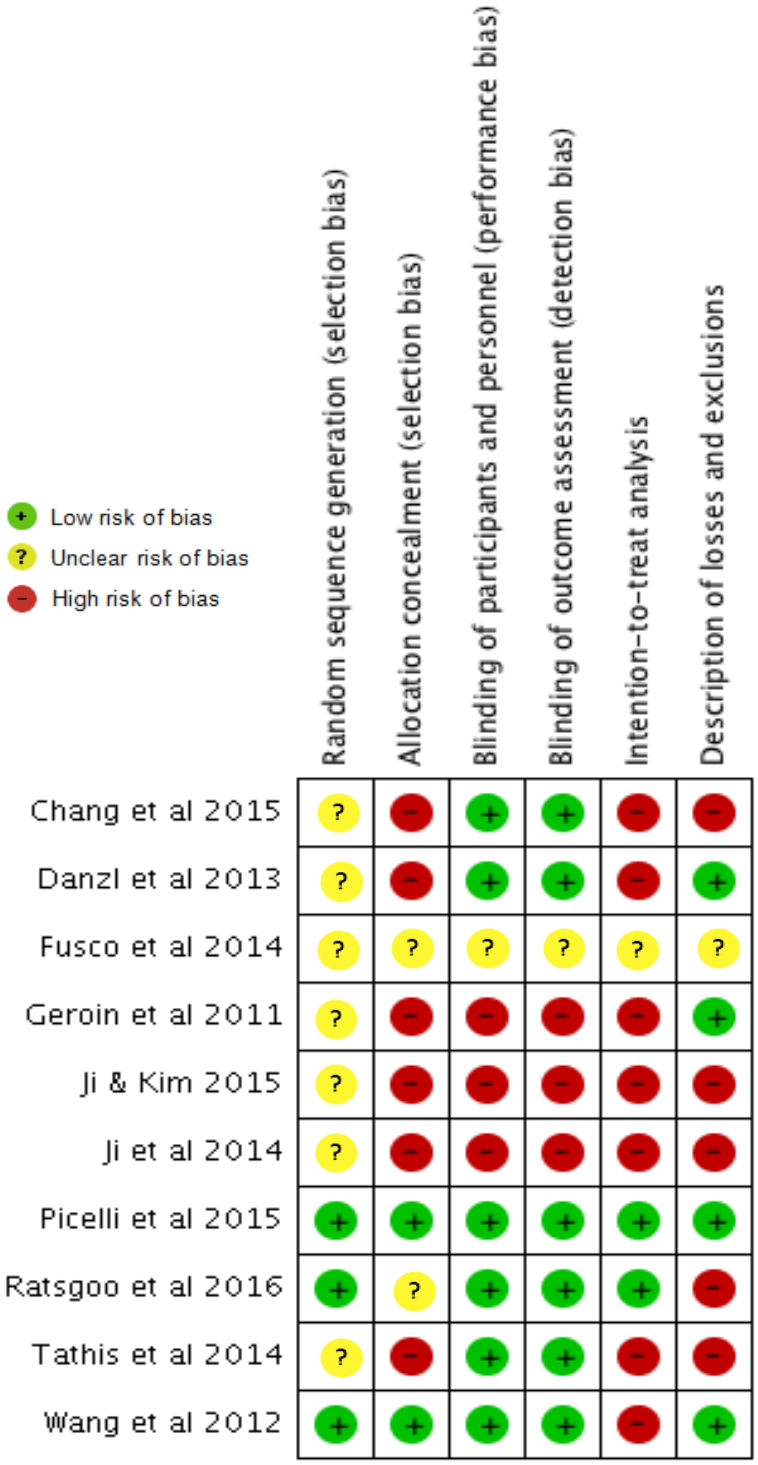
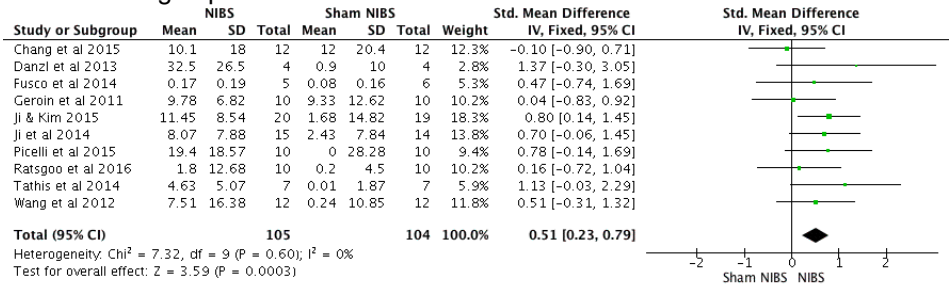


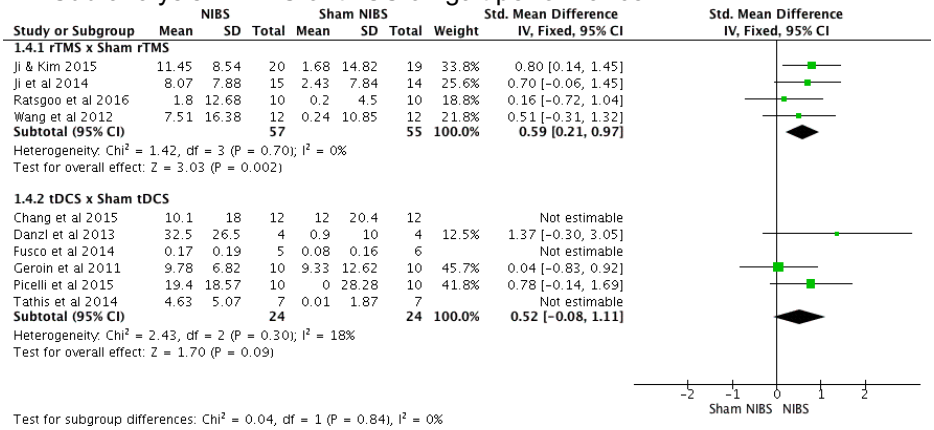
Figure 2. Risk of Bias assessment for ten groups

Primary Outcome:

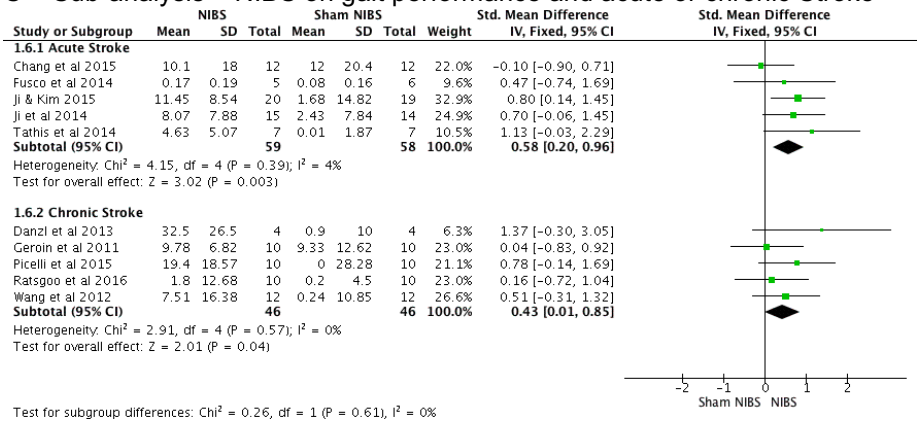
A – NIBS on gait performance



B – Sub-analysis – rTMS or tDCS on gait performance



C – Sub-analysis – NIBS on gait performance and acute or chronic Stroke



D – Sub-analysis – Excitatory or inhibitory stimulation on gait performance

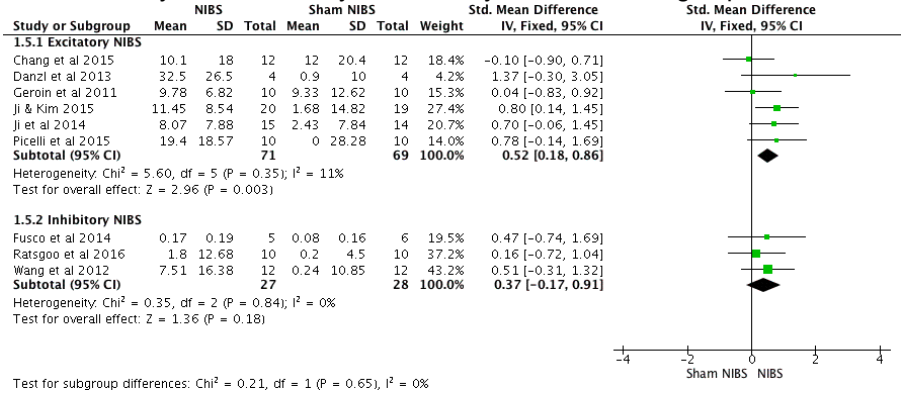
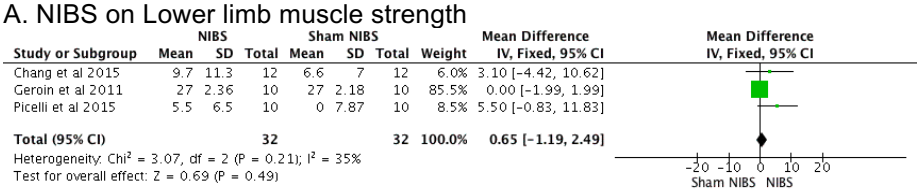


Figure 3. The standard mean difference and 95% confidence interval (CI) of NIBS on gait performance (A), rTMS or tDCS on gait performance (B),

NIBS on gait performance and acute or chronic stroke (C) and Excitatory or inhibitory stimulation on gait performance (D)

Secondary outcomes:

A. NIBS on Lower limb muscle strength



B. NIBS on Walking ability

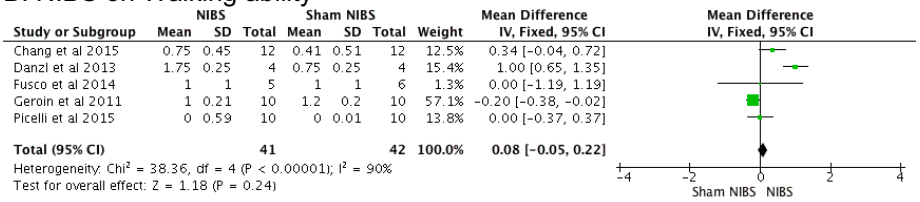


Figure 4. The standard mean difference and 95% confidence interval (CI) of NIBS on lower limb muscle strength (A) and NIBS on walking ability (B).

5.3 ARTIGO 3

Revista que será submetido: JOURNAL OF PHYSIOTHERAPY

Fator de impacto: 4.000

Repetitive transcranial magnetic stimulation combined with transcranial direct current stimulation for upper-limb motor function recovery after stroke: a randomised trial

Patricia Graef Vaz[a,b], Ana Paula da Silva Salazar[c,d], Luz Elena Durán Carabali[e], Maurer Pereira Martins[f], Maurício Andre Gheller Friedrich[f], Aline de Souza Pagnussat[a,c,d]

[a] Health Sciences Graduate Program, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Brazil

[b] Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter) – Laureate International Universities, PortoAlegre, Brazil

[c] Rehabilitation Sciences Graduate Program, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Brazil

[d] Movement Analysis and Neurological Rehabilitation Laboratory, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Brazil

[e] Physiology Graduate Program, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brazil

[f] Institute of Vascular Medicine, Mãe de Deus Hospital, Porto Alegre, Brazil.

ABSTRACT

Question: Does dual-mode stimulation combining low-frequency repetitive transcranial magnetic stimulation (LF-rTMS) with anodal transcranial direct current stimulation (atDCS) improve upper-limb motor function more than unimodal LF-rTMS or unimodal atDCS after stroke? **Design:** An assessor-blinded, randomised trial. **Participants:** Twenty-four subjects from Mãe de Deus Hospital and local community. **Intervention:** Participants were randomly assigned to received 1Hz LF-rTMS over the contralesional hemisphere, 1mA atDCS over the ipsilesional hemisphere or bilateral dual-mode stimulation comprising LF-rTMS+atDCS. All participants received 10 sessions (3x/wk) for 20 minutes. **Outcome measures:** Outcome measures were taken at baseline and after 4 weeks of treatment. The primary outcome was manual dexterity measured by Box and Block Test. Secondary outcomes were upper limb function measured by the Wolf Motor Function Test (WMFT), grip strength assessed by manual dynamometer and quality of life assessed by Stroke Specific Quality of Life. **Results:** All participants completed the study. No severe adverse effects were reported during the sessions. There was no difference between groups for any outcomes. Manual dexterity, WMFT performance time and grip strength were improved after both LF-rTMS+atDCS and atDCS protocols. WMFT functional ability was enhanced on LF-rTMS group. Improvements in quality of life were observed for both LF-rTMS and atDCS groups. **Conclusion:** Unimodal LF-rTMS, unimodal atDCS and dual-mode LF-rTMS+atDCS similarly induce improvement on manual dexterity, upper limb motor function, grip strength and quality of life of chronic post-stroke participants. **Trial Registration:** NCT02817867

INTRODUCTION

Stroke is one of the leading causes of adult disability worldwide[1]. Sensorimotor and cognitive impairments are common post-stroke consequences. Motor function impairments impact negatively the quality of life, independence, and in performing everyday household chores and work-related activities[2]. Post-stroke consequences impose a significant burden on the victim, their family, and society. Researchers have identified the importance on developing new effective rehabilitation therapies to improve motor function of post-stroke survivors. The interhemispheric competition model proposes that motor deficits in stroke subjects are a result of reduced output from the affected hemisphere and excessive transcallosal inhibition from the unaffected hemisphere to the affected one[3]. The interhemispheric competition model-based therapies are new promising strategies in stroke rehabilitation[4,5].

Non-invasive brain stimulation (NIBS) is a method based on the interhemispheric competition model used to modulate human brain function. This technique has shown encouraging results for treating post-stroke motor deficits[4]. Repetitive transcranial magnetic stimulation (rTMS) and transcranial direct current stimulation (tDCS) are two of the most promising NIBS modalities. rTMS acts like a neurostimulator and involves a continuous train or periodic trains of pulses that change the corticospinal excitability. The effect depends on the pacing rate. High frequency[6] (HF) stimulation (i.e., >3 Hz) increases cortical excitability while low frequency[7] (LF) stimulation (i.e., ≤1 Hz) decreases cortical excitability[8]. Thus, HF-rTMS is applied over the ipsilesional cortical area and LF-rTMS is applied over contralesional cortical area[9]. On the other hand, tDCS acts rather as a neuromodulator and is an easier electrophysiological tool to handle, much smaller and portable at the patient's bedside. tDCS delivers weak polarizing direct currents to the cortex via two large electrodes placed on the scalp[9]. The active electrode is applied over the targeted cortex area and a direct current generator (0.5–2.5 mA) is delivered to modify the threshold of cortical neurons and the underlying cortex excitability. tDCS is polarity dependent: anodal tDCS (atDCS) increases the network excitability and cathodal tDCS (ctDCS) decreases the network excitability[9]. Thus, atDCS is applied over the ipsilesional cortex and ctDCS is applied over the contralesional area.

Several studies have evaluated the therapeutic benefits of rTMS and tDCS alone or combined with other therapies in cognitive neuroscience, psychiatry,

neurology, and neurorehabilitation[10,11] to improve motor recovery, upper-limb and lower limb function[3,12-14]. Currently, new modalities of brain modulation have been studying to maximize the effects of motor function through the stimulation of more than two sites or with multi-modal stimulation by combining different modalities [14-23]. However, there have been few studies investigating the effectiveness of bi-hemispheric stimulation using both rTMS and tDCS for improving motor function after stroke[15,18,23] and it remains unclear how protocols can be optimized to maximize their therapeutic effects.

The research question for this randomised clinical trial was:

Does dual-mode stimulation combining LF-rTMS with anodal tDCS improve upper-limb motor function more than unimodal LF-rTMS and unimodal anodal tDCS after stroke?

METHOD

Design

An appraiser-blinded, randomised trial was undertaken (Figure 1) according to CONSORT guidelines for randomized clinical trials[24]. Participants' allocations were placed in opaque, sequentially numbered and sealed envelopes that were held off-site for randomised into three groups (LF-rTMS group; atDCS group and rTMS+tDCS group). Once a participant passed the screening process and completed the initial assessment, the next envelope was opened and the group allocation was revealed. The participant was considered to have entered the trial at this point. The trial was registered with the Clinical Trials Registry (NCT02817867). The authors certify that all applicable institutional and governmental regulations concerning the ethical use of human volunteers were followed.

Participants

All participants admitted to the Mãe de Deus Hospital in the previous 5 years and from the local community through advertisements in local newspapers and social media were screened for inclusion. The inclusion criteria were: (1) subcortical stroke diagnosis, which has resulted in hemiparesis for at least 6 months and not more than 5 years (chronic condition)[25]; (2) Brunnstrom stage 3-5 for hand-fingers (ie, the ability,

at least subjectively, to flex the fingers with/without extension)[26]; (3) age at intervention between 18-85 years; (4) history of a single stroke only or more than one cerebrovascular lesions in the same hemisphere; (5) no cognitive impairment (a cut-off point of 20 and 24 on the Mini-Mental State Examination was set for illiterate and literate subjects, respectively)[27]; (6) no documented epileptic discharges on pretreatment electroencephalogram; and (7) no current use of antiepileptic medications for the prevention of seizures. Participants were excluded for the following reasons: (1) painful shoulder, adhesive capsulitis or gleno-humeral subluxation; (2) other neurological or orthopedic conditions involving the upper limbs (musculoskeletal diseases, peripheral neuropathy, joint replacement); (3) contraindications for rTMS according to the guidelines suggested by Wassermann (eg, cardiac pacemakers, intracranial implants, implanted medication pumps, and pregnancy)[28].

Intervention

NIBS protocols were performed by a single investigator (MPM). Participants allocated to LF-rTMS group received 10 sessions (3x/wk), during 20 minutes. Neuro-MS (NEUROSTFD - Ivanovo, 153032, Russia) equipped with an air-cooled figure-of-eight coil (each loop 70 mm in diameter) was used. The coil was placed tangentially to the scalp over the hand area of the primary motor cortex (M1). The exact site of stimulation was defined as the location where stimulation of a slightly suprathreshold intensity elicited the largest motor evoked potential (MEP) in the first dorsal interosseous (FDI) muscle. The placement of the coil was maintained by marking the actual point on the skin of the head. Magnetic stimulation was applied at 80% of the *resting motor threshold (*rMT) at 1 Hz frequency in contralesional M1. A total of 1200 pulses was generated during each session. The rMT was determined in each subject once before treatment and was defined as the minimum stimulus intensity able to elicit MEP of at least 50 mV in at least 5 of 10 consecutive stimulations.

Participants allocated in the atDCS group received 10 sessions (3x/wk), during 20 minutes of 1mA intensity. The battery-driven constant current stimulator DC-STIMULATOR PLUS (NeuroConn Technology – Germany) was used with a saline-soaked pair of surface sponge electrodes (35 cm^2). The anodal electrode was positioned on the M1 of the affected hemisphere (C3 or C4 (10/20 international EEG system) depending on the lesion side). Another electrode was placed over the contralateral supraorbital area.

Participants allocated in the LF-rTMS + atDCS group received 10 sessions (3x/wk) of LF-rTMS over the contralesional M1 during 10 minutes (using the same parameters of the LF-rTMS group), followed by 10 minutes of atDCS over the ipsilesional M1 (using the same parameters of the atDCS group).

Outcome measures

Blinded assessors evaluated all participants before randomisation and at the end of the 4-week intervention period. Two assessors received training prior to assessment and were given assessment protocols to improve inter-subjects' reliability. Additional demographic data to describe the sample were collected prior to randomisation. These data included age, gender, time since injury, type of acquired brain injury, affected side, the number of events and Brunnstrom stage.

Primary outcome:

Manual dexterity

Manual dexterity was assessed by Box and Block Test (BBT)[29]. Required materials are one wooden box, 150 cubes (2.5 cm), a stopwatch, and an evaluation form. Subjects were seated and first used the less affected side to move cubes during 1 minute. When the test began, the participant should grasp one block at a time with the dominant hand, transport the block over the partition, and release it into the opposite compartment. The greater the number of blocks per minute, the better was the performance of manual dexterity.

Secondary outcome:

Upper-limb function

Upper-limb function was assessed by Wolf Motor Function Test (WMFT)[30]. WMFT contains 15 function-based tasks. The performance time (WMFT time) and functional ability scale (WMFT FAS) on the 15 function-based items were administered in this study. The speed at which functional tasks can be completed is measured by performance time and the movement quality when completing the tasks is measured by functional ability. The maximum time allowed to complete an item is 120 seconds. For functional ability scoring, we used a 6-point ordinal scale, where 0 = does not attempt with the involved arm and 5 = arm does participate/ movement appears to be normal. Test-retest reliability, interrater reliability, criterion validity, and construct

validity of the WMFT have been ascertained in post-stroke subjects[26].

Grip strength

Maximal force was measured by hand-held dynamometer (kgf) (Jamar® Hydraulic Hand Dynamometer). Three grip strength measures were recorded in a standardized instruction and position (each participant was seated in a chair that maintained 90 degrees of knee and hip flexion with the upper limb resting on a table located at the front. With the affected upper limb supported, the participant held the dynamometer and performed the test). The highest score was recorded.

Quality of life

The quality of life was measured by Stroke Specific Quality of Life (SS-QoL)[31]. This scale contains 49 items distributed into 12 domains (energy, family role, language, mobility, humor, personality, self-care, social role, reasoning, upper-limb functions, vision, and work/productivity) made up from interviews with hemiplegics, who identified the areas most severely affected by stroke. There are three response possibilities on a 1-to-5 scale: the amount of help needed to perform specific tasks; the amount of difficulty experienced when it is necessary to carry out a task; the degree of agreement with statements about functionality. The summary score ranges 49 to 245 with a higher score indicating a better health-related quality of life (HRQoL). Their reference point for the answers is the previous week. Due to the probability that some of the individuals were illiterate or semiliterate, and to avoid misinterpretations, the questionnaire was verbally administered by means of an interview by a single trained examiner.

Data analysis

The sample size was determined a priori[32]. Enrolment of 24 participants ensured that this trial was powered to detect a difference of 5.5 points in manual dexterity (with SD of 3.9) with 80% power, a two-tailed alpha of 5% and an expected dropout rate of 20%.

Data were analyzed with descriptive (frequencies, mean, standard deviation, 95% CI of mean/median differences). For all statistical calculations, SPSS ver. 20.0 (IBM, Ar-monk, NY, USA) was used. Data were evaluated regarding normality criteria. Repeated measures ANOVA to analyze significant effects of time and interaction between time and group, with Tukey post hoc for all data was used. For within-group

comparisons t-test was used for normally distributed variables (grip strength, manual dexterity, and quality of life). For non-normally distributed variables, WMFT FAS and WMFT time, we used Wilcoxon test. Data were analyzed according to the principle of 'intention to treat'. All analyses considered a significance level of 0.05.

RESULTS

Flow of participants through the study

A total of 275 participants with acquired brain injury were screened over the trial period. Twenty-four were eligible to be included in the study and were randomised. The flow of the participants through the study is illustrated in Figure 1. Baseline demographic and clinical characteristics of enrolled participants are displayed in Table 1. The three groups were similar at baseline. After completion of the intervention, all participants performed the outcome measures. Overall, most of the participants presented an ischemic event with more than one year of injury, the right side of the affected body and were in the stage of recovery where the spasticity begins to lose its intensity, appear the movements deviated from the combined synergies and movements, reflecting mild to moderate disability.

Adherence to the study protocol

All participants received the intervention to which they were initially allocated. Participants in three groups received a mean of 10 sessions, for 20 minutes of stimulations during the 4-week intervention period. The LF-rTMS + atDCS group received 10 minutes of each stimulation mode, ending in 20 minutes of stimulation. No severe adverse effect was reported during the sessions. One participant (2.4%) reported an adverse effect (a headache episode) following the first atDCS – it subsided within 24 hours. One participant (2.4%) in the LF-rTMS group reported that during treatment he noticed decreased strength in the uncommitted upper limb, but this symptom was not verified in the final strength assessment.

Effects of the intervention

Manual dexterity

The between-group comparisons for manual dexterity showed no time*group interaction. Data analyses evidenced a time effect (p=0.001). Manual dexterity improved in atDCS and LF-rTMS+atDCS groups from baseline to post intervention (p=0.037 and p=0.011, respectively; see Table 2 for details).

Upper-limb function

The between-group comparisons for upper limb function (WMFT FAS and WMFT time) showed no time*group interaction. However, data analyses evidenced a time effect (p=0.001 and p=0.003, respectively]. In the LF-rTMS group, there was a significant positive change in WMFT FAS from baseline to post-intervention (p=0.011). Both atDCS and LF-rTMS+atDCS groups improved on WMFT time (p=0.018 for both). Thus, results evidenced improvements for functional ability in LF-rTMS group and for upper limb performance time in atDCS and LF-rTMS+atDCS groups (Table 2).

Grip strength

The between-group comparisons for grip strength indicated no time*group interaction. Data analyses evidenced a time effect ($p<0.001$). A significant improvement in grip strength from baseline was found for atDCS and LF-rTMS+atDCS groups (p=0.006 and p=0.022, respectively; Table 2).

Quality of life

The between-group comparisons showed no significant time*group interaction. Data analyses evidenced a time effect ($p<0.001$). LF-rTMS and atDCS groups significantly improved from baseline to post-intervention (p=0.023 and p=0.020, respectively; Table 2).

DISCUSSION

We investigated the effects of LF-rTMS over the contralesional M1 combined with atDCS over the ipsilesional M1 for upper-limb motor function of chronic post-stroke

subjects. The present results demonstrated no difference among unimodal LF-rTMS, unimodal atDCS and combined dual-mode (LF-rTMS+atDCS) in any of the clinical scores evaluated. However, we verified that LF-rTMS was able to induce improvements on WMFT functional ability and quality of life; atDCS induced improvements on manual dexterity, WMFT time, grip strength and quality of life; and LF-rTMS+atDCS induced improvements on manual dexterity, WMFT time and grip strength.

NIBS is based on interhemispheric competition theory occurring after stroke. Brain unilateral lesions cause an imbalance between dominant and non-dominant hemispheres that may interfere with the natural recovery process, especially after a stroke[4,23]. It is believed that increasing the excitability of the ipsilesional cortical region and decreasing the excitability of the contralesional cortical region may restore the balance between hemispheres and promote the recovery process[23,33]. Several studies have been based on this theory. They showed improvements in motor function after applying ipsilesional HF-rTMS or contralesional LF-rTMS, and after using ipsilesional atDCS or contralesional ctDCS, in post-stroke subjects[16,17,34-36].

Regarding bi-hemispheric NIBS the results are still inconclusive. Some studies have reported superior improvements on upper limb motor function after bi-hemispheric NIBS [5,37,38,39] while others have found no difference at all[40,41]. Studies using bilateral stimulation and different types of NIBS after stroke are even more scarce[23]. Takeuchi (2012)[23] showed that a single session combining inhibitory rTMS over the unaffected hemisphere and excitatory tDCS over the affected hemisphere may prevent the deterioration of bimanual movement induced by inhibitory rTMS. It was also demonstrated that sequential motor tasks can be performed faster after stimulation with HF-rTMS over the ipsilesional M1 combined with simultaneous ctDCS over the contralesional M1[18]. Cho et al (2017)[15] showed that dual-mode NIBS with the simultaneous application of 10Hz rTMS and ctDCS over the bilateral M1 was safe and superior to 10 Hz rTMS alone for improving motor function in subacute stroke[15]. Our results have shown no difference among unimodal LF-rTMS, unimodal atDCS or combined dual-mode (LF-rTMS+atDCS) on manual dexterity, upper limb function, grip strength and quality of life in chronic post-stroke subjects. These results could be explained by methodological discrepancies and the variety of protocols among studies.

In the present study, we used a 10 minutes LF-rTMS protocol followed by 10 minutes atDCS as dual-mode protocol. Kwon et al (2016)[18] showed that ctDCS (2mA)

followed by HF-rTMS do not induce improvements on motor accuracy, but enhancements on movement time performance. In that study, authors also reported improvements in accuracy and movement time of sequential motor tasks when stimulations were simultaneously done during 10 min. Like our protocol, Takeuchi (2012)[23] used a dual-mode protocol with atDCS (1mA) and LH-rTMS, but they simultaneously applied the current during 20 minutes. Maybe a higher intensity direct current (2mA) applied simultaneously with rTMS for longer than 10 minutes is needed to induce a significant upper limb function improvement in chronic post-stroke subjects.

Muscular weakness is a frequent condition after stroke and may compromise activities of daily living and limit function in subjects with hemiparesis. Therefore, muscle strength increase can promote functional improvement, and potentially change the quality of life[42]. Our results demonstrated grip strength enhancement in atDCS and LF-rTMS+atDCS groups. These two groups also showed a more pronounced improvement in manual dexterity as well as in WMFT time. Moreover, all intervention groups similarly increased the quality of life, even in the lack of significance for the rTMS+atDCS group. Results of SS-QoL indicate that a score above 60% of the maximum total score may be considered as an acceptable health-related quality of life[43].

This study has some limitations that must be highlighted. We did not include a control group for comparison. This study also did not provide any data regarding the long-term efficacy of the interventions. We did not use methods to collect data on neural excitability directly, such as measuring motor-evoked potentials (MEP) with transcranial magnetic stimulation (TMS) or by studying interhemispheric interactions using paired-pulse techniques. Future research with large sample size, control group and with follow-up evaluation are necessary to explore the neurophysiology underlying the behavioral effects found in the present study.

In summary, according to our results, 10 sessions of unimodal LF-rTMS, unimodal atDCS and dual-mode LF-rTMS+atDCS induce similar improvements on manual dexterity, upper limb function, grip strength and quality of life in chronic post-stroke subjects.

What is already known on this topic:

Non-invasive brain stimulation (NIBS) is a safe and powerful method used to modulate human brain function and has been recognized as a promising intervention for treating post-stroke motor deficits. rTMS and tDCS alone or combined with other therapies have demonstrated therapeutic benefits in motor function after stroke. Few studies have reported the effects of bilateral stimulation and still remains unclear how to optimize the protocols to reach better therapeutic effects.

What this study adds:

Dual mode LF-rTMA+atDCS does not demonstrated superior results in motor function, grip strength, manual dexterity and quality of life of chronic post-stroke subjects when compared to unimodal brain stimulation.

Ethics approval: Ethics Committee of Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Porto Alegre, Brazil. Written consent was obtained from all participants or their next of kin before data collection began.
Competing interest: The authors declare no conflict of interest.

Source of support: Patricia Graef Vaz has a doctor's degree scholarship provided by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Ministry of Education, Brazil.

Acknowledgement: We thank the staff of the Institute of Vascular Medicine of Mãe de Deus Hospital that provided us the space for evaluations and equipment for non-invasive brain stimulation sessions.

Provenance: Not invited. Peer reviewed.

Correspondence: Aline de Souza Pagnussat, Health Sciences Graduate Program, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Brazil. Email: alinespagnussat@gmail.com

REFERENCES

1. Roger VL, Go AS, Lloyd-Jones DM, et al. Heart disease and stroke statistics--2012 update: a report from the American Heart Association. *Circulation.* 2012;125(1):e2-e220.
2. Hankey GJ, Jamrozik K, Broadhurst RJ, Forbes S, Anderson CS. Long-term disability after first-ever stroke and related prognostic factors in the Perth Community Stroke Study, 1989-1990. *Stroke.* 2002;33(4):1034-1040.
3. Di Pino G, Pellegrino G, Assenza G, et al. Modulation of brain plasticity in stroke: a novel model for neurorehabilitation. *Nat Rev Neurol.* 2014;10(10):597-608.
4. Nowak DA, Grefkes C, Ameli M, Fink GR. Interhemispheric competition after stroke: brain stimulation to enhance recovery of function of the affected hand. *Neurorehabil Neural Repair.* 2009;23(7):641-656.
5. Takeuchi N, Tada T, Toshima M, Matsuo Y, Ikoma K. Repetitive transcranial magnetic stimulation over bilateral hemispheres enhances motor function and training effect of paretic hand in patients after stroke. *J Rehabil Med.* 2009;41(13):1049-1054.
6. Nitsche MA, Seeber A, Frommann K, et al. Modulating parameters of excitability during and after transcranial direct current stimulation of the human motor cortex. *J Physiol.* 2005;568(Pt 1):291-303.
7. Liepert J, Bauder H, Wolfgang HR, Miltner WH, Taub E, Weiller C. Treatment-induced cortical reorganization after stroke in humans. *Stroke.* 2000;31(6):1210-1216.
8. Klomjai W, Lackmy-Vallee A, Roche N, Pradat-Diehl P, Marchand-Pauvert V, Katz R. Repetitive transcranial magnetic stimulation and transcranial direct current stimulation in motor rehabilitation after stroke: an update. *Ann Phys Rehabil Med.* 2015;58(4):220-224.
9. Nitsche MA, Paulus W. Sustained excitability elevations induced by transcranial DC motor cortex stimulation in humans. *Neurology.* 2001;57(10):1899-1901.
10. Brunoni AR, Nitsche MA, Bolognini N, et al. Clinical research with transcranial direct current stimulation (tDCS): challenges and future directions. *Brain Stimul.* 2012;5(3):175-195.
11. Lefaucheur JP, Andre-Obadia N, Antal A, et al. Evidence-based guidelines on the therapeutic use of repetitive transcranial magnetic stimulation (rTMS). *Clin Neurophysiol.* 2014;125(11):2150-2206.
12. Chieffo R, Comi G, Leocani L. Noninvasive Neuromodulation in Poststroke Gait Disorders: Rationale, Feasibility, and State of the Art. *Neurorehabil Neural Repair.* 2016;30(1):71-82.
13. Kandel M, Beis JM, Le Chapelain L, Guesdon H, Paysant J. Non-invasive cerebral stimulation for the upper limb rehabilitation after stroke: a review. *Ann Phys Rehabil Med.* 2012;55(9-10):657-680.
14. Simonetta-Moreau M. Non-invasive brain stimulation (NIBS) and motor recovery after stroke. *Ann Phys Rehabil Med.* 2014;57(8):530-542.
15. Cho JY, Lee A, Kim MS, et al. Dual-mode noninvasive brain stimulation over the bilateral primary motor cortices in stroke patients. *Restor Neurol Neurosci.* 2017;35(1):105-114.
16. Hummel FC, Heise K, Celnik P, Floel A, Gerloff C, Cohen LG. Facilitating skilled right hand motor function in older subjects by anodal polarization over the left primary motor cortex. *Neurobiol Aging.* 2010;31(12):2160-2168.

17. Kim YH, You SH, Ko MH, et al. Repetitive transcranial magnetic stimulation-induced corticomotor excitability and associated motor skill acquisition in chronic stroke. *Stroke.* 2006;37(6):1471-1476.
18. Kwon TG, Park E, Kang C, Chang WH, Kim YH. The effects of combined repetitive transcranial magnetic stimulation and transcranial direct current stimulation on motor function in patients with stroke. *Restor Neurol Neurosci.* 2016;34(6):915-923.
19. Lefebvre S, Laloux P, Peeters A, Desfontaines P, Jamart J, Vandermeeren Y. Dual-tDCS Enhances Online Motor Skill Learning and Long-Term Retention in Chronic Stroke Patients. *Front Hum Neurosci.* 2012;6:343.
20. Park E, Kim YH, Chang WH, Kwon TG, Shin YI. Effects of dual-mode non-invasive brain stimulation on motor function. *Neurosci Lett.* 2014;567:24-29.
21. Park E, Kim YH, Chang WH, Kwon TG, Shin YI. Interhemispheric modulation of dual-mode, noninvasive brain stimulation on motor function. *Ann Rehabil Med.* 2014;38(3):297-303.
22. Siebner HR, Lang N, Rizzo V, et al. Preconditioning of low-frequency repetitive transcranial magnetic stimulation with transcranial direct current stimulation: evidence for homeostatic plasticity in the human motor cortex. *J Neurosci.* 2004;24(13):3379-3385.
23. Takeuchi N, Tada T, Matsuo Y, Ikoma K. Low-frequency repetitive TMS plus anodal transcranial DCS prevents transient decline in bimanual movement induced by contralesional inhibitory rTMS after stroke. *Neurorehabil Neural Repair.* 2012;26(8):988-998.
24. Schulz KF, Altman DG, Moher D, Group C. CONSORT 2010 statement: updated guidelines for reporting parallel group randomised trials. *PLoS Med.* 2010;7(3):e1000251.
25. Madhavan S, Weber KA, 2nd, Stinear JW. Non-invasive brain stimulation enhances fine motor control of the hemiparetic ankle: implications for rehabilitation. *Exp Brain Res.* 2011;209(1):9-17.
26. Morris DM, Uswatte G, Crago JE, Cook EW, 3rd, Taub E. The reliability of the wolf motor function test for assessing upper extremity function after stroke. *Arch Phys Med Rehabil.* 2001;82(6):750-755.
27. Almeida OP. [Mini mental state examination and the diagnosis of dementia in Brazil]. *Arq Neuropsiquiatr.* 1998;56(3B):605-612.
28. Wassermann EM, Lisanby SH. Therapeutic application of repetitive transcranial magnetic stimulation: a review. *Clin Neurophysiol.* 2001;112(8):1367-1377.
29. Mathiowetz V, Volland G, Kashman N, Weber K. Adult norms for the Box and Block Test of manual dexterity. *Am J Occup Ther.* 1985;39(6):386-391.
30. Wolf SL, Lecraw DE, Barton LA, Jann BB. Forced use of hemiplegic upper extremities to reverse the effect of learned nonuse among chronic stroke and head-injured patients. *Exp Neurol.* 1989;104(2):125-132.
31. Williams LS, Weinberger M, Harris LE, Clark DO, Biller J. Development of a stroke-specific quality of life scale. *Stroke.* 1999;30(7):1362-1369.
32. Chen HM, Chen CC, Hsueh IP, Huang SL, Hsieh CL. Test-retest reproducibility and smallest real difference of 5 hand function tests in patients with stroke. *Neurorehabil Neural Repair.* 2009;23(5):435-440.
33. Gorsler A, Baumer T, Weiller C, Munchau A, Liepert J. Interhemispheric effects of high and low frequency rTMS in healthy humans. *Clin Neurophysiol.* 2003;114(10):1800-1807.

34. Fregni F, Simon DK, Wu A, Pascual-Leone A. Non-invasive brain stimulation for Parkinson's disease: a systematic review and meta-analysis of the literature. *J Neurol Neurosurg Psychiatry.* 2005;76(12):1614-1623.
35. Graef P, Dadalt ML, Rodrigues DA, Stein C, Pagnussat Ade S. Transcranial magnetic stimulation combined with upper-limb training for improving function after stroke: A systematic review and meta-analysis. *J Neurol Sci.* 2016;369:149-158.
36. Takeuchi N, Tada T, Toshima M, Chuma T, Matsuo Y, Ikoma K. Inhibition of the unaffected motor cortex by 1 Hz repetitive transcranical magnetic stimulation enhances motor performance and training effect of the paretic hand in patients with chronic stroke. *J Rehabil Med.* 2008;40(4):298-303.
37. Sasaki N, Kakuda W, Abo M. Bilateral high- and low-frequency rTMS in acute stroke patients with hemiparesis: a comparative study with unilateral high-frequency rTMS. *Brain Inj.* 2014;28(13-14):1682-1686.
38. Sung WH, Wang CP, Chou CL, Chen YC, Chang YC, Tsai PY. Efficacy of coupling inhibitory and facilitatory repetitive transcranial magnetic stimulation to enhance motor recovery in hemiplegic stroke patients. *Stroke.* 2013;44(5):1375-1382.
39. Lindenberg R, Renga V, Zhu LL, Nair D, Schlaug G. Bihemispheric brain stimulation facilitates motor recovery in chronic stroke patients. *Neurology.* 2010;75(24):2176-2184.
40. Fusco A, De Angelis D, Morone G, et al. The ABC of tDCS: Effects of Anodal, Bilateral and Cathodal Montages of Transcranial Direct Current Stimulation in Patients with Stroke-A Pilot Study. *Stroke Res Treat.* 2013;2013:837595.
41. Kidgell DJ, Goodwill AM, Frazer AK, Daly RM. Induction of cortical plasticity and improved motor performance following unilateral and bilateral transcranial direct current stimulation of the primary motor cortex. *BMC Neurosci.* 2013;14:64.
42. Faria-Fortini I, Michaelsen SM, Cassiano JG, Teixeira-Salmela LF. Upper extremity function in stroke subjects: relationships between the international classification of functioning, disability, and health domains. *J Hand Ther.* 2011;24(3):257-264; quiz 265.
43. Schwab-Malek S, Vatankhah B, Bogdahn U, Horn M, Audebert HJ. Depressive symptoms and quality of life after thrombolysis in stroke: the TEMPiS study. *J Neurol.* 2010;257(11):1848-1854.

Table 1- Baseline characteristics of participants.

Characteristics	rTMS (n=8)	tDCS (n=8)	rTMS+tDCS (n=8)
Age (yr), mean (SD)	67 (5)	65 (18)	65 (8)
Gender, n male (%)	3 (37,5)	6 (75)	3 (37,5)
Time since ABI (mth), mean (SD)	29 (12)	23 (9)	35 (21)
Type of ABI, n			
haemorrhagic	2	1	0
ischemic	6	7	8
Number of events, n			
1	6	7	8
2	2	1	0
Affected side, n right (%)	6 (75)	5 (62,5)	4 (50)
Brunnstrom (0 to 7), mean (SD)	4,1 (1)	3,9 (0,6)	4,3 (0,9)

tDCS = transcranial magnetic stimulation, rTMS = repetitive transcranial magnetic stimulation, ABI = acquired brain injury.

Table 2 - Mean (SD) or median (min-max), mean (SD) differences within, and mean (95% CI) differences between groups for all outcomes.

Outcome	Groups						Difference within groups			Difference between groups		
	Week 0			Week 4			Week 4 – Week 0			Week 4 – Week 0		
	LF-rTMS	atDCS	Dual-mode	LF-rTMS	atDCS	Dual-mode	LF-rTMS	atDCS	Dual-mode	LF-rTMS x atDCS	LF-rTMS x Dual-mode	atDCS x Dual-mode
BBT (blocks)	27 (22)	27 (14)	34 (25)	33 (28)	39 (22)	38 (25)	6 (2.6)	12* (13)	4* (2.8)	2.44 (-26.6 to 31)	6.0 (-35 to 23)	3.56 (-32.6 to 25)
WMFT FAS (0-75)	63 (21-74)	56 (32-73)	60 (30-75)	66 (22-75)	67.5 (32-75)	61 (37-75)	2.75* (1.83)	4.9 (6.6)	2.75 (3.15)	3.31 (-19 to 26)	3.0 (-26 to 19.8)	0.31 (-22 to 23)
WMFT time (s)	41.5 (2.1-94)	48.2 (2.9-52)	35.7 (1.9-69.7)	30.5 (1.2-87)	35.4 (2.2-52)	28.4 (1.2-29)	-2.36 (3.35)	-2.45* (4.82)	-9.66* (22.5)	18.47 (-52 to 15)	18.95 (-14.5 to 52)	0.48 (-33 to 34)
Grip strength (kgf)	15 (8.4)	16.5 (9.3)	16.6 (8.9)	15.9 (7.2)	20 (11.1)	20.8 (9.8)	0.9 (3.04)	3.5* (2.5)	4.2* (3.9)	2.81 (-8.4 to 14)	3.25 (-14.7 to 8.2)	0.44 (-11.9 to 11)
SS-QoL (49-245)	184.9 (25)	177.1 (26.4)	184 (24.9)	199.9 (20.2)	197.5 (17)	203.5 (37.5)	15* (15)	20.38* (19.16)	19.5 (25.4)	5.06 (-35 to 25)	1.38 (-31 to 28.8)	6.44 (-36.6 to 24)

LF-rTMS, low frequency repetitive magnetic stimulation; atDCS, anodal transcranial direct current stimulation; Dual-mode, low frequency repetitive magnetic stimulation plus anodal transcranial direct current stimulation; WMFT FAS, functional ability score of Wolf Motor Function Test; WMFT time, performance time of Wolf Motor Function Test; BBT, box and block test; SS-QoL, stroke scale quality of life. *Statistical difference (p<0,05).

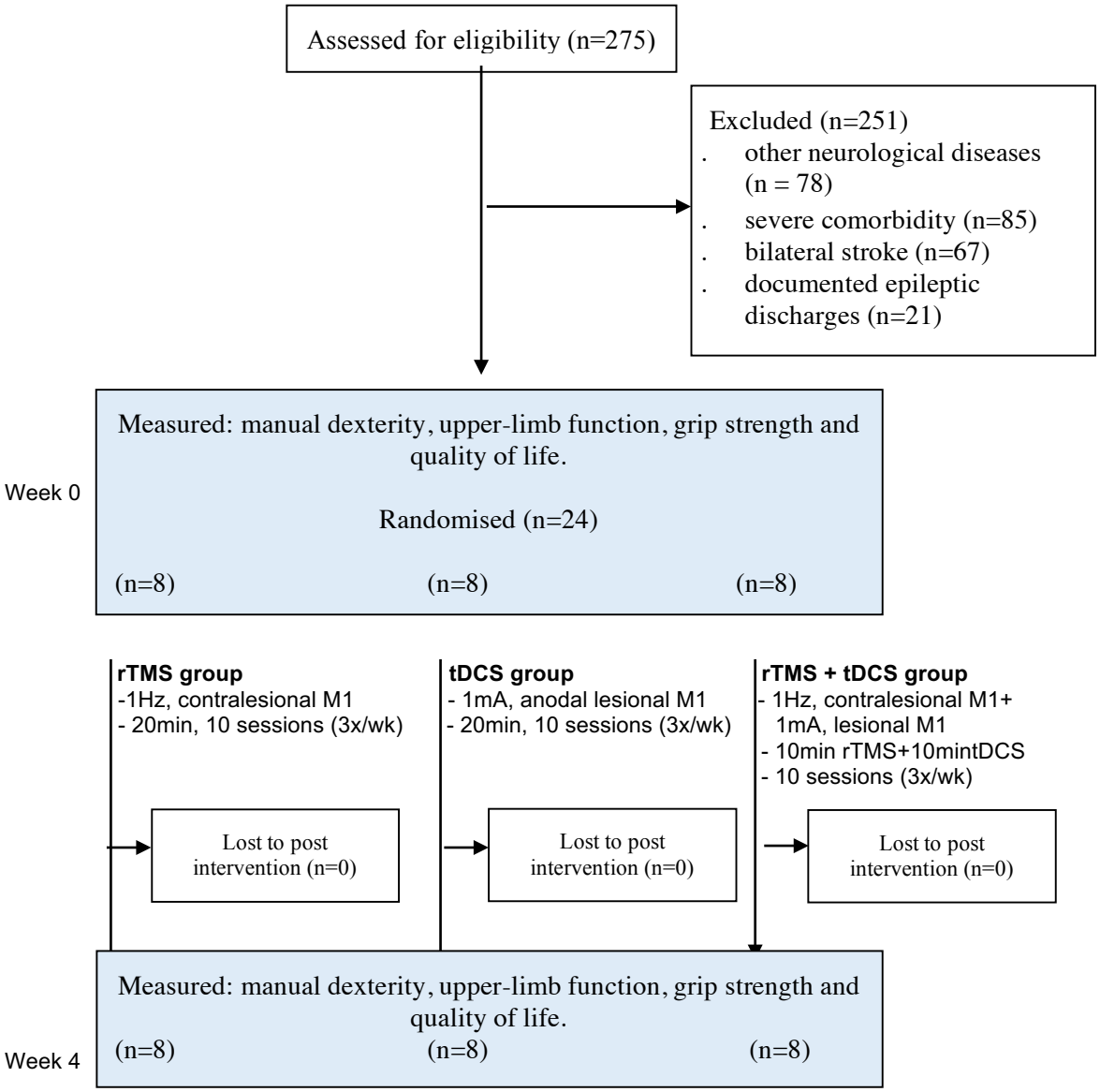


Figure 1. Design and flow of participants through the trial.

6. CONCLUSÃO GERAL E PERSPECTIVAS

O AVC é uma das principais causas de incapacidade no adulto e ainda com alta prevalência na população mundial. Apesar do grande número de estudos já publicados demonstrando os benefícios de diferentes métodos de reabilitação para esta população, muitos indivíduos ainda permanecem, em uma fase crônica da doença, com algum grau de comprometimento motor. Essa condição compromete as atividades de vida diária e dificulta a inserção e a participação desse indivíduo na sociedade.

Diante dessa realidade, considera-se importante mais estudos na área com o intuito de favorecer e intensificar a reabilitação e a recuperação funcional de indivíduos com sequelas motoras após o AVC. Estudos recentes têm demonstrado os benefícios da estimulação cerebral não-invasiva para essa população e dentre as modalidades mais utilizadas estão a estimulação magnética transcraniana repetitiva (EMTr) e a estimulação transcraniana por corrente contínua (ETCC). Ainda há muitas divergências quanto aos reais benefícios desses tratamentos e quais os melhores protocolos a serem utilizados. O presente estudo teve como objetivo verificar os efeitos da EMTr e da ETCC na recuperação funcional de indivíduos com hemiparesia crônica após AVC. Para isso, duas revisões sistemáticas com meta-análise e um ensaio clínico randomizado foram realizados para compor o trabalho.

De modo geral, podemos concluir que há evidências insuficientes para afirmar que a EMTr associada ao treinamento de membros superiores apresenta efeitos superiores quando comparada à utilização apenas de treinamento de membro superior em indivíduos após AVC crônico. Novos estudos com tamanho amostral maior e protocolos padronizados de tratamento são necessários para afirmar a efetividade da associação dessas terapias. Quanto à utilização da estimulação cerebral não invasiva na reabilitação da marcha, podemos afirmar que há evidências de qualidade moderada para os efeitos positivos da utilização tanto da EMTr quanto da ETCC no desempenho da marcha de indivíduos em fase aguda e crônica após AVC. Porém, pesquisas futuras são necessárias para investigar os efeitos da estimulação cerebral não-invasiva na habilidade da caminhada e na força muscular de membros inferiores, assim como a diferença entre os protocolos de inibição e excitação cortical. Por fim, verificamos que a estimulação bi-cefálica, utilizando EMTr

de alta frequência no hemisfério contralesional combinado com ETCC anodal no hemisfério ipsilesional induziu melhora na função motora do membro superior, na força muscular do membro superior e na destreza manual de forma similar quando comparado a utilização de apenas uma modalidade de estimulação (EMTr de alta frequência ou ETCC anodal).

Sabemos que a estimulação cerebral não-invasiva tem se mostrado um método satisfatório e seguro para modular a função do cérebro humano e tem sido considerado uma intervenção promissora para o tratamento dos comprometimentos motores após AVC. Porém, como perspectivas, nosso grupo seguirá estudando o benefício da estimulação cerebral não-invasiva em pacientes após o AVC, bem como em outras patologias neurológicas. Além disso, consideramos importante o seguimento de novos estudos com protocolos padronizados da utilização dessa terapia com o intuito de otimizar os efeitos terapêuticos nesses pacientes.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Efeito da associação entre correntes de estimualções cerebrais e fortalecimento muscular na reabilitação de pacientes com hemiparesia crônica após acidente vascular cerebral: estudo clínico randomizado.

Pesquisador: ALINE DE SOUZA PAGNUSSAT

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 14909013.7.0000.5345

Instituição Proponente: Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 362.532

Data da Relatoria: 15/08/2013

Apresentação do Projeto:

A hipótese desse trabalho é que a associação entre a Estimulação Magnética Transcraniana, a Estimulação Transcraniana por Corrente Contínua e o Fortalecimento Funcional induzirá melhora significativa na recuperação da função sensório-motora do que comparado à utilização das técnicas de reabilitação citadas se utilizadas isoladamente em pacientes com hemiparesia crônica após AVC.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Verificar a eficácia da associação da Estimulação Magnética Transcraniana repetitiva (EMTr) inibitória no córtex motor contralesional, da Estimulação Transcraniana por Corrente Contínua (ETCC) no córtex motor ipsilesional e de um Protocolo de Fortalecimento Funcional na recuperação da função sensório-motora do membro superior em pacientes com hemiparesia crônica após AVC.

Objetivo Secundário: (1) Avaliar o efeito da associação da Estimulação Magnética Transcraniana repetitiva (EMTr) com a Estimulação Transcraniana por Corrente Contínua (ETCC): a. Na melhora da força de preensão manual; b. Na melhora da destreza da mão; c. Na recuperação da função sensorial da mão; d. Na recuperação da função motora do membro superior; e. Na melhora das AVDs; f. Na melhora da qualidade de vida.

(2) Avaliar o efeito do uso combinado da EMTr e ETCC associado ao protocolo de fortalecimento funcional: a. Na melhora da força de preensão manual; b. Na melhora da destreza da mão; c. Na recuperação da função sensorial da mão; d. Na recuperação da função motora do membro superior; e. Na melhora das AVDs; f. Na melhora da qualidade de vida.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os riscos estão relacionados as estimulações cerebrais, alguns pacientes poderão sentir certos desconfortos dependendo do protocolo de tratamento que irão receber, como dor muscular devido aos exercícios de fortalecimento, irritação cutânea devido aos eletrodos da estimulação transcraniana ou dor de cabeça durante as estimulações magnéticas transcranianas. Benefícios: O paciente será beneficiado por poder receber um tratamento de reabilitação do membro superior afetado após o AVC com provável melhora e recuperação da função sensorial e motora do membro superior. Isso possibilitará uma melhora na realização das suas atividades de vida diária.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Metodologia Proposta: Será conduzido um estudo clínico randomizado, com avaliadores alheios aos grupos experimentais (unicego), onde pacientes com diagnóstico de AVC e hemiparesia crônica serão submetidos à combinação de técnicas de neuromodulação específicas associadas a um protocolo de fortalecimento funcional para averiguar os efeitos sobre a recuperação da função motora, sensorial e qualidade de vida.

Critério de Inclusão: Para serem incluídos no estudo os pacientes deverão: (1) Ter diagnóstico de AVC subcortical, o qual tenha resultado em hemiparesia há pelo menos 6 meses e no máximo há 5 anos (condição crônica) (HARRIS et al, 2010); (2) Estágio de Brunnstrom para mão e dedos de 3-5 (capacidade de fletir os dedos do membro superior afetado na sua totalidade de amplitude de movimento). (3) Idade de entre 18-90 anos. 4) História de um único AVC (sem lesão cerebral bilateral). (5) Apresentar pontuação mínima de 20 na avaliação da capacidade cognitiva analisada por meio da versão traduzida e adaptada do Mini Mental State Examination (MMSE) (FOLSTEIN et al., 1975) (ANEXO I). (6) Sem uso atual de medicamentos antiepilépticos para a prevenção de convulsões.

Critério de Exclusão: Serão excluídos do estudo indivíduos que: (1) Que apresente desordem musculoesquelética secundária que envolva as extremidades superiores, como ombro doloroso, capsulite adesiva ou subluxação da glenoumeral; (2) Que possuam sequela em hemiplegia ou ainda, que possuam limitaçãode ADM ativa de

ombro a qual impeça 60o de flexão anterior de ombro; (3) Que possuam déficit visual importante, sem uso de lentes corretivas. (4) Que apresente contraindicação (presença de implantes metálicos) ou riscos à Estimulação Magnética Transcraniana avaliados por questionário padrão (Rossi et al, 2009) (ANEXO II). Amostra 102 pacientes divididos:

Experimento A Grupo Ia Os pacientes serão submetidos a 10 sessões, de 20 minutos cada com frequência de três vezes por semana do Protocolo de Estimulação Magnética Transcraniana repetitiva (EMTr). Grupo IIa Os sujeitos desse grupo serão submetidos a 10 sessões, de 20 minutos cada com frequência de três vezes por semana do Protocolo de Estimulação Transcraniana por Corrente Contínua (ETCC). Grupo IIIa Nesse grupo os sujeitos serão submetidos à combinação da EMTr e da ETCC. Serão utilizados os mesmos padrões citados para cada protocolo, porém será realizado uma sessão de 10min de EMTr e, imediatamente após, uma sessão de 10min de ETCC, totalizando 20min.

Experimento B Grupo Ib Os sujeitos desse grupo serão submetidos à combinação da EMTr e da ETCC. Serão utilizados os mesmos padrões citados para cada protocolo, com uma sessão de 10min de EMTr e, imediatamente após, uma sessão de 10min de ETCC. A duração total de cada sessão será de 20 minutos.. Grupo IIb A intervenção para esse grupo será realizada com a associação da estimulação da EMTr + ETCC, uma após a outra com os mesmos parâmetros utilizados para o grupo Ib. E durante os 10min de ETCC será realizado, concomitantemente, o Protocolo de Fortalecimento Funcional. Dessa forma, a sessão terá duração total de 20 minutos.

Grupo IIIb Este grupo será submetidos apenas ao protocolo de Fortalecimento Funcional durante 20 min.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Financiamento: Apresentado orçamento de R$ 1949,80. O material permanente necessário para a execução do projeto está disponível no Departamento de Fisioterapia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre e os aparelhos de Estimulação Magnética Transcraniana e de Estimulação Transcraniana por Corrente Contínua também já estão disponíveis no local onde serão realizadas as intervenções. As fontes de financiamento serão do Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP) e de recursos próprios.

TCLE: Adequado.

Termo de compromisso para utilização dos dados: Adequado.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O orçamento foi assinado pelos pesquisadores, devido ao financiamento próprio e CAPES. Os custos serão de responsabilidade dos pesquisadores. O projeto está adequado e aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

De acordo com o Parecer do relator.

PORTO ALEGRE, 16 de Agosto de 2013

Assinador por:

José Geraldo Vernet Taborda (Coordenador)

ANEXO B – Normas da Revista Journal of the Neurological Science (Artigo 1)

JOURNAL OF THE NEUROLOGICAL SCIENCES
Official Journal of the World Federation of Neurology

AUTHOR INFORMATION PACK

TABLE OF CONTENTS

ISSN: 0022-510X

DESCRIPTION

The Journal of the Neurological Sciences provides a medium for the prompt publication of original articles in neurology and neuroscience from around the world. JNS places special emphasis on articles that: 1) provide guidance to clinicians around the world (Best Practices, Global Neurology); 2) report cutting-edge science related to neurology (Basic and Translational Sciences); 3) educate readers about relevant and practical clinical outcomes in neurology (Outcomes Research); and 4) summarize or editorialize the current state of the literature (Reviews, Commentaries, and Editorials).

JNS accepts most types of manuscripts for consideration including original research papers, short communications, reviews, book reviews, letters to the Editor, opinions and editorials. Topics considered will be from neurology-related fields that are of interest to practicing physicians around the world. Examples include neuromuscular diseases, demyelination, atrophies, dementia, neoplasms, infections, epilepsies, disturbances of consciousness, stroke and cerebral circulation, growth and development, plasticity and intermediary metabolism.

The fields covered may include neuroanatomy, neurochemistry, neuroendocrinology, neuroepidemiology, neurogenetics, neuroimmunology, neuroophthalmology, neuropathology, neuropharmacology, neurophysiology, neuropsychology, neuroradiology, neurosurgery, neurooncology, neurotoxicology, restorative neurology, and tropical neurology.

The Journal of the Neurological Sciences is the official Journal of the World Federation

of Neurology http://www.wfneurology.org/.

AUDIENCE

Neurologists, neuroscientists

IMPACT FACTOR

2015: 2.126 © Thomson Reuters Journal Citation Reports 2016

ABSTRACTING AND INDEXING

BIOSIS Elsevier BIOBASE Chemical Abstracts Current Contents/Life Sciences MEDLINE® EMBASE Neuroscience Citation Index Pascal et Francis (INST-CNRS) Reference Update Research Alert Science Citation Index Scopus

EDITORIAL BOARD

AUTHOR INFORMATION PACK 17 Jul 2016

GUIDE FOR AUTHORS

Your Paper Your Way

We now differentiate between the requirements for new and revised submissions. You may choose to submit your manuscript as a single Word or PDF file to be used in the refereeing process. Only when your paper is at the revision stage, will you be requested to put your paper in to a 'correct format' for acceptance and provide the items required for the publication of your article.

To find out more, please visit the Preparation section below.

INTRODUCTION

Types of article

Journal of the Neurological Sciences accepts the following manuscripts for consideration : Clinical Research Paper, Clinical Outcomes, Best Practices, Clinical Short Communication, Basic Research Paper, Review Article, Letter to the Editor, Editorials, Opinion Pieces and Book Reviews. Case reports may be submitted as Letters to the Editor only and must be both novel and clinically significant.

Topics considered will be from neurology-related fields that are of interest to practicing physicians around the world. Examples include neuromuscular diseases, demyelination, atrophies, dementia, neoplasms, infections, epilepsies, disturbances of consciousness, stroke and cerebral circulation, growth and development, plasticity and intermediary metabolism.

Review Articles

Please note that review articles are structured according to an extra set of guidelines. Should you wish to submit a review article, please be sure to direct your attention to both the below Instructions to Authors as well as the Review Article Guidelines.

Editorials

Editorials are brief commentaries relating to an article published in the same issue of the journal. They should be no more than 2000 words, with up to 12 references, but no figures or tables

Letters to the Editor

Letters to the Editor should begin 'Dear Editor', and should not include an abstract. Manuscripts must not exceed 1000 words, with 10 or less references, and a limited number of figures (perhaps 1 if necessary).

Contact details for submission

Authors may send queries concerning the submission process, manuscript status, or journal procedures to the Editorial Office at:

Journal of the Neurological Sciences, Editorial Office, ELSEVIER. E-mail: JNS_pittman@lsuhsc.edu

Journal of the Neurological Sciences uses an online, electronic submission system called EES (Elsevier Editorial System). By accessing the following website:

http://ees.elsevier.com/jns you will be guided stepwise through the creation and uploading of the various files.

BEFORE YOU BEGIN

Ethics in publishing

Please see our information pages on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication.

Declaration of interest

All authors must disclose any financial and personal relationships with other people or organizations that could inappropriately influence (bias) their work. Examples of potential conflicts of interest include employment, consultancies, stock ownership, honoraria, paid expert testimony, patent applications/ registrations, and grants or other funding. If there are no conflicts of interest then please state this: 'Conflicts of interest: none'. More information.

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis or as an electronic preprint, see 'Multiple, redundant or concurrent publication' section of our ethics policy for more information), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright-holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service CrossCheck.

Changes to authorship

Authors are expected to consider carefully the list and order of authors **before** submitting their manuscript and provide the definitive list of authors at the time of the original submission. Any addition, deletion or rearrangement of author names in the authorship list should be made only **before** the manuscript has been accepted and only if approved by the journal Editor. To request such a change, the Editor must receive the following from the **corresponding author**: (a) the reason for the change in author list and (b) written confirmation (e-mail, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed.

Only in exceptional circumstances will the Editor consider the addition, deletion or rearrangement of authors **after** the manuscript has been accepted. While the Editor considers the request, publication of the manuscript will be suspended. If the manuscript has already been published in an online issue, any requests approved by the Editor will result in a corrigendum.

Article transfer service

This journal is part of our Article Transfer Service. This means that if the Editor feels your article is more suitable in one of our other participating journals, then you may be asked to consider transferring the article to one of those. If you agree, your article will be transferred automatically on your behalf with no need to reformat. Please note that your article will be reviewed again by the new journal. More information.

Copyright

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (see more information on this). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.

Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations. If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases.

For open access articles: Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (more information). Permitted third party reuse of open access articles is determined by the author's choice of user license.

Author rights

As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work.

Elsevier supports responsible sharing

Find out how you can share your research published in Elsevier journals.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.

Funding body agreements and policies

Elsevier has established a number of agreements with funding bodies which allow authors to comply with their funder's open access policies. Some funding bodies will reimburse the author for the Open Access Publication Fee. Details of existing agreements are available online. After acceptance, open access papers will be published under a noncommercial license. For authors requiring a commercial CC BY license, you can apply after your manuscript is accepted for publication.

Open access

This journal offers authors a choice in publishing their research:

Open access

• Articles are freely available to both subscribers and the wider public with permitted reuse. • An open access publication fee is payable by authors or on their behalf, e.g. by their research funder or institution. ***Subscription*** • Articles are made available to subscribers as well as developing countries and patient groups through our universal access programs. • No open access publication fee payable by authors.

Regardless of how you choose to publish your article, the journal will apply the same peer review criteria and acceptance standards.

For open access articles, permitted third party (re)use is defined by the following Creative Commons user licenses:

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (CC BY-NC-ND)

For non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

The open access publication fee for this journal is **USD 3000**, excluding taxes. Learn more about Elsevier's pricing policy: https://www.elsevier.com/openaccesspricing.

Green open access

Authors can share their research in a variety of different ways and Elsevier has a number of green open access options available. We recommend authors see our green open access page for further information. Authors can also self-archive their manuscripts immediately and enable public access from their institution's repository after an embargo period. This is the version that has been accepted for publication and which typically includes author-incorporated changes suggested during submission, peer review and in editor-author communications. Embargo period: For subscription articles, an appropriate amount of time is needed for journals to deliver value to subscribing customers before an article becomes freely available to the public. This is the embargo period and it begins from the date the article is formally published online in its final and fully citable form.

This journal has an embargo period of 12 months.

Language (usage and editing services)

Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's WebShop.

Informed consent and patient details

Studies on patients or volunteers require ethics committee approval and informed

consent, which should be documented in the paper. Appropriate consents, permissions and releases must be obtained where an author wishes to include case details or other personal information or images of patients and any other individuals in an Elsevier publication. Written consents must be retained by the author and copies of the consents or evidence that such consents have been obtained must be provided to Elsevier on request. For more information, please review the Elsevier Policy on the Use of Images or Personal Information of Patients or other Individuals. Unless you have written permission from the patient (or, where applicable, the next of kin), the personal details of any patient included in any part of the article and in any supplementary materials (including all illustrations and videos) must be removed before submission.

Submission

Our online submission system guides you stepwise through the process of entering your article details and uploading your files. The system converts your article files to a single PDF file used in the peer-review process. Editable files (e.g., Word, LaTeX) are required to typeset your article for final publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, is sent by e-mail.

Please submit, with the manuscript, the names, addresses and e-mail addresses of four potential referees. It would not be appropriate to nominate individuals that have had any input into the manuscripts submitted or any recent collaboration with the authors. Note that the editor retains the sole right to decide whether or not the suggested reviewers are used.

PREPARATION

NEW SUBMISSIONS

Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts your files to a single PDF file, which is used in the peer-review process. As part of the Your Paper Your Way service, you may choose to submit your manuscript as a single file to be used in the refereeing process. This can be a PDF file or a Word document, in any format or lay- out that can be used by referees to evaluate your manuscript. It should contain high enough quality figures for refereeing. If you prefer to do so, you may still provide all or some of the source files at the initial submission. Please note that individual figure files larger than 10 MB must be uploaded separately.

References

There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct.

Formatting requirements

There are no strict formatting requirements but all manuscripts must contain the essential elements needed to convey your manuscript, for example Abstract, Keywords, Introduction, Materials and Methods, Results, Conclusions, Artwork and Tables with Captions. If your article includes any Videos and/or other Supplementary material, this should be included in your initial submission for peer review purposes.

Divide the article into clearly defined sections.

Please ensure that all manuscripts submitted to the *Journal of Neurological Sciences* have page numbers.

Figures and tables embedded in text

Please ensure the figures and the tables included in the single file are placed next to the relevant text in the manuscript, rather than at the bottom or the top of the file.

REVISED SUBMISSIONS

Please ensure that all manuscripts submitted to the *Journal of Neurological Sciences* have page numbers.

Use of word processing software

Regardless of the file format of the original submission, at revision you must provide us with an editable file of the entire article. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier). See also the section on Electronic artwork.

To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Article structure

Subdivision - numbered sections

Divide your article into clearly defined and numbered sections. Subsections should be numbered 1.1 (then 1.1.1, 1.1.2, ...), 1.2, etc. (the abstract is not included in section numbering). Use this numbering also for internal cross-referencing: do not just refer to 'the text'. Any subsection may be given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line.

Introduction

State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Material and methods

Provide sufficient detail to allow the work to be reproduced. Methods already published should be indicated by a reference: only relevant modifications should be described.

Theory/calculation

A Theory section should extend, not repeat, the background to the article already dealt with in the Introduction and lay the foundation for further work. In contrast, a Calculation section represents a practical development from a theoretical basis.

Results

Results should be clear and concise.

Discussion

This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. A combined Results and Discussion section is often appropriate. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Conclusions

The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section, which may stand alone or form a subsection of a Discussion or Results and Discussion section.

Appendices

If there is more than one appendix, they should be identified as A, B, etc. Formulae and equations in appendices should be given separate numbering: Eq. (A.1), Eq. (A.2), etc.; in a subsequent appendix, Eq. (B.1) and so on. Similarly for tables and figures: Table A.1; Fig. A.1, etc.

Essential title page information

• ***Title.*** Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible. • ***Author names and affiliations.*** Please clearly indicate the given name(s) and family name(s) of each author and check that all names are accurately spelled. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower- case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.

• ***Corresponding author.*** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. **Ensure that the e-mail address is given and that contact details are kept up to date by the corresponding author.** • ***Present/permanent address.*** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract

A concise and factual abstract is required. The abstract should state briefly the purpose

of the research, the principal results and major conclusions. An abstract is often presented separately from the article, so it must be able to stand alone. For this reason, References should be avoided, but if essential, then cite the author(s) and year(s). Also, non-standard or uncommon abbreviations should be avoided, but if essential they must be defined at their first mention in the abstract itself.

Abstracts should total approximately 200 words.

Graphical abstract

Although a graphical abstract is optional, its use is encouraged as it draws more attention to the online article. The graphical abstract should summarize the contents of the article in a concise, pictorial form designed to capture the attention of a wide readership. Graphical abstracts should be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: Please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files. You can view Example Graphical Abstracts on our information site.

Authors can make use of Elsevier's Illustration and Enhancement service to ensure the best presentation of their images and in accordance with all technical requirements: Illustration Service.

Highlights

Highlights are mandatory for this journal. They consist of a short collection of bullet points that convey the core findings of the article and should be submitted in a separate editable file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point). You can view example Highlights on our information site.

Keywords

Immediately after the abstract, provide a maximum of 6 keywords, using British spelling and avoiding general and plural terms and multiple concepts (avoid, for example, 'and', 'of'). Be sparing with abbreviations: only abbreviations firmly established in the field may be eligible. These keywords will be used for indexing purposes.

Abbreviations

Define abbreviations that are not standard in this field in a footnote to be placed on the first page of the article. Such abbreviations that are unavoidable in the abstract must be defined at their first mention there, as well as in the footnote. Ensure consistency of abbreviations throughout the article.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Formatting of funding sources

List funding sources in this standard way to facilitate compliance to funder's requirements:

Funding: This work was supported by the National Institutes of Health [grant numbers xxxx, yyyy]; the Bill & Melinda Gates Foundation, Seattle, WA [grant number zzzz]; and the United States Institutes of Peace [grant number aaaa].

It is not necessary to include detailed descriptions on the program or type of grants and awards. When funding is from a block grant or other resources available to a university, college, or other research institution, submit the name of the institute or organization that provided the funding.

If no funding has been provided for the research, please include the following sentence:

This research did not receive any specific grant from funding agencies in the public, commercial, or not-for-profit sectors.

Footnotes

Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article. Many word processors build footnotes into the text, and this feature may be used. Should this not be the case, indicate the position of footnotes in the text and present the footnotes themselves separately at the end of the article.

Artwork

Electronic artwork General points • Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork. • Preferred fonts: Arial (or Helvetica), Times New Roman (or Times), Symbol, Courier. • Number the illustrations according to their sequence in the text. • Use a logical naming convention for your artwork files. • Indicate per figure if it is a single, 1.5 or 2-column fitting image. • For Word submissions only, you may still provide figures and their captions, and tables within a single file at the revision stage. • Please note that individual figure files larger than 10 MB must be provided in separate source files. A detailed guide on electronic artwork is available. **You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.** *Formats* Regardless of the application used, when your electronic artwork is finalized, please 'save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):

EPS (or PDF): Vector drawings. Embed the font or save the text as 'graphics'. TIFF (or JPG): Color or grayscale photographs (halftones): always use a minimum of 300 dpi. TIFF (or JPG): Bitmapped line drawings: use a minimum of 1000 dpi. TIFF (or JPG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale): a minimum of 500 dpi is required. **Please do not:** • Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); the resolution is too low. • Supply files that are too low in resolution. • Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Color artwork

Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF), or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color online (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in color in the printed version. **For color reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article**. Please indicate your preference for color: in print or online only. Further information on the preparation of electronic artwork.

Illustration services

Elsevier's WebShop offers Illustration Services to authors preparing to submit a manuscript but concerned about the quality of the images accompanying their article. Elsevier's expert illustrators can produce scientific, technical and medical-style images, as well as a full range of charts, tables and graphs. Image 'polishing' is also available, where our illustrators take your image(s) and improve them to a professional standard. Please visit the website to find out more.

Figure captions

Ensure that each illustration has a caption. A caption should comprise a brief title (**not** on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables

Please submit tables as editable text and not as images. Tables can be placed either next to the relevant text in the article, or on separate page(s) at the end. Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text and place any table notes below the table body. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in them do not duplicate results described elsewhere in the article. Please avoid using vertical rules.

References

Citation in text

Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either 'Unpublished results' or 'Personal communication'. Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication.

Reference links

Increased discoverability of research and high quality peer review are ensured by

online links to the sources cited. In order to allow us to create links to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef and PubMed, please ensure that data provided in the references are correct. Please note that incorrect surnames, journal/book titles, publication year and pagination may prevent link creation. When copying references, please be careful as they may already contain errors. Use of the DOI is encouraged.

A DOI can be used to cite and link to electronic articles where an article is in-press and full citation details are not yet known, but the article is available online. A DOI is guaranteed never to change, so you can use it as a permanent link to any electronic article. An example of a citation using DOI for an article not yet in an issue is: VanDecar J.C., Russo R.M., James D.E., Ambeh W.B., Franke M. (2003). Aseismic continuation of the Lesser Antilles slab beneath northeastern Venezuela. Journal of Geophysical Research, http://dx.doi.org/10.1029/2001JB000884i. Please note the format of such citations should be in the same style as all other references in the paper.

Web references

As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

References in a special issue

Please ensure that the words 'this issue' are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.

Reference management software

Most Elsevier journals have their reference template available in many of the most popular reference management software products. These include all products that support Citation Style Language styles, such as Mendeley and Zotero, as well as EndNote. Using the word processor plug-ins from these products, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article, after which citations and bibliographies will be automatically formatted in the journal's style. If no template is yet available for this journal, please follow the format of the sample references and citations as shown in this Guide.

Users of Mendeley Desktop can easily install the reference style for this journal by clicking the following link: http://open.mendeley.com/use-citation-style/journal-of-the-neurological-sciences When preparing your manuscript, you will then be able to select this style using the Mendeley plug- ins for Microsoft Word or LibreOffice.

Reference formatting

There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted

article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct. If you do wish to format the references yourself they should be arranged according to the following examples:

Reference style Text: Indicate references by number(s) in square brackets in line with the text. The actual authors can be referred to, but the reference number(s) must always be given. Example: '..... as demonstrated [3,6]. Barnaby and Jones [8] obtained a different result ....' *List:* Number the references (numbers in square brackets) in the list in the order in which they appear in the text. *Examples:* Reference to a journal publication: [1] J. van der Geer, J.A.J. Hanraads, R.A. Lupton, The art of writing a scientific article, J. Sci. Commun. 163 (2010) 51–59. Reference to a book: [2] W. Strunk Jr., E.B. White, The Elements of Style, fourth ed., Longman, New York, 2000. Reference to a chapter in an edited book: [3] G.R. Mettam, L.B. Adams, How to prepare an electronic version of your article, in: B.S. Jones, R.Z. Smith (Eds.), Introduction to the Electronic Age, E-Publishing Inc., New York, 2009, pp. 281–304. Reference to a website: [4] Cancer Research UK, Cancer statistics reports for the UK. http://www.cancerresearchuk.org/ aboutcancer/statistics/cancerstatsreport/, 2003 (accessed 13.03.03).

Official Journal Reference Style

Note: The official reference style for the Journal of the Neurological Sciences is Vancouver. As per the above, manuscripts can be submitted in any reference format so long as it is consistent and complete. Accepted manuscripts will be formatted according to the journal style by Elsevier.

Video

Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the files in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 150 MB. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages. Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

Supplementary material

Supplementary material can support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, high-resolution images, background datasets, sound clips and more.

Please note that such items are published online exactly as they are submitted; there is no typesetting involved (supplementary data supplied as an Excel file or as a PowerPoint slide will appear as such online). Please submit the material together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. If you wish to make any changes to supplementary data during any stage of the process, then please make sure to provide an updated file, and do not annotate any corrections on a previous version. Please also make sure to switch off the 'Track Changes' option in any Microsoft Office files as these will appear in the published supplementary file(s). For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages.

AudioSlides

The journal encourages authors to create an AudioSlides presentation with their published article. AudioSlides are brief, webinar-style presentations that are shown next to the online article on ScienceDirect. This gives authors the opportunity to summarize their research in their own words and to help readers understand what the paper is about. More information and examples are available. Authors of this journal will automatically receive an invitation e-mail to create an AudioSlides presentation after acceptance of their paper.

Review Article Guidelines

review-article The review article should provide the reader with a general understanding of the topic with an estimated reading time of about 1 hour. To achieve this goal the article should not exceed 8 printed pages without the references. Longer review articles are acceptable if approved by the editorial staff.

The article should be richly referenced. The author(s) should aim to include original references (avoid referring to other review articles). The article should start with an introduction, followed by classification, diagnosis, clinical features, pathogenesis and conclusion.

It should have a text box, figures and tables. Ideally, the text box, figures and tables should summarize the text. The classification and clinical section should have a summarized table. The clinical section should have a text box if possible. Pathogenesis should have a diagram or figure to facilitate understanding.

We suggest that the textbox, diagrams/figures and tables be provided in a PowerPoint friendly fashion to encourage the use of the article for educational purpose.

Submission checklist

The following list will be useful during the final checking of an article prior to sending it to the journal for review. Please consult this Guide for Authors for further details of any item. **Ensure that the following items are present:** One author has been designated as the corresponding author with contact details:

• E-mail address • Full postal address All necessary files have been uploaded, and contain: • Keywords • All figure captions

• All tables (including title, description, footnotes) Further considerations • Manuscript

has been 'spell-checked' and 'grammar-checked' • All references mentioned in the Reference list are cited in the text, and vice versa • Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Internet) Printed version of figures (if applicable) in color or black-and-white • Indicate clearly whether or not color or black-and-white in print is required. For any further information please visit our Support Center.

AFTER ACCEPTANCE

Online proof correction

Corresponding authors will receive an e-mail with a link to our online proofing system, allowing annotation and correction of proofs online. The environment is similar to MS Word: in addition to editing text, you can also comment on figures/tables and answer questions from the Copy Editor. Web-based proofing provides a faster and less error-prone process by allowing you to directly type your corrections, eliminating the potential introduction of errors.

If preferred, you can still choose to annotate and upload your edits on the PDF version. All instructions for proofing will be given in the e-mail we send to authors, including alternative methods to the online version and PDF. We will do everything possible to get your article published quickly and accurately. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication. Please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility.

Offprints

The corresponding author will, at no cost, receive a customized Share Link providing 50 days free access to the final published version of the article on ScienceDirect. The Share Link can be used for sharing the article via any communication channel, including email and social media. For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's Webshop. Corresponding authors who have published their article open access do not receive a Share Link as their final published version of the article is available open access on ScienceDirect and can be shared through the article DOI link.

AUTHOR INQUIRIES

Track your submitted article Track your accepted article You are also welcome to contact the Elsevier Support Center.

ANEXO C – Normas da Revista Stroke (Artigo 2)

STROKE

AUTHOR INFORMATION PACK

IMPACT FACTOR

2015: 5.811© Thomson Reuters Journal Citation Reports 2016

New Submissions
To submit your manuscript online, please visit the journal's online manuscript submission site **(http://stroke-submit.aha-journals.org**), and follow the instructions for creating an author account and submitting a manuscript. Access can also be gained by visiting *Stroke* online at **http://stroke.ahajournals.org** and selecting the Online Submissions button. If you have any questions about the online submission process, contact the Editorial Office by e-mail at **stroke@strokeahajournal.org**.

Initial Review Process
Submitted manuscripts will be evaluated initially by an associate editor or guest editor. During initial review, the associate editor will determine whether or not the manuscript is appropriate for a full review based on the quality, originality, scientific rigor and data presentation/analysis of the manuscript. In some instances, the associate editor may reach out to a second reviewer (assistant editor, section editor, member of the editorial board, or invited reviewer with topic-related expertise) for this quick assessment. It is anticipated that approximately 50% of the submitted manuscripts will undergo formal review and 50% will be rejected without evaluation by external reviewers. This policy reflects the stringent requirements for the acceptance of manuscripts submitted to *Stroke.*

Expedited Publication
The editors invite submission of manuscripts that have major importance to the scientific community. To be considered for expedited publication, an article must be unique and contain information that could make a significant difference in medical practice or constitute an important advance in basic knowledge. The authors must clearly state reasons for the request in the cover letter. If the editors agree that an article should be an expedited publication, they will arrange an accelerated review and, if accepted, accelerated publication.

Guest Editors
To avoid actual or perceived conflict of interest, the journal uses guest editors to handle certain manuscripts. For more details, see the Conflict-of-Interest Policy.

Cover Letter
Please upload a cover letter that includes the following statement: “All authors have read and approved the submitted manuscript, the manuscript has not been submitted elsewhere nor published elsewhere in whole or in part, except as an abstract (if relevant).” The cover letter may include the names of up to 3 potential reviewers whom the authors would like to suggest, especially members of the editorial board. The authors may also include the names of up to 3 reviewers whom they would like to not evaluate their submission. The editor ultimately decides who reviews the manuscript.

Lastly, please note any potential overlapping content submitted or accepted to another journal or conference.

Manuscript Formatting

- Only Microsoft Word files will be accepted for review. br
- Manuscripts must be double-spaced, including references, figure legends, and tables.
- We recommend using Times New Roman 12-point font.
- Leave 1-inch margins on all sides. Number every page, beginning with the abstract page, including tables, figure legends, and figures.
- Manuscripts should be presented in the following sequence:
    - **Title page**
    - **Abstract**
    - **Text, including Introduction, Methods, Results, Discussion and Summary/Conclusions**
    - **Acknowledgments**
    - **Sources of Funding**
    - **Conflict(s)-of-Interest/Disclosure(s)**
    - **References**
    - **Figure Legends**
    - **Tables**
    - **Figures**
    - **Online Supplement**
- Cite each reference in the text in numerical order and list in the References section. In text, reference numbers may be repeated but not omitted. Do not duplicate references either in text or in the reference list.
- Cite each figure and table in the text in numerical order.
- Upload one copy of any in-press article that is cited in the references, if applicable.
- Upload one copy of any abstracts published or submitted for publication, if applicable.
- Use SI units of measure in all manuscripts. For example, molar (M) should be changed to mol/L; mg/dL to mmol/L; and cm to mm. Units of measure previously reported as percentages (e.g., hematocrit) are expressed as a decimal fraction. Measurements currently not converted to SI units in biomedical applications are blood and oxygen pressures, enzyme activity, H+ concentration, temperature, and volume. The SI unit should be used in text, followed by the conventionally used measurement in parentheses. Conversions should be made by the author before the manuscript is submitted for peer review.
- Provide $US dollar equivalents if you include other currency amounts in the manuscript.
- Please provide sex-specific and/or racial/ethnic-specific data, when appropriate, in describing outcomes of epidemiologic analyses or clinical trials; or specifically state that no sex-based or racial/ethnic-based differences were present. See the **Recommendations for the Conduct, Reporting, Editing, and Publication of Scholarly Work in Medical Journals** for more details.
- Please review the correct usage of the terms “sex” and “gender.” “’Gender’ refers to a person’s self-representation...or how that person is responded to by social institutions on the basis of the person’s gender presentation. ‘Gender’ is rooted in biology and shaped by environment and experience;” “sex” describes

a class of “living things as male or female according to their reproductive organs and functions assigned by chromosomal compliment” (AMA 10th ed. 2007: p 395. Please use the terms appropriately.

- **New December 2016:** Confidence intervals should be reported instead of P values for estimated parameters, such as odds ratios and relative risks; P values should be reported only for relevant analytic tests. Authors are encouraged to avoid the pitfalls associated with the misuse of P values as measures of significance. Please refer to "The ASA's Statement on p-Values: Context, Process, and Purpose." *The American Statistician.* 2016.70;2: 129-133. **http://dx.doi.org/10.1080/00031305.2016.1154108**.
- Authorship Responsibility and Copyright Transfer Agreement Forms (and Licensing Agreements for Original Contributions) are ONLINE ONLY. Forms will be required PRIOR to resubmission, or if the manuscript has only one version (e.g., a letter to the editor) after acceptance. Each author will be sent an email containing a link to the form at the appropriate time.
- Consult the AMA Manual of Style: A Guide for Authors and Editors, 10th ed, Oxford: Oxford University Press; 2007, for style.
- Consult current issues for additional guidance on format.

Title Page

- The first page of the manuscript should be the title page. This page must include:
- Full title of the article, limited to 120 characters.
- Authors’ names, highest academic degree earned by each, authors’ affiliations, name and complete address for correspondence, and address for reprints if different from address for correspondence. Please also include any study group or collaboration in the author list, i.e., “ . . .Last Author, on behalf of the Stroke Study Group”
- Fax number, telephone number, and e-mail address for the corresponding author.
- Cover title (total characters must not exceed 50, including spaces) to be typeset on the top of the journal page.
- Itemized list of the tables and figures
- 3 to 7 key words for use as indexing terms. Consider using terms found in the **Medical Subject Headings (MeSH)** database.
- Subject Terms for use as search terms across Highwire Press online journals Article Collections database. Please select from the **Journal Subject Terms List.**
- Clarified August 19, 2016. Specify the number of words in the whole document on your title page, e.g., Word Count: 4896. Word count should include all parts of the manuscript (i.e., title page, abstract, main body of text, acknowledgments, sources of funding, disclosures, references, figure legends, tables, and appendices intended for print publication). Over-length manuscripts will NOT be accepted for publication. See the Costs to Authors above.

Abstract

- Do not cite references in the abstract.
- Limit use of acronyms and abbreviations.
- Be concise (250 words, maximum).

- Updated December 2015: For authors following the PRISMA guideline, please use the journal abstract headings detailed below.
- The abstract should have the following headings:
    - Background and Purpose (description of rationale for study)
    - Methods (brief description of methods)
    - Results (presentation of significant results)
    - Conclusions (succinct statement of data interpretation)
    - When applicable, include a fifth heading: “Clinical Trial Registration” Please list the URL, as well as the Unique Identifier, for the publicly accessible website on which the trial is registered. If the trial is not registered, please indicate the reason in the heading.
        - Example 1: Clinical Trial Registration-URL: http://www.clinicaltrials.gov. Unique identifier: NCT00123456.
        - Example 2: Clinical Trial Registration-URL: http://www.controlled-trials.com. Unique identifier: ISRCTN70000879.
        - Example 3: Clinical Trial Registration-URL: http://www.chictr.org. Unique identifier: ChiCTR-RCH-14004884.
        - Example 4: Clinical Trial Registration-This trial was not registered because enrollment began prior to July 1, 2005.

Text

- The following are typical main headings: Materials and Methods, Results, Discussion, and Summary.
- Abbreviations must be defined at first mention in the text, tables, and figures.
- Introduction: This section should briefly introduce the context of the results to be presented and should duplicate what is contained elsewhere in the manuscript

Methods:

- For any apparatuses used in Methods, the complete names of manufacturers must be supplied.
- For human subjects or patients, describe their characteristics.
- For animals used in experiments, state the species, strain, number used, and other pertinent descriptive characteristics.
- When describing surgical procedures on animals, identify the preanesthetic and anesthetic agents used, and state the amount or concentration and the route and frequency of administration for each. The use of paralytic agents, such as curare or succinylcholine, is not an acceptable substitute for anesthetics.
- For other invasive procedures on animals, report the analgesic or tranquilizing drugs used. If none were used, provide justification for such exclusion.
- Manuscripts that describe studies on humans must indicate that the study was approved by an institutional review committee and that the subjects gave informed consent.
- Manuscripts involving animals must indicate that the study was approved by an institutional animal care and use committee.
- Reports of studies on both animals and humans must indicate that the procedures followed were in accordance with institutional guidelines.
- All drugs should be referred to by their generic names rather than trade names. The generic chemical identification of all investigational drugs must be provided.

- A statistical subsection must be provided at the end of the Methods section describing the statistical methodology employed for the data presented in the manuscript.
- The Methods section should provide essential information related to the conduct of the study presented in the manuscript. For methodology previously published by the authors, the prior publication should be referenced and a copy of the paper provided to the reviewers, if necessary.
- The Methods section should only contain material that is absolutely necessary for comprehension of the results section. Additional (more detailed) methods can be provided as a data supplement.
- Prevention of bias is important for experimental stroke research (see **Macleod et al, *Stroke*.2009;40:e50-e52**). For studies where the primary objective is the preclinical testing of therapies, the following checklist items must be adhered to and clearly documented in the manuscript:
    - Animals: Species, strains and sources must be defined. For genetically modified animals, wildtype controls including background and back-crossing must be defined.
    - Statistics and sample size: Specific statistical methods must be defined, including parametric versus nonparametric and multigroup analyses, and sample size powering based on expected variances and differences between groups.
    - Inclusions and exclusions: Specific criteria for inclusions and exclusions must be specified. For example, only animals where blood flow reductions fall below a certain threshold are included. Or only animals with a certain degree of neurological deficits are included. Once animals are randomized (see below), all excluded animals must be reported, including explicit presentation of mortality rates.
    - Randomization, allocation concealment and blinding: All animals must be randomized. Investigators responsible for surgical procedures or drug treatments must be blinded. End point assessments must be performed by investigators blinded to the groups for which each animal is assigned.
- Any submitted meta-analyses should follow the PRISMA or MOOSE guidelines. The authors must clearly state in the Methods section which guideline was followed. Details on PRISMA can be found here **http://www.prisma-statement.org.** Details on MOOSE can be found via the **EQUATOR Network**.

Results:
This section should succinctly report the results of experimental studies and clinical research or clinical series/observations.

New December 2016: Confidence intervals should be reported instead of P values for estimated parameters, such as odds ratios and relative risks; P values should be reported only for relevant analytic tests. Authors are encouraged to avoid the pitfalls associated with the misuse of P values as measures of significance. Please refer to "The ASA's Statement on p-Values: Context, Process, and Purpose." *The American Statistician.* 2016.70;2: 129-133. **http://dx.doi.org/10.1080/00031305.2016.1154108**.

Discussion:

This section should not reiterate the results but put the results in appropriate context regarding relevant literature and the importance of new observations contained in the manuscript.

Summary/Conclusions:
A brief paragraph summarizing the results and their importance may be included but is not required.

Acknowledgments

The acknowledgments section lists all substantive contributions of individuals. Authors should obtain written, signed permission from all individuals who are listed in the "Acknowledgments" section of the manuscript, because readers may infer their endorsement of data and conclusions. These permissions must be provided to the Editorial Office. Please see the Acknowledgment Permission Form. The corresponding author must mark the following statement on the ONLINE ONLY Copyright Transfer Agreement form or Licensing Agreement, certifying that (1) all persons who have made substantial contributions in the manuscript (e.g., data collection, analysis, or writing or editing assistance), but who do not fulfill authorship criteria, are named with their specific contributions in the Acknowledgments section of the manuscript; (2) all persons named in the Acknowledgments section have provided the corresponding author with written permission to be named in the manuscript; and (3) if an Acknowledgments section is not included, no other persons have made substantial contributions to this manuscript.

Sources of Funding

Authors must list all sources of research support relevant to the manuscript in this location. All grant funding agency abbreviations should be completely spelled out, with the exception of the NIH. Note that funding should be listed separately from disclosures.

Disclosures

Authors must state disclosures in the manuscript text prior to first review and provide disclosures online when submitting a revision or upon request after acceptance. Disclosures stated in the text must match the online disclosures. If you have no disclosures, please state "Disclosures: None" in the manuscript text before the references. Conflicts of interest pertain to relationships with pharmaceutical companies, biomedical device manufacturers, or other corporations whose products or services are related to the subject matter of the article. Such relationships include, but are not limited to, employment by an industrial concern, ownership of stock, membership on a standing advisory council or committee, being on the board of directors, or being publicly associated with the company or its products. Other areas of real or perceived conflict of interest could include receiving honoraria or consulting fees or receiving grants or funds from such corporations or individuals representing such corporations. The corresponding author should collect Conflict of Interest information from all co-authors before submitting a manuscript online.

References

- Accuracy of reference data is the author's responsibility. Verify all entries against original sources, especially journal titles, inclusive page numbers,

publication dates, accents, diacritical marks, and spelling in languages other than English.

- Do not list the month/issue/day (the number in parentheses) in the reference.
- References with more than 6 authors should list the first 6 authors followed by et al.
- Cite references in numerical order according to first mention in text.
- Personal communications, unpublished observations, and submitted manuscripts must be cited in the text, not in the references, as "([name(s)], unpublished data, 2016)"
- References must be from a full-length publication in a peer-reviewed journal.
- Abstracts may be cited only if they are the sole source and must be identified in the references as "Abstract"
- "In-press" citations must have been accepted for publication and the name of the journal or book publisher included. Please provide a copy of any potentially overlapping manuscript that has been submitted to another journal or is in press or published elsewhere.

Example References:

Print journal reference: Parker SA, Bowry R, Wu T-C, Noser EA, Jackson K, Richardson L, et al. Establishing the First Mobile Stroke Unit in the United States Stroke. 2015;46:1384-1391.

Online journal references: Chamberlain AM, Brown RD, Alonso A, Gersh BJ, Killian JM, Weston SA, et al. No Decline in the Risk of Stroke Following Incident Atrial Fibrillation Since 2000 in the Community: A Concerning Trend. J Am Heart Assoc. 2016;5:e003408.

Li J, Liu J, Liu M, Zhang S, Hao Z, Zhang J, et al. Closure versus medical therapy for preventing recurrent stroke in patients with patent foramen ovale and a history of cryptogenic stroke or transient ischemic attack. Cochrane Database of Systematic Reviews. 2015; 9: CD009938.

Publish-Ahead-of-Print reference: Knutson JS, Gunzler DD, Wilson RD, Chae J. Contralaterally Controlled Functional Electrical Stimulation Improves Hand Dexterity in Chronic Hemiparesis: A Randomized Trial. [published online ahead of print September 8, 2016]. Stroke. 2016. http://stroke.ahajournals.org/content/early/2016/09/08/STROKEAHA.116.013791.abstract. Accessed September 9, 2016.

Book Reference: Caplan L. Caplan's Stroke: A Clinical Approach. 4rd Ed. Philadelphia, PA: Saunders; 2009.

Website reference: Stroke Death Rates, Total Population Age 65+. National Heart Disease and Stroke Maps. National Center for Chronic Disease Prevention and Health Promotion, Division for Heart Disease and Stroke Prevention. http://www.cdc.gov/dhdsp/maps/national_maps/stroke65_all.htm. Accessed September 6, 2016.

Web sites generally follow this format: Author names (if any). Title of information or page. Name of website. URL. Publication date (if any). Access date.

Software Manual Reference: StataCorp. Stata statistical software: Release 12. College Station, TX: StataCorp LP; 2011.

Government Bulletin: Author. Title of bulletin. Place of publication: Name of issuing department or agency; publication date. Page numbers (if any). Publication number (if any). Series number (if any).

Database reference: CANCERNET-PDQ [database online]. Bethesda, MD: National Cancer Institute; 1996. Updated March 29, 1996.

Figure Legends

Provide figure legends on a separate page of the manuscript.
Permission is required for all images that are reused or adapted from another source. To obtain permission, please follow the instructions provided by the copyright holder or listed in the license agreement. This includes Creative Commons material; please refer to **http://creativecommons.org/licenses** for more information about properly crediting Creative Commons sources. Follow the copyright holder or licensor's requirements for credit attributions and provide them in the figure legend. If no language is provided in the permission letter, use the following sample: Reprinted from Lin et al,19 with permission from Science Publishing. Copyright 2016, American Science Society.

Tables

- Each table must be typed on a separate sheet and double-spaced, if possible. The table number should be Arabic, followed by a period and a brief informative title.
- Use the same size type as in text.
- Tables should be cell-based (i.e., constructed using Microsoft Word tables or Excel). Do not use tabs or hard returns. Do not supply tables as graphics.
- Tables should be used to present comparisons of large amounts of data at a glance. Tables with only 1 or 2 rows of data should be incorporated into the text.
- Tables should be as compact as possible. Avoid unnecessary rows and columns.
- Use indenting within the stub column to indicate subgroups. Do not use bold, shading, rules, etc.
- Tables should not contain vertically merged cells; horizontally merged cells are permitted when necessary in the heading row.
- Internal headings are not permitted outside of the stub column. If internal headings are required, the table should be split into 2 tables.
- No internal shading is permitted.
- Units of measure should be in the heading row or stub column rather than the body of the table whenever possible.
- Indicate footnotes in the table in this order: *,†, ‡, §, | |, #, * * . Follow AMA 9th edition for footnote styles.
- Permission is required for all tables that are reused or adapted from another source. To obtain permission, please follow the instructions provided by the copyright holder or listed in the license agreement. Follow the copyright holder or licensor's requirements for credit attributions and provide them in the table footnote. If no language is provided in the permission letter, use the following sample: Reprinted from Roberts et al,14 with permission from Smith Publishing. Copyright 2015, American Society of Medical Research.

Figures

- The combined total number of figures and tables is limited to 6 (3 for Brief Reports). Each figure may contain up to 4 panels (i.e., parts A to D) and must conform to the requirements for figures described below.
- Authors should be pleased with the figure submission quality before submission. We recommend that you print the figure at its final publication size to check the quality.

- Figures should be submitted as high-resolution TIFF or EPS files. PowerPoint files are discouraged because elements within the figure (such as axis labels) may shift location or drop out during conversion. If there are no other options, then a PPT file may be accepted. JPEG, Word, and Excel files should not be used. See Artwork and Table Guidelines (PDF) for instructions for creating high-quality digital art.
- Figures should be supplied at the highest resolution possible for optimal clarity. Color figures should be at least 300 dpi; halftones, 600 dpi; and line art, 1200 dpi.
- Figures should be submitted at the final publication size. Please note that most figures will be sized at 1 column wide. Dimensions for figures are:
    - 1 column: 3.25 inches wide (8 cm or 19.5 picas)
    - 2 columns: 6.80 inches wide (17.272 cm or 40.8 picas)
- Color figures should be in RGB (red/green/blue) mode. If a figure is supplied in CMYK (cyan/magenta/yellow/black) mode, there may be a shift in the appearance of colors, especially fluorescents. Figures that will appear in black and white should be submitted in black and white.
- For line and bar graphs and pie charts, ensure that the colors/lines/symbols used for the different sets of data are easily distinguishable. Hair lines are hard to reproduce as are lines that are too thick, as they may make it hard to distinguish between the coordinates.
- Graphs and charts should have a white background.
- Labels for panels should be uppercase letters (A, B, C, D) in boldface Arial or Helvetica.
- Multipart figures may have no more than 4 panels (i.e., A, B, C, D).
- Multipart figures may be set at 2 columns across the page and should be laid out horizontally if appropriate.
- Use the same font (typeface) throughout the figure. Sans serif fonts, such as Arial and Helvetica, work best.
- Use the largest font size possible without distorting the figures. Text for super- or subscripts should be no smaller than 6 points.
- Whenever possible, all text within a figure should be the same size. If this is not possible, the font size should vary by no more than 2 points.
- Label units of measure consistently with the text and legend. Follow the AMA for unit abbreviations.
- Incorporate figure keys into the legend rather than including them as part of the figure whenever possible.
- Avoid heading/Title on the figure. Title information should be included in the figure legends.
- Any abbreviations or symbols used in the figures must be defined in the figure or figure legend.
- Follow AMA 9th edition for footnote style in legends.
- If the figure is reprinted/adapted from another source, please provide a permission letter and include the source in the legend as noted above.
- Supply a scale bar with photomicrographs.
- Authors are responsible for the cost of printing color illustrations. Authors are also responsible for obtaining from the copyright holder permission to reproduce previously published artwork.

- See AMA, 10th edition, Section 4.2 for more information on figures.

Online Supplement

- This optional section provides an opportunity for authors to present supporting materials to the manuscript. The manuscript appears both in the print version and online, whereas Online Supplements are independent from the manuscript and appear only online in the format submitted by the authors. Online Supplements undergo peer review and therefore must be submitted simultaneously with original submissions.
- Any collaborators who need to be cross-referenced in PubMed should be listed either as authors or, for study groups, in the main manuscript file as an Appendix. This information is included in the word count. If contributors do not need to be listed as authors or cross-referenced in PubMed, then they may be included in a PDF Data Supplement to the manuscript.
- Online Supplements may consist of any of the following, in any combination: the expanded materials and methods; additional figures and supporting information; additional tables and supporting information; and, video files.
- The guidelines below should be used for online supplements:
    - Material to be published as an online only supplement should be uploaded online as a single PDF. An exception to this would be if the online supplement is a video file.
    - The online supplement should have a title page with the label of ONLINE SUPPLEMENT above the title. The supplemental material to be included in this PDF is as follows: Supplemental Methods, Supplemental Tables, Supplemental Figures and Figure Legends, and Supplemental References. If applicable, the legends for the Video files should also be included in this PDF.
    - The online supplement should be single-spaced.
    - If citations are made in the Online Supplement, the Online Supplement must contain its own independent Reference Section with references numbered sequentially, beginning with reference 1, even if some of these references duplicate those in the print version.
    - Number supplementary figures and tables as Figure I, Figure II, Table I, Table II, etc.
    - Place the supplemental figure legend underneath the corresponding figure.
    - When referring to online-only material in the print version of the manuscript, use the phrase “please see http://stroke.ahajournals.org”
- Data Supplements appear only online and will not appear in reprints of the article. The Editorial Office is not responsible for converting files to a suitable format.

ANEXO D – Normas da Revista Journal of Physiotherapy (Artigo 3)

JOURNAL OF PHYSIOTHERAPY

Author Information

Journal of Physiotherapy (JoP) is the first Open Access core physiotherapy journal; it welcomes contributions that are relevant to the science or practice of physiotherapy.

IMPACT FACTOR:

2015: 4.000

CONTENT

Original Research

The Editorial Board is committed to publishing excellent research and will consider the following types of papers:

• Systematic reviews

Systematic reviews are strongly preferred over narrative (non-systematic) reviews. High quality systematic reviews with firm conclusions are a publication priority. However, systematic reviews are unlikely to be published if they find there is not enough good quality evidence to review or if the literature is inconclusive. Note that this journal gives priority to systematic reviews that are prospectively registered in a publicly available register (e.g., PROSPERO at http://www.crd.york.ac.uk/PROSPERO). Authors should submit evidence of registration when submitting a manuscript for consideration. There are specific guidelines available for this type of study at the end of the Presentation section of these Author Guidelines.

• Clinical trials

All clinical trials submitted to JoP must have been registered in a publicly-accessible trials register. We will accept any register that satisfies the International Committee of Medical Journal Editors requirements (such as The Australian New Zealand Clinical Trial Registry at http://www.anzctr.org.au). Authors must provide the name and website address of the register and the trial registration number on submission. The journal will only accept trials that have been registered prospectively unless data collection began before 2006, in which case retrospective registration is acceptable. There are specific guidelines available for this type of study at the end of the Presentation section.

• Economic analyses

• Experimental studies

• Qualitative studies

Qualitative research refers to research where the analysis of data involves qualitative judgements. Commonly qualitative research explores aspects of the human, social world. Qualitative research methodologies include narrative inquiry, case studies, naturalistic inquiry, ethnography, hermeneutics, phenomenology, and survey research using open-ended questions. There are specific guidelines available for this type of study at the end of the Presentation section.

• Epidemiological studies

• Observational studies

• Narrative reviews
Narrative reviews critically appraise and summarise literature on a common topic area but do not set specific criteria for selecting literature to be included or a specific review protocol. A narrative review draws together major arguments in a field of discourse or provides a significant historical review of an important aspect of physiotherapy. Narrative reviews should be on topics that do not lend themselves to systematic reviews, e.g., examination of the mechanisms underlying a clinical phenomenon. Narrative reviews will almost always be invited and will be considered only if they are written by authors with extensive research experience in the field, usually reflected in multiple significant publications. Authors considering submission of a narrative review should first consult the Journal Editor regarding potential suitability of the review for publication. Narrative reviews of intervention, diagnosis, and prognosis will generally not be accepted.

The following types of studies are a low priority:
• Studies of the reliability or validity of clinical measurement procedures
• Surveys of physiotherapy students
• Surveys of physiotherapy practice
• Any survey with a low response rate (less than 70%)

Submission of these types of studies should be accompanied by a short (less than 100 words) explanation of why the study would be of particular interest to readers of JoP. The Editorial Board will decide, on the basis of this explanation and the abstract, whether the manuscript should be considered for publication. If accepted, such studies will be published as papers of less than 2000 words with no more than one table or figure.

The following types of studies are not accepted:

• Clinical practice guidelines
Although the journal is particularly interested in presenting the recommendations of clinical practice guidelines to its readers, clinical practice guidelines are often developed by consensus and may be endorsed by a professional body. This can make it difficult to apply the Journal's normal process of peer review. Therefore, particularly relevant guidelines that have been developed using a rigorous process and endorsed by a high quality professional body, such as NHMRC, will be summarised in the Appraisal section of the journal, but will not be republished. Details of the location where hard or electronic copies of the full guidelines are available will be given in the summary.
• Pilot studies
Pilot clinical trials are those that are not designed to have adequate statistical power. Their purpose is to test the feasibility of an intervention in terms of recruitment and delivery of the intervention, as well as to examine the rate of dropouts. They usually provide information to power a future trial and do not therefore reach firm conclusions.

Manuscript length (not including title page, abstract, references, tables or figure legends) depends on the type of study:
• Systematic reviews: up to 5000 words
• Clinical trials, experimental and qualitative studies: up to 3500 words
• Observational studies: up to 2500 words

Authors may be invited, or in some cases required, to place important supplementary material as electronic addenda (eAddenda) on the JoP web site.

MANUSCRIPT PRESENTATION

Research manuscripts should consist of a title page, abstract, text, references, tables, and figures. Manuscripts should be prepared with 2.5 cm margins and a footer containing an abbreviated title, the first author's family name, page number and date. The abstract, introduction, method, results, and discussion should be 1.5 line-spaced, but all other text should be single-spaced. Put a double return between paragraphs. Download the journal's manuscript template.

Title Page

The title of the manuscript should not be more than 25 words and should be in two parts. Give the main results of the study followed by a colon and the method used, e.g., 'A resource-efficient exercise program after discharge from rehabilitation improves standing ability in people after stroke: a randomised trial'. Download example titles for different research designs.

Then, list all authors and their degrees, positions, institutions, country, and email address. Nominate a corresponding author for the review who is authorised to negotiate and approve editorial revisions, provide his/her title (Professor, Dr, etc.), and give contact details (email address). You may nominate a different corresponding author for publication; provide his/her title (Professor, Dr, etc.) and short contact details (department/institution, postal address and email address).

Provide a running head of up to six words. Next, for indexing purposes, select up to five key words from the Index Medicus Medical Subject Headings (MeSH). MeSH Headings can be found on the PubMed MeSH browser at http://www.nlm.nih.gov/mesh/meshhome.html.

List the word count for the abstract and the body of the text, as well as the number of references, tables, and figures.

Finally, list the Ethics Committee(s) that approved the study and the procedures for gaining consent, source(s) of support, acknowledgements, and any competing interests. The statements regarding ethics and consent do not need to be re-stated in the body of the manuscript. Acknowledgments should include statements of important contributions that do not justify authorship. The nature of the contribution should be specified. It is customary to seek permission of people named in the acknowledgments. Download the journal's Title Page template.

Abstract

An abstract of no more than 250 words is required for all submissions using the headings: Question, Design, Participants, Intervention, Outcome measures, Results, Conclusion, and Trial registration (if appropriate). The results should include estimates of effect sizes and their confidence intervals rather than *p* values. Abstracts should not

contain references. Download examples of abstracts for different research designs

Introduction

The introduction should justify the aims of the research. Only references essential to understanding these aims should be included. Introductions rarely need to be longer than five paragraphs. At the end of the introduction, list the research questions as given in the Abstract again. Download Research question examples for different research designs

Method

Use the subheadings: Design; Participants, therapists, centres; Intervention; Outcome measures; and Data analysis, as appropriate to the design of the study. Restrict headings to no more than two levels of importance (i.e., avoid sub-subheadings). Where aspects of the method have been described in other widely-available publications a reference to those publications may suffice, whereas newly-developed procedures should be described in more detail.

In the **Design** section, describe the overall design, especially the timing of intervention and measurement, and any randomisation or blinding procedures.

In the **Participants, therapists, centres** section, outline the recruitment procedures and the inclusion and exclusion criteria for eligibility of participants, therapists, and centres.

In the **Intervention** section, give as much detail as necessary so that the intervention could be faithfully replicated by a reader. If this requires extensive material, consider placing some in an Appendix, which can be an electronic-only addendum to the paper.

In the **Outcome measures** section, state the impairment/activity limitation/participation restriction being collected (e.g., walking) and its measurement with units (e.g., velocity during 10 m Walk Test in m/s). Other examples are: strength measured as peak isometric elbow extensor torque using hand-held dynamometry in Nm, or pain measured as intensity at rest on a 10 cm VAS in cm. It can be useful to divide outcome measures into those examining impairments vs activity limitations vs participation restrictions. It is only necessary to refer to manufacturers' information for equipment when the precise specifications could be important to interpretation of the study. Information should be placed in a footnote at the end of the text, coded using consecutive, superscripted lower case letters.

In the **Data analysis** section, outline any *a priori* power analysis carried out to determine the number of participants needed for the study. Outline any conversions or calculations made with the data. Explain how the research questions are answered by the interpretive tests but do not name the statistical package used if it is widely available.

Results

The first subheading should be **Flow of participants, therapists, and centres**

through the study where the numbers at each point in the study are presented as well as baseline characteristics. The remainder of the results should report only the data that answer the research questions and should be organised under subheadings that reflect those questions. Pertinent results should be reported using text and/or tables and/or figures; tables are more useful than figures because exact values are given. Avoid repeating in the text data presented in tables or figures. Do not duplicate data in tables and figures.

When reporting data, be conscious of the precision of the data and only report a meaningful number of decimal places. Usually, report numbers between 0 and 1 to 2 decimal places, between 1 and 10 to 1 decimal place, and above 10 with no decimal place.

All data reported as numbers should also be given as a percentage of the sample (in brackets) rounded off, e.g., 17 (34%) participants were men. All data reported as means should also be accompanied by the standard deviation (in brackets), e.g., the mean height of participants was 1.53 m (SD 0.23).

When reporting the results of interpretive tests, report the size of the effect rather than its statistical significance, e.g., 'People with arthritis were twice as likely to sprain their ankle (OR 0.50, 95% CI 0.25 to 0.75)' or 'People after stroke walked 0.65 m/s (95% CI 0.60 to 0.70) slower than their age-matched healthy counterparts', but not 'People with asthma were significantly more breathless after exercise (p = 0.02)'.

Discussion

New and important findings should be emphasised but, as a rule, data already presented in the Method and Results sections should not be repeated. Implications and limitations of the findings and their clinical application should be discussed. The length of the Discussion should be commensurate with the number of important findings; usually it will be less than 750 words. Do not include a separate conclusion at the end of the Discussion.

References

Only essential references should be cited. Most research will require fewer than 30 references. If the research requires considerably more (e.g., systematic reviews of areas with many clinical trials), references may be provided as supplementary material or eAddenda.

The referencing style used by the journal is the JAMA style, which can be found as a standard referencing style in EndNote, RefWorks, Mendeley, and Zotero. If you use reference management software such as these, please convert your paper to the JAMA style before submission. Journal titles should be abbreviated according to the journals list in PubMed. Please ensure that all references are complete and presented using numbered style.

Data references

This journal encourages you to cite underlying or relevant datasets in your manuscript

by citing them in your text and including a data reference in your Reference List. Data references should include the following elements: author name(s), dataset title, data repository, version (where available), year, and global persistent identifier. Add [dataset] immediately before the reference so we can properly identify it as a data reference. This identifier will not appear in your published article. [dataset] 5. Oguro, M, Imahiro, S, Saito, S, Nakashizuka, T. Mortality data for Japanese oak wilt disease and surrounding forest compositions, Mendeley Data, v1; 2015. http://dx.doi.org/10.17632/xwj98nb39r.1.

Tables

Tables should appear after the references and each table should start on a separate page. They should be numbered consecutively in the order to which they are referred in the text. A short caption should be given above each table (e.g., 'Table 1. Characteristics of participants.'). Within the table, give the units of outcome measures in brackets and italics, e.g., *(m/s)*. When reporting counts (frequencies), give percentages in brackets. Use abbreviations for time (i.e., *s, min, hr*, etc.) and amount (i.e., *kg, deg, Nm*, etc.) without a legend explaining them. Where abbreviations for physiotherapy-specific terms are used (e.g., ROM, MCP, etc.), provide a legend below the table. Tables should be presented with a minimum of horizontal lines and no vertical lines. Download examples of tables.

Figures

Figures should start on a separate page after the tables. They should be displayed at the proposed publication size and numbered consecutively in the order to which they are referred in the text. A short caption should be given below each figure, e.g., 'Figure 1. Mean (SD) effect of posture on forced expiratory volume for the experimental group (closed circles) and the control group (open circles)'. Do not place boxes around figures. Do not put axes on the top and right sides of graphs. Use symbols and/or line types rather than colour to differentiate data. Where several graphs refer to closely-related material, present them as separate panels of a single figure labelled A, B, C, etc., and provide one caption explaining what is in each panel. Photographs should be in sharp focus, have simple backgrounds, and be in black and white unless colour is essential to illustrate the point (e.g., MRI).

For publication, photographs should be supplied as digital images saved at a minimum of 300 dpi in .jpg format. Graphs and line drawings generated by commonly-used graphing programs (such as Microsoft Excel) are acceptable. Written permission should be obtained for use of previously published Figures and Tables, and for publication of photographs of recognisable subjects. These documents should be uploaded with the final manuscript once it has been accepted.

Boxes

When information needs to be listed but is not a table (contains numbers) or a figure (photograph, graph, or flow diagram), then it should be called a Box. Boxes should be numbered consecutively in the order to which they are referred in the text. A short caption should be given above each box (e.g., 'Box 1. Elements of a viable patient education program.') Download examples of boxes formatted to these specifications.

Style

Manuscripts should be written in simple, direct, and grammatically-correct English. Use Australian/English spelling. Use gender neutral and non-labelling language (e.g., 'People with back pain' rather than 'back pain patients'). When people are enrolled in a trial, use 'participant' rather than 'subjects'. Use capitals (upper case letters) sparingly but capitalise proper nouns. Divisions of the data set are also capitalised (e.g., 'Group 1' or 'Stage 2'). See previous issues for other specific aspects of JoP style.

Click below for the guidelines and examples available for the following types of studies:
• Systematic Review guidelines
• Systematic Review examples
• Clinical Trial guidelines
• Clinical Trials examples
• Qualitative Study guidelines
• Papers reporting the results of questionnaires guidelines

MANUSCRIPT SUBMISSION

All manuscripts, correspondence and editorial material for publication should be submitted online via the Elsevier Editorial System at http://ees.elsevier.com/jphys. Authors first 'create a new account' (i.e., register) by following the instructions at the website, and using their own email address and selected password. Authors can then upload manuscripts containing text, tables, images (figures), and any supplementary material (eAddenda). You will be guided stepwise through the creation and uploading of the various files. The entire peer-review process is managed electronically to ensure timely review and publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, takes place by email and via the Author's homepage, removing the need for a hard-copy paper trail.

Note: articles submitted for the review process may be edited after acceptance to conform to journal standards. For this an 'editable' file format is necessary; we prefer a Word file. Ensure that all track changes have been accepted and the reviewing function is turned off. Retain identical hard and electronic copies of the manuscript and all illustrative material. Manuscripts will be acknowledged on receipt. Those which are not presented according to *Journal of Physiotherapy* guidelines will be returned to the author for amendment. Although Elsevier can process most file formats, should your electronic file prove to be unusable, the article will be typeset from the hardcopy printout and particular care should be taken to check the proofs.

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, without the written consent of the Publisher.

Compulsory Authorship Form

JoP policy on Authorship is based on the guidelines for authorship in the International Committee of Medical Journal Editors Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals 2004 (www.icmje.org) which states that 'authorship should be based on 1) substantial contributions to conception and design, or acquisition of data, or analysis and interpretation of data; 2) drafting the article or revising it critically for important intellectual content; and 3) final approval of the version to be published. Conditions 1, 2, and 3 must all be met. Acquisition of funding, the collection of data, or general supervision of the research group, by themselves, do not justify authorship'. Manuscript submission, and completion of the online Authorship form signifies that all authors satisfy the ICMJE criteria for authorship.

OPEN ACCESS

This journal is Open Access. All articles will be immediately and permanently free for everyone to read and download. Permitted reuse is defined by the following Creative Commons user license:

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives (CC BYNC-ND): for non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

Open Access of articles is sponsored by the Australian Physiotherapy Association.

PEER REVIEW

Research manuscripts are subject to peer review.

This journal operates a double blind review process. All contributions will be initially assessed by the editor for suitability for the journal. Papers deemed suitable are then sent to a minimum of two independent expert reviewers to assess the scientific quality of the paper. The Editor is responsible for the final decision regarding acceptance or rejection of articles. The Editor's decision is final. For more information on the types of peer review, please visit: https://www.elsevier.com/reviewers/peer-review.

Reviewers will usually have specific expertise in the field and a record of recent publication in peer-reviewed journals. Reviewers are asked to advise the Journal Editor if the manuscript is credible and of importance to the physiotherapy profession; they are also asked to comment on the manuscript's validity, relevance, clarity, and conciseness. They are asked to provide their reports within four weeks of receipt of the manuscript.

Reviewers are asked to consult checklists where appropriate. Specifically, reviewers of randomised controlled trials are asked to consult the CONSORT e-checklist, reviewers of systematic reviews are asked to consult the PRISMA statement, and reviewers of studies of the accuracy of diagnostic tests are asked to consult the STARD checklist. These checklists can be found at http://www.consort-statement.org/resources/downloads

The Journal Editor considers the reviewers' comments and decides if the manuscript is to be accepted in its current form, accepted subject to minor revisions, potentially publishable but requiring significant revision, or not suited to publication in JoP. Authors are provided with the reviewers' comments, sometimes with additional comments made by the Scientific Editor, and are informed of the decision. Authors of manuscripts requiring revision are invited to consider and respond to the comments made by the reviewers and the Journal Editor, revise the manuscript accordingly, and re-submit. Usually the revised manuscript is returned to the original reviewers for further comment. Some manuscripts undergo several rounds of review before a final decision (accept or reject) is made.

Usually authors hear within 7-10 days if the journal Editor decides that the submission is not suitable for publication in JoP. Time to first decision after review (accept, revise with guarantee, revise without guarantee, or reject) is generally no more than 2 months from submission. Once accepted, manuscripts will go into production and be made available online as an article in press. They undergo extensive editing to improve clarity and comply with JoP style. Author(s) are given the opportunity to review the accuracy of the edited manuscript at proof stage prior to publication. Authors are provided with a .PDF of the final version.

TRIAL PROTOCOLS

Journal of Physiotherapy accepts research protocols for major prospective studies. An abstract of the protocol will be published in the journal, supported by the full version of the protocol available as Appraisal content from the journal website.

To be eligible for consideration the study must have received competitive research funding. Submissions will be reviewed by the Protocol Section Editor, and by members of the Journal's Editorial Board, with particular focus on the quality of the proposed methods, relevance of the study to physiotherapy, and innovation. The protocols we select for publication need to meet several high standards including that the trial will be likely to directly influence how physiotherapists practice, and/or the trial will significantly enhance understanding of conditions treated by physiotherapists.

Protocols must be submitted via the Elsevier electronic manuscript submission system (EES) including upload of the full study protocol and an abstract prepared according to the *Journal of Physiotherapy* Protocol template; and upload of a completed Authorship statement.

EDITORIALS

Journal of Physiotherapy publishes one or two editorials on scientific or professional issues of physiotherapy practice in each issue. Editorials are usually commissioned; however, anyone wishing to write an editorial should contact the Journal Editor at ScientificEditorJoP@physiotherapy.asn.au for discussion about the topic. Editorials should be no more than 2000 words with a maximum of three authors (unless agreed with the Journal Editor before the work begins) and 20 references. Commissioned editorials are not formally peer reviewed, but may be subject to informal review. Non-commissioned editorials will be formally peer reviewed.

CORRESPONDENCE

Correspondence to *Journal of Physiotherapy* should be uploaded via the Elsevier Editorial System. Correspondence is reviewed by the Journal Editor and may be edited. Generally, correspondence falls into two categories: letters challenging physiotherapy assumptions about practice, and letters commenting on papers published in the journal (particularly welcome). In general, such letters should be submitted soon after publication of the paper they refer to. Authors of the papers will usually be invited to reply.

All letters should be no more than 500 words and should contain no more than five references.

RETRACTION POLICY

The Journal may, under certain circumstances, publish a retraction or issue an expression of concern or issue a correction. The circumstances under which retractions or expressions of concern or corrections might be published are outlined in the Retraction Guidelines published by the Committee for Publication Ethics.

OFFPRINTS

The corresponding author will be notified and receive a link to the published version of the open access article on ScienceDirect. This link is in the form of an article DOI link which will be valid forever and can be shared via email and social networks. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's Webshop. Authors requiring printed copies of multiple articles may use Elsevier WebShop's 'Create Your Own Book' service to collate multiple articles within a single cover.